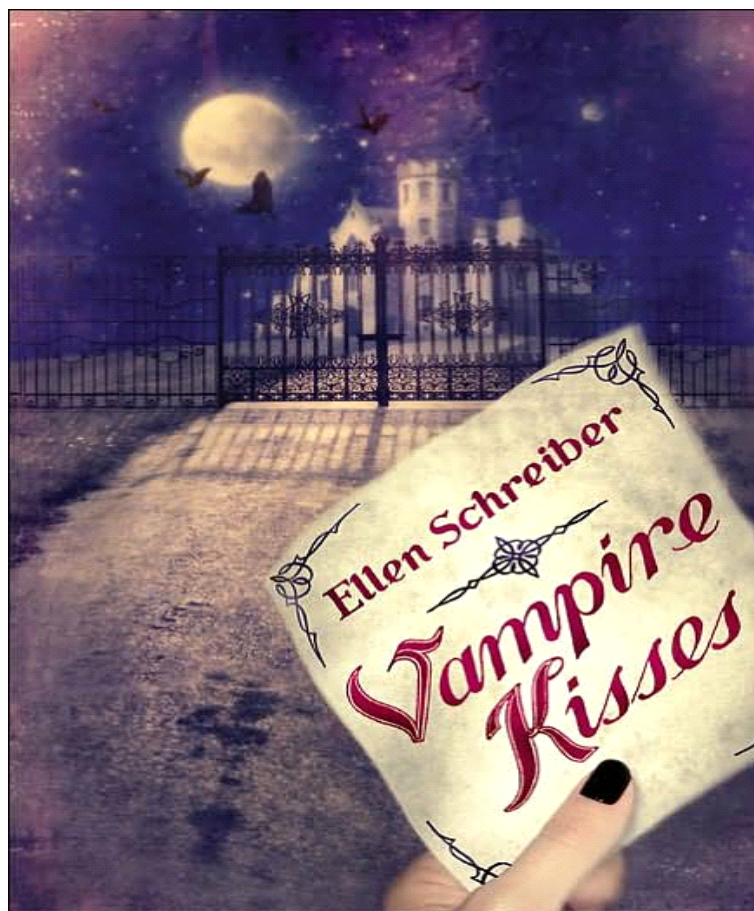




Vampire Kisses Livro 1

por Ellen Schreiber

Para meu pai, Gary Schreiber, com todo meu amor; por ter me dado asas para voar.

“Eu quero um relacionamento em que eu possa finalmente cravar os meus dentes dentro.”



—Alexander Sterling

Os fatos mais excitantes que aconteceram in Dullsville na minha vida, em ordem cronológica:

1. O vagão do trem das 03h10min saiu do trilho derrubando caixas do Tootsie Rolls, que nós devoramos em algumas horas.
2. Um aluno do ultimo ano explodiu uma bomba de cereja no banheiro causando sérios danos a escola e a fazendo fechar por uma semana.
3. No meu aniversário de 16 anos houve rumores de que a família que havia se mudado para a mansão mal assombrada no topo da Colina Benson eram vampiros.

Capítulo 1 - Monstrinho

Aconteceu pela primeira vez quando eu tinha cinco anos. Eu tinha acabado de terminar de pintar no *livro do jardim da infância*. Ele era cheio de desenhos tipo Picasso da minha mãe e do meu pai, colagens com papeis coloridos e respostas para perguntas (cor favorita, animais, melhor amiga etc), escrito pela nossa professora de cem anos, Mrs. Peevish.

Meus colegas de sala e eu estávamos sentados em um semicírculo no chão na área de leitura.

- Bradley, o que você quer ser quando crescer? - Mrs. Peevish perguntou depois que todas as outras perguntas foram respondidas.

- Bombeiro!

- Cindi?

- Uh... uma enfermeira, “ Cindi Warren suspirou em resposta.

Mrs. Peevish perguntou ao resto da sala. Policiais, Astronautas, Jogadores de futebol. Finalmente chegou minha vez.

- Raven, o que você quer ser quando crescer? ” Mrs Peevish perguntou, seus olhos verdes me encarando.

Eu não disse nada.

-Uma atriz?

Eu balancei minha cabeça negativamente.

- Médica?

- Nuh, uh, eu disse.

- Aeromoça?

- Nunca! - Eu repliquei.

Então o que? – Ela perguntou entediada.

Eu pensei por um momento – Eu quero ser...

- Sim?

- Eu quero ser... uma vampira! Eu gritei para o choque e assombro da senhora Peevish e meus colegas de classe. Por um momento eu pensei que ela tinha começado a rir; talvez ela realmente tenha rido. As crianças que sentavam perto de mim se afastaram. Eu passei a maior parte da minha infância assistindo os outros se afastarem.

Eu fui concebida no colchão de água do meu pai ou no telhado do dormitório de faculdade da minha mãe sob estrelas cintilantes, dependendo de quem conta a história. Eles eram almas gêmeas que não conseguiam se separar durante os anos setenta: amor verdadeiro misturado com drogas, incenso barato e músicas do Grateful Dead. Uma garota com bijuteria hippie, tops curtos, jeans cortados e pé no chão interligada com um cara de cabelo grande, barbudo, com estilo meio Elton John, doidão, com roupas zen, cheio de broches e com sandálias de couro. Acho que eles foram sortudos por eu não ser mais excêntrica. Eu poderia ter querido ser um lobisomem barbado e hippie! Mas de alguma forma eu me tornei uma obcecada por vampiros.

Sara e Paul Madison tornaram-se mais responsáveis depois de minha vinda ao mundo. Ou pelo menos a cara de drogados diminuiu. Eles venderam a combi florida em que eles viviam e começaram a realmente alugar uma propriedade. Nosso apartamento hippie era decorado com pôster 3D de flores que brilhavam no escuro e tubos laranjas com substâncias estranhas que se mexiam sozinhas e que você poderia ficar olhando-as para sempre. Esse foi o melhor tempo da minha vida. Nós três ríamos e jogávamos Chutes e Ladders e ficávamos com os dentes sujos de Twinkies. Nós dormíamos tarde assistindo filmes do Drácula, *Sombras Escuras*, com o infame Barnabas Collins, e *Batman* numa tevê preto e branco que recebemos quando abrimos uma conta no banco. Eu me sentia seguro sob o cobertor da meia noite, mexendo na barriga da minha mãe que crescia mais e mais e que fazia barulhos como a substância laranja esquisita. Eu imaginei que ela estaria dando luz a mais substância do mesmo tipo. Tudo mudou quando ela deu a luz a um garoto; só que ele não era uma substância que se mexia. Ela

deu a luz a um Nerd! Como ela pode? Como ela pode destruir todas as nossas noites de Twinkies? Agora ela ia para a cama cedo com aquela criação que os meus pais chamavam de Billy, que chorava e esperneava a noite toda. De repente eu estava sozinha. Era só o Drácula, o Drácula da tevê, que me fazia companhia enquanto minha mãe dormia, o menino Nerd chorava e meu pai trocava fraudas fedorentas no escuro.

E como se isso não fosse ruim o suficiente eles me mandaram para um lugar que não era o meu apartamento. Que não tinha pôster de flores 3D nas paredes, só colagens feitas a mão por crianças. *Quem decora isso aqui?* Eu pensei. Estava lotado de catálogos da loja Sears, com vestidos balão e garotos de calças dobradas e cabelos perfeitamente penteados. Mamãe e Papai chamavam aquilo de jardim da infância.

- Eles serão seus amigos – Minha mãe me garantiu quando eu fui para o seu lado receosa. Ela deu um tchauzinho e me mandou beijos enquanto eu ficava sozinha com a malvada senhora Peevish, que era tão solitária quanto uma pessoa era capaz de ser. Eu assisti minha mãe se afastar com o garoto Nerd preso em sua cintura enquanto ela o levava de volta para o lugar cheio de pôster que brilhavam no escuro, filmes de monstros e Twinkies.

De alguma forma eu sobrevivi aquele dia. Cortando e colando papeis, pintando os lábios da Barbie de preto e contando para a professora ajudante histórias de fantasmas; enquanto as crianças do catálogo da loja Sears corriam ao redor como se todos eles fossem convidados de um piquenique de uma família-modelo americana. Eu até estava feliz quando vi o garoto Nerd quando a minha mãe finalmente veio me pegar.

Aquela noite ela me encontrou com os meus lábios pregados na tela de tevê tentando beijar Christopher Lee em O terror de Drácula.

- Raven! O que você está fazendo acordada tão tarde? Você tem escola amanhã!

- O quê? – Eu perguntei. A torta de cereja que eu estava comendo caiu no chão e o meu coração caiu junto com ela.

- Mas eu pensei que seria só daquela vez! – Eu disse em pânico.

- Querida Raven. Você tem que ir todo dia!

Todo dia? As palavras ecoaram na minha cabeça. Era uma sentença de morte!

Naquela noite nem o garoto Nerd conseguiria competir com as minhas dramáticas lágrimas e rebuliços. Quando eu deitei sozinha na minha cama eu rezei por escuridão eterna e um sol que nunca acordasse. Infelizmente no dia seguinte eu acordei com a luz da manhã me cegando e uma dor de cabeça terrível.

Eu decidi que devia ficar perto de uma pessoa com quem eu me identificasse. Mas eu não consegui encontrar nenhuma, em casa ou na escola. Em casa o líquido laranja foi substituído por abajours Tiffany. Os postes que brilhavam no escuro foram cobertos por papel de parede Laura Ashley. E a nossa tevê preto e branco foi substituída por um modelo de vinte e cinco polegadas.

Na escola ao invés de cantar as músicas de *Mary Poppins*, eu assobiava o tema de *O Exorcista*.

Na metade do jardim de infância eu tentei virar uma vampira. Trevor Mitchell, um loiro perfeitamente penteado e com fracos olhos azuis, era minha presa do momento. Eu o lancei um olhar ameaçador quando ele tentou passar à minha frente na fila. As crianças e a professora o beijavam porque o pai dele era dono da maioria das terras em que suas casas eram situadas. Trevor estava na fase de morder. Não porque ele queria ser um vampiro como eu, mas só porque ele era malvado. Ele tinha arrancado pedaços de carne de todo mundo, menos da minha. Eu estava começando a ser seguida.

Nós estávamos no parque perto da cesta de basquete quando eu arranquei a pele de seu pequeno braço com tanta força que eu achei que ia espirrar sangue. Sua face ficou vermelha. Eu esperei imóvel. O corpo de Trevor tremeu de raiva. Seus olhos brilharam com vontade de vingança e eu despreocupadamente sorri de volta. Então ele deixou suas expressões dentárias na minha mão. Mrs. Peevish foi forçada a colocá-lo junto à parede da escola e eu dancei alegremente ao redor do parque esperando para me transformar em uma vampira.

- Essa Raven é uma esquisita. – Eu escutei a senhora Peevish dizendo para outra professora quando eu passei por um Trevor chorão e o mandei um beijo de gratidão com uma minha mão mordida. Eu usei minhas asas orgulhosamente no pátio da escola. Eu podia voar agora, certo? Mas precisava de algo para me colocar em alta velocidade. Eu estava ansiando pelas nuvens macias e planejava voar pelo parque na frente de um Trevor perplexo. Ao invés disso eu me esborrachei na areia causando danos na minha mão mordida. Chorei mais por que não possuía poderes sobrenaturais como meus heróis da tevê do que pela minha pele machucada. Com a minha mão coberta de gelo a senhora Peevish me colocou no muro para descansar enquanto o mimado de nariz empinado do Trevor agora estava livre para brincar. Ele mandou-me um beijo implicant e disse “obrigado“. Eu mostrei minha língua e o chamei de um nome que eu tinha ouvido alguém falar em *O Poderoso Chefão*. Mrs. Peevish me mandou para dentro imediatamente. Eu fui mandada várias vezes para dentro durante a minha infância. Era o meu destino.

Capítulo 2 - Dullsville

Na placa oficial de boas vindas da minha cidade devia ter escrito “Bem vindo a Dullsville – maior que uma caverna, mas pequena o suficiente para sentir claustrofobia”.

Uma população de 8 mil clones, uma previsão do tempo que é perfeitamente miserável o ano todo – ensolarado –coberta de casas que parecem feitas de biscoitos e fazendas que se espalham por aí – essa é Dullsville. O trem das 8:10 que passa pela cidade separa o “lado certo” do “lado errado” da cidade: os milhares e os campos de golfes, os tratores dos carrinhos de golfe. Eu acho que a cidade tem os valores trocados. Como é que a terra onde cresce milho pode valer menos do que a terra cheia de armadilhas de areia?

O tribunal de cem anos se localiza na praça da cidade. Eu ainda não arrumei encrenca o suficiente para ser arrastada até lá – ainda. Butiques, uma agência de viagens, uma loja de computadores, uma floricultura e um cinema de segunda; todos se localizam felizmente ao redor da praça. Eu queria que nossa casa ficasse nos trilhos, em rodas, e nos carregassem para fora dessa cidade, mas nos estamos “do lado certo”, perto do clube de campo. Dullsville. O único lugar interessante é uma mansão abandonada que uma baronesa exilada construiu no topo de Benson Hill, onde ela morreu sozinha. Eu só tenho uma amiga em Dullsville – uma fazendeira, Becky Miller, que ainda é menos popular do que eu. Eu estava na terceira série quando oficialmente a conheci. Sentada nos degraus da escola esperando que minha mãe viesse me pegar (atrasada como sempre), agora que ela estava tentando bancar p Cathy Corporativa. Eu notei uma menininha nos degraus de baixo, chorando como um bebê. Ela não tinha nenhum amigo, por ser tão tímida e viver no lado leste das estradas. Ela era uma das poucas fazendeiras da nossa escola e sentava duas filas atrás de mim na classe.

- O que há de errado?- Eu perguntei, sentindo pena dela.

- Minha mãe me esqueceu! – Ela respondeu com as mãos cobrindo o rosto pateticamente molhado.

- Não, ela não esqueceu. – Eu consolei.

- Ela nunca ficou tão atrasada.

- Talvez ela esteja presa no trânsito.

- Você acha?

- Claro! Ou talvez ela tenha recebido uma ligação daqueles vendedores que sempre perguntam “sua mãe está em casa?”.

- Sério?

- Acontece o tempo todo. Ou talvez ela tenha parado para comprar comida e a fila do 7-Eleven estava muito longa.

- Ela faria isso?

- Porque não, você tem que comer, não tem? Então não tema, logo ela vai estar aqui.

Confirmando as minhas certezas, uma picape azul chegou com uma mãe se desculpando e um amigável cachorro.

- Minha mãe disse que você pode ir para minha casa no sábado se seus pais não se importarem. –

Becky disse, correndo de volta para mim.

Nunca ninguém havia me convidado para ir na sua casa antes. Eu não era tímida como a Becky, mas apenas não era popular. Eu sempre estava atrasada para escola por dormir demais, eu usava óculos escuros na classe, e eu tinha opiniões, tudo totalmente atípico de Dullsville.

Becky tinha um quintal tão grande quanto a Transilvânia – um ótimo lugar para se esconder, brincar de monstros e comer todas as maçãs frescas que o estômago de uma criança na 3ª série podia agüentar. Eu era a única criança na nossa sala que não batia nela, a excluía, ou a chingava e eu ainda chutava qualquer um que tentasse. Ela era minha sombra em 3ª dimensão. Eu era sua melhor amiga e seu guarda-costas. E ainda sou.

Quando eu não estava brincando com Becky, eu passava meu tempo colocando batom e esmalte preto, com as minhas botas de combate desgastadas, enterrando minha cabeça em romances de Anne Rice. Eu tinha 11 anos quando minha família foi para Nova Orleans, passar as férias. Mamãe e papai queriam jogar blackjack no casino Flamingo riverboat. O Garoto Nerd queria ir para o aquário. Mas eu sabia para onde iria: Eu queria visitar a casa onde Anne Rice nasceu, as casas históricas que ela restaurou e a mansão que ela agora chamava de casa.

Eu fiquei lá parada, deslumbrada, do lado de fora dos portões de ferro de uma mega-mansão gótica, minha mãe (minha escudeira não convidada) ao meu lado. Eu podia sentir os corvos voando sobre minha cabeça, mesmo que provavelmente não houvesse nenhum. Era uma pena eu não ter vindo à noite – teria sido tão mais bonito. Muitas garotas que se pareciam comigo estavam do outro lado da rua, tirando fotos, Eu quis correr até elas e dizer “Sejam minhas amigas! Nós podemos fazer um tour pelos cemitérios juntas!”. Foi a primeira vez na vida em que senti que pertencia a alguma coisa. Eu estava na cidade onde eles empilhavam os caixões para que todos pudessem ver, em vez de enterrá-los

terra a fundo. Havia caras da faculdade com cabelo louro espetado dividido ao meio. Pessoas descoladas estavam em todo lugar, exceto na Rua Bourbon, onde os turistas pareciam ter saído de Dullsville. De repente, uma limusine preta parou na esquina. A limusine mais preta que eu já vi. O motorista, com aquele chapéu preto de chauffeur e tudo mais, abriu a porta e ela saiu!

Eu pirei e assisti, sem-ção, como se o tempo tivesse parado. Bem diante dos meus olhos estava a minha ídola entre todos os meus ídolos vivos, Anne Rice.

Ela brilhava como uma estrela de cinema, um anjo gótico, uma criatura dos céus. Seu longo cabelo preto flutuava e balançava. Ela usava uma faixa dourada na cabeça, uma longa saia de seda e uma capa escura que parecia de vampiro. Eu estava sem palavras. Achei que fosse entrar em estado de choque. Felizmente, minha mãe nunca fica sem palavras.

- Minha filha podia ter seu autógrafo, por favor?

- Claro! – Respondeu a rainha das aventuras sombrias.

Eu andei até ela como se minhas pernas feitas de Marshmallows pudessem derreter a qualquer momento.

Depois de ela ter assinado um post-it amarelo que minha mãe achou na bolsa, a estrela gótica e eu ficamos lado a lado, sorrindo, o braço dela na minha cintura.

Anne Rice concordou em tirar uma foto comigo!

Eu nunca havia sorrido assim na vida. Ela provavelmente sorriu como havia feito milhões de vezes antes. Um momento que ela nunca vai lembrar, um momento que eu nunca vou esquecer.

Porque eu não disse a ela que amo seus livros? Porque eu não disse a ela o quanto significa para mim?

Que eu achava que ela lidava com as coisas de um jeito que ninguém mais fazia?

Eu gritei de felicidade pelo resto do dia, reencenando a cena de novo e de novo para o meu pai e o

Garoto Nerd. Era nosso 1ª dia em Nova Orleans e eu estava pronta para ir para casa. Quem se importava com um estúpido aquário e Mardi Gras quando eu tinha acabado de ver um anjo vampiro?

Eu esperei o dia todo para revelar o filme, só para descobrir que a minha foto com Anne Rice não saiu.

Triste, eu voltei ao hotel com minha mãe. Mesmo eu e ela já termos aparecido em fotografias

separadamente, seria possível que a combinação de 2 amantes de vampiros não pudesse ser

fotografada? Ou talvez fosse uma lembrança que ela era uma brilhante autora de best-sellers e eu era

apenas uma criança escandalosa e sonhadora passando por uma fase sombria. Ou talvez fosse apenas

porque minha mãe é uma péssima fotógrafa.

Capítulo 3 - Picadinho de Monstro

Meu Doce Décimo Sexto aniversário. Todos os aniversários não deveriam ser doces? Por que os dezesseis anos seriam mais doces que qualquer outro aniversário? Parecia muito exagero para mim! Em Dullsville, eles comemoram hoje, meu décimo sexto aniversário, como qualquer outro dia. E tudo começou com o Garoto Nerd me chamando:

- Acorde, Raven. Você não quer se atrasar. É hora da escola!

Como duas crianças poderiam vir dos mesmos pais e ser tão diferentes? Talvez tenha algo a ver com a teoria do carteiro. Mas quanto ao Garoto Nerd, minha mãe deve ter tido um caso com o bibliotecário. Arrastei-me para fora da cama e pus um vestido preto de algodão sem mangas e botas de caminhada pretas e passei batom preto por todos meus lábios.

Dois bolos brancos floridos, um no formato de um 1 e o outro no formato de um 6, esperavam na mesa da cozinha.

Passei o dedo no bolo 6 com meu dedo indicador e lambi a camada de glacê.

- Feliz aniversário! – disse minha mãe, beijando-me. – O bolo é para a noite, mas você pode ficar com isso. – disse ela, dando-me um pacote.

- Feliz aniversário, Rave. – disse meu pai, também me dando um beijo na bochecha.

- Aposto que você não tem idéia do que está me dando. – zombei de meu pai enquanto segurava o pacote.

- Não. Mas tenho certeza que custou caro.

- Quis comprar algo especial. – disse minha mãe, sorrindo. Rasguei o pacote excitadamente e levantei a tampa da caixa de jóia. Um cordão de pérolas brancas e brilhantes me encarou.

- Toda garota deveria ter um colar de pérolas para ocasiões especiais. – minha mãe refulgiu.

Esta era a minha mãe em uma versão incorporada de uma hippie que ama colares. Forcei um sorriso torto enquanto tentava esconder minha decepção. – Obrigada. – disse eu, abraçando ambos. Comecei a recolocá-lo na caixa, mas meus pais me enviaram um olhar fulminante, então o coloquei relutantemente por eles.

- Parece deslumbrante em você. – minha mãe iluminou-se.

- Irei usá-las em algo realmente especial. – respondi, colocando-as de volta na caixa.

A campainha tocou e Becky entrou com uma bolsa de presente preta pequena. – Feliz aniversário! – gritou ela quando entramos na sala de estar.

- Obrigada. Você não precisava me dar nada.

- Você diz isso todo ano. – zombou ela e entregou-me a bolsa. – A propósito, vi um furgão de mudanças noite passada do lado de fora da Mansão! – murmurou ela.

- Fala sério! Alguém finalmente se mudou?

- Imagino que sim. Mas vi os carregadores levando em uma mesa de carvalho, relógios de vovô e caixas enormes marcadas como “Terra”. E eles têm um filho adolescente.

- Eles provavelmente nasceram usando calças cáqui. E tenho certeza que seus parentes são uns chatos antiquados. – repliquei. – Espero que não reformem a casa e cacem todas as aranhas.

- É. E destruam o portão e coloquem uma cerca branca de estacas.

- E um ganso de plástico no jardim da frente.

Ambas demos risadinhas nervosas quando pus a mão dentro da bolsa.

- Eu queria comprar algo especial, já que você está fazendo dezesseis anos.

Tirei um colar de couro preto com um charmoso pingente. O charme era um morcego.

- Amei! – gritei, colocando-o.

Minha mãe olhou de soslaio da cozinha para mim.

- Da próxima vez lhe daremos o dinheiro. – ouvi minha mãe dizer a meu pai.

- Pérolas! – murmurei para Becky ao sairmos da casa.

Eu estava na aula de Educação Física usando uma blusa preta, short e botas de combate ao invés do branco-a-branco e sapatos para ginástica. *Realmente, qual era a vantagem?* - Pensei. Um traje branco faz do aluno um atleta melhor?

- Raven, não quero mandar você para a secretaria hoje. Por que não me dá um descanso e veste o que tem que vestir? – reclamou Senhor. Harris, o professor de educação física.

- É meu aniversário. Talvez você pudesse *me* dar um descanso uma vez!

Ele me encarou, não sabendo o que dizer.

- Só hoje. – finalmente concordou. – E não é por causa do seu aniversário, mas sim porque não estou com vontade de te mandar para a secretaria.

Becky e eu demos risadas enquanto íamos embora para as arquibancadas, onde a classe esperava.

Mitchell, meu inimigo de jardim de infância e seu amigo fiel, Matt Wells, nos seguiram. Eles eram

perfeitamente penteados, conservadores, jogadores de futebol ricos e esnobes. Sabiam que possuíam uma ótima aparência e me irritavam por serem tão convencidos.

- Doce dezesseis anos! – disse Trevor, obviamente ouvira minha conversa com o Sr. Harris. – Que adorável! Madura para o amor, não acha, Matt? – Eles estavam perto de nossos calcanhares.

- É, cara. – concordou Matt.

- Mas talvez esta seja a razão para ela não vestir branco, porque branco é para as virgens, certo, Raven? Ele era lindo, não havia dúvidas. Os olhos azuis dele eram bonitos e o cabelo parecia tão perfeito quanto o de um modelo. Tinha uma menina para cada dia da semana. Era um garoto mau, mas foi o fato de ele ser um garoto rico mau, que o tornou muito chato.

- Ei, não sou a única a vestir roupas de baixo brancas, sou? – perguntei. – Você está certo – há uma razão para eu só vestir preto. Talvez você deva cair fora daqui logo.

Becky e eu sentamos longe, no fim das arquibancadas, deixando Trevor e Matt para trás.

- Então, o que fará em seu aniversário? – Trevor gritou, sentando-se com resto da classe, alto o bastante para todos ouvirem. – Você e a fazendeira Becky ficarão em casa na Sexta à noite vendo *Sexta-feira 13*? Colocando anúncios, talvez: “Garota monstro caucasiana busca companheiro para compromisso eterno.

Não gostei quando Trevor caçoou de mim, muito menos quando caçoou de Becky.

- Não, estava pensando em uma festa de arromba do Matt. Caso contrário ninguém de interessante apareceria.

Todo mundo chocou-se e Becky revirou os olhos, como dizendo: *Por que está me arrastando para isso agora?* Nunca estivemos em uma das festas altamente populares de Matt. Nunca fomos convidadas e não iríamos, se tivéssemos sido. Pelo menos, eu não.

Toda a classe esperou pela reação de Trevor.

- Claro, você e Igor podem vir... mas lembre-se, bebemos cerveja e não sangue! – toda a classe riu de novo e Trevor comprimimentou Matt com uma batida de mãos.

Só quando Sr. Harris soou seu apito, sinalizando para que saíssemos rápido das arquibancadas e corrêssemos em círculo como cãezinhos na quadra.

Becky e eu caminhamos, indiferentes a nossos colegas sudoríparos.

- Não podemos ir para a festa de Matt. – disse Becky. - Quem sabe o que farão conosco?

- Veremos o que eles farão. Ou o que faremos. Este é meu Doce Décimo Sexto aniversário, lembra-se? Um aniversário para nunca esquecer!

Capítulo 4 -Verdade Ou Medo

As coisas mais empolgantes que aconteceram em Dullsville na minha vida, em ordem cronológica:

1. O trem das 3:10 saltou dos trilhos, derramando caixas de Tootsie Rolls, que nós devoramos.
2. Um aluno do ultimo ano explodiu uma bomba de cereja no banheiro causando sérios danos a escola e a fazendo fechar por uma semana.
3. No meu décimo sexto aniversário houve rumores de que uma família de vampiros se mudou para a Mansão assombrada em cima do topo de Benson Hill!

A lenda da Mansão se passou como isso: Foi construída por uma baronesa romena que fugiu de seu país após uma revolta camponesa na qual seu marido e a maioria de sua família foram mortos. A baronesa construiu sua nova casa em Benson Hill parecida com sua propriedade na Europa em todos os detalhes, exceto pêlos cadáveres.

Ela vivia com o seu mordomo em isolamento total , com medo de estranhos e multidões. Eu era criança na época de sua morte e nunca a conheci, embora eu costumava brincar em seu solitário monumento no cemitério.

Pessoas diziam que sentava-se em cima da janela á noite para observar a lua, e que mesmo agora, quando a lua está cheia, se você olhar por um certo angulo , você pode ver seu fantasma sentado na mesma janela encarando o céu . Mas eu nunca vi ela. A Mansão tem sido assombrada desde então. Á rumores de que tinha uma filha Witchlike (não achei a palavra adequada, tentem praticante de magia) romena interessada em magia negra . Em qualquer caso, ela não estava interessada em Dullsville (Lady esperta!) . E nunca reclamou o lugar.

A Mansão de Benson Hill era muito linda para mim, no seu estilo gótico, mas para todos os outros é uma coisa horrorosa.

Foi a maior casa vazia na cidade. Meu pai diz que é porque isto é um testamento. Becky diz que é porque ela é assombrada. Eu acho que é porque as mulheres nesta cidade tem medo de poeira.

A Mansão, evidentemente, sempre me fascinou. Era minha Barbie Dream House, eu escalei o monte muitas vezes na esperança de detectar um fantasma. Mas eu só entrei de verdade uma vez, quando tinha doze anos. Eu estava esperando conseguir torna-la minha playhouse. Eu estava indo colocar um sinal que dissesse MENINOS NERDS NÃO PERMITIDOS. Uma noite eu escalei o portão de ferro forjado e corri até a curva da garagem particular.

A mansão era realmente magnífica, com trepadeiras escorrendo por seus lados como lágrimas caídas, tinta lascada, telhas despedaçadas e uma janela de sótão assustadora. A porta de madeira era como o godzilla, alta e poderosa - e trancada. Eu dei a volta. Todas as janelas estavam vedadas com grandes pregos, mas eu notei umas pranchas de madeira soltas na fanela do porão. Eu estava tentando puxá-las quando ouvi vozes.

Eu me abaixei atrás de alguns arbustos quando um grupo de estudantes do colegial tropeçava por perto. A maioria estava bebada e um deles estava com medo. "Vai lá Jack, todos nós já fizemos!" eles mentiram, empurrando um garoto usando um boné de baseball em direção a mansão. "Entra e tras pra gente uma cabeça encolhida!"

Eu pude ver que Jack Peterson estava nervoso. Ele era um cara bonito, daqueles que merecem que você tenha uma queda por ele, daquele que passava seu tempo atirando em arcos ou fazendo garotas suspirarem. Não entrando sorratamente em casas assombradas pra fazer amigos.

Era como se Jack já tivesse visto um fantasma antes de entrar na mansão. De repente ele olhou pra tras dos arbustos que eu estava escondida. Eu sufoquei um grito e ele gritou. Achei que nós dois fossemos ter um ataque do coração. Eu me abaixei de novo, pois escutei um grupo se aproximando. "Ele está gritando como uma garotinha e nem entrou ainda!" - um deles provocou. "Sai fora!" Jack disse pros caras "é pra eu fazer isso sozinho, certo?" ele esperou os outros irem embora e concordou com a cabeça. Um sinal que a barra estava limpa.

"Caramba garota, você me assustou! O que ta fazendo aqui?" "Eu moro aqui e perdi minhas chaves. Só estou tentando entrar" eu brinquei. Ele tomou folego e sorriu. "quem é você?"

"Raven. E eu ja sei quem você é. Você é Jack Patterson. Seu pai é dono da loja de departamento onde minha mãe compra bolsas. E Eu va vi você trabalhando no caixa." "É, eu achei que você fosse familiar." "Então, pq esta aqui?" "É um desafio. Meus amigos acham que a casa é mal-assombrada, e eu devo entrar e trazer um souvenir." "Como um sofá velho?" Ele sorriu aquele mesmo sorriso- "é bobinha, mas não importa. não tem jeito..."

"Tem sim!" e mostrei a ele as tábuas soltas da janela do porão.

"Você entra primeiro" ele disse me indicando com as mãos tremendo. "você é menor".

Eu escorreguei facilmente pela janela, pra dentro da casa. Lá era bem escuro, até mesmo pra mim. Eu mal podia distinguir as teias. Eu AMEI! Tinha porções de caixas de papelão por todo lado e cheirava como se o porão estivesse lá desde o início dos tempos. "vamos logo" eu disse.

"Eu não consigo me mover! Estou preso."

"Você tem que se mover ou você quer que eles te achem com a bunda pendurada pro lado de fora?" Eu puxei e empurrei. Finalmente Jack entrou, para meu alívio, mas não dele. Eu guiei-o assustado pelo porão. Ele segurava minha mão com tanta força que achei que ele fosse quebrar meus dedos.

Mas era bom segurar sua mão. Era grande, e forte, e masculina. Nada como a mão do garoto Nerd, que era pequena e fraquinha. "Onde estamos indo?" ele sussurrou numa voz assustada. "eu não vejo nada!" Eu podia distinguir as formas de grandes sofás e cadeiras, cobertas com toalhas brancas cheias de pó, que provavelmente pertencia a uma senhora que olhava pra lua.

"Eu vejo algumas escadas" eu disse "Apenas me siga."

"Eu não vou entrar mais do que isto! Você esta louca?"

"Que tal um espelho de corpo inteiro?" eu provoquei espionando por traz da toalha.

"Eu vou levar uma dessas caixas vazias"

"Não vai servir. Seus amigos vão matar você. Você será motivo de risadas para o resto da vida.

Acredita em mim, eu sei como é."

Eu olhei pra ele e vi o terror em seu rosto. Não pude ter certeza se ele estava com medo de seus amigos lá fora ou do porão que podia desabar a qualquer momento. Ou talvez ele estivesse com medo de fantasmas.

"Ok" eu disse "Você espera aqui."

"Como se eu pudesse ir a algum lugar! Não tenho a mínima idéia de como voltar!"

"Mas Primeiro...."

"O quê?"

"Solte minha mão."

"Ah, ta!" Ele me soltou. "Raven...."

"O que é?"

"Cuidado!" Eu parei.

"Jack, você acredita em fantasmas?"

"Não, claro que não!"

"Então você acredita que tem um fantasma aqui? Daquela senhora?"

"Sshhh. não fale tão alto!" Eu sorri com expectativa. Mas aí eu lembrei do desafio de seu grupo e pequei seu boné de baisedball. Ele gritou de novo.

"Relaxa, sou só eu, não um daqueles fantasmas no qual você não acredita."

Eu, cuidadosamente, subi os degraus barulhentos e esbarrei numa porta fechada no topo. Mas ela se abriu quando eu girei a maçaneta.

Eu estava num largo corredor. A luz da lua brilhava através de rachaduras nas janelas fechadas. A mansão parecia ainda maior do lado de dentro. Eu corri as mãos pelas paredes enquanto andava. A poeira suavemente cobrindo meus dedos. Eu virei uma esquina e tropecei numa grande escada. Que tesouros estavam lá em cima? É lá que o fantasma da baronesa aparecia?

Eu subi de ponta de pé, o mais silenciosamente possível com minhas botas de combate.

A primeira porta estava trancada, assim como a segunda e a terceira. Eu encostei meu ouvido junto a 4ª porta e ouvi um som fraco de choro vindo do outro lado. Um arrepio frio percorreu minha espinha. Eu estava no paraíso. Ao ouvir melhor, percebi que eu apenas o vento assobiando pelas janelas. Eu abri um armário, que rangeu como um caixão velho. Talvez eu achasse um esqueleto! A única coisa que descobri, na verdade, foram apenas um monte de cabides que penduravam teias de aranhas ao invés de roupas. Eu me perguntei onde estavam os fantasmas. Entrei na biblioteca. Um livro aberto estava aberto numa mesa pequena, como se a mulher que olhava pra lua estivesse lendo ao morrer.

Eu retirei *Castelos Romenos* da prateleira, esperando que abrisse uma passagem secreta para alguma masmorra assustadora. Nada se moveu, exeto uma aranha marrom e peluda que cruzou a prateleira empoeirada.

Mas no momento seguinte, eu ouvi um barulho alto e quase pulei no teto - era o barulho de uma buzina! Assustada, eu derrubei o livro. Eu havia me esquecido totalmente sobre a gangue do Jack e a minha nova missão.

Eu desci correndo a grande escada, pulando os últimos degraus. Uma luz brilhante entrava pelas janelas da sala. Fui até a bancada da janela e espiei o lado de fora. Eu podia vê-los sentados no capô do carro, os faróis iluminando o portão da mansão.

Um deles estava olhando na minha direção, então eu tirei o boné do Jack, e coloquei-o para fora da janela. Acenando como se tivesse acabado de chegar na lua. Eu me senti triunfante. Eles colocaram o polegar pra cima em resposta.

Eu achei Jack suando, sentado num canto do porão em cima de uma pilha de madeiras. Ele deveria estar pensando em ratos além de fantasmas.

Ele me agarrou como um garoto agarra sua mãe.

- Por que demorou tanto tempo?

Eu coloquei o boné de volta em sua cabeça.

- Você vai precisar disto.
- O que você fez com isso?
- Eu fiz com que eles soubessem que está tudo bem. Pronto?
- Pronto. - E ele me puxou para fora da janela como se o lugar estivesse pegando fogo. E eu notei que dessa vez ele não ficou preso.

Nós colocamos a madeira de volta no lugar. Parecia que nos nunca estivemos lá

- Nós não queremos que isso seja fácil para mais ninguém!

Ele me olhou de volta como se não soubesse o que fazer ou como me agradecer.

- Espera! Eu não peguei um souvenir! - Ele se deu conta.

- Eu entro de novo.

- Não mesmo!- Ele disse, agarrando meu braço.

Eu considerei por um momento.

- Aqui, pegue isso. - Eu dei para ele meu colar. Uma tira de couro preto com um medalhão de onix. - custou três dolares, mas parece que pertenceu a uma baronesa. Só não deixe ninguém avaliar muito.

- Mas você fez todo o trabalho e eu fico com todo o crédito.

- Pegue isso antes que eu mude de idéia.

-Obrigada - Ele pesou o colar em sua mão e me deu um beijo na bochecha. Eu me escondi enquanto ele corria de volta para os amigos, balançando o colar na frente de seus rostos e ganhando cumprimentos. Eles o adoravam agora, e eu também. Coloquei a minha mão imunda sobre a minha bochecha recém-beijada.

Depois desse dia Jack andava com os caras legais e até se tornou presidente de classe. De vez em quando eu o via na praça da cidade e ele sempre me dava um sorriso enorme.

Eu nunca tive a chance de retornar a minha casa dos sonhos da Barbie; espalhou-se por aí que o Jack havia entrado na mansão. Com medo de que mais crianças invadissem, a polícia vigiava a casa de noite. Só anos depois eu voltaria a mansão.

Capítulo 5 - A Luz Na Janela

Ainda suada por causa da classe de ginastica, eu e Backy passamos em frente a Mansão enquanto voltávamos pra casa. Notei uma coisa que eu nunca tinha visto antes; Uma luz na janela. As janelas - Elas não estão mais tampadas.

"Backy, olha!!" Gritei animada. Este era o melhor presente de aniversário do mundo.

Havia alguém parado na janela do sótão. Olhando acima das estralas.

"Ah não... É verdade Raven. Eles tem fantasmas!!" Backy gritou se agarrando no meu braço.

"Bem... Esse fantasma dirige uma mercedes preta." Eu disse apontando para o carro estacionado na entrada.

"Vamos embora" ela disse.

E então, derrepente a luz do sótão se apagou.

Nos duas ofegamos ao mesmo tempo. As unhas da Becky cravaram no meu sueter. Esperamos de olhos arregalados, alguma coisa acontecer.

"Vamos embora" Backy disse. Eu não me movi.

"Raven, eu estou realmente atrasada para o jantar. E estaremos duplamente atrasadas para a festa do Matt"

"Voce tem que se arrumar para ol'mattie?" Eu revidei com meus olhos grudados na Mansão. Mas quando ela não respondeu, me virei para encarar-la. Ela me olhava com os olhos estreitos.

"Voce acha" Eu disse " Voce acha que *eu sou* bizarra" declarei sacudindo minha cabeça.

"Raven, eu tenho que ir"

Eu teria esperado ate amanhã. Mas quem estava lá dentro não saia. A luz acesa da janela acendeu um fogo em minha alma.

"Vi uma mercedes estacionada na frente da Mansão" Informei minha a minha familia no jantar. Eu estava atrasada, como de costume. So que dessa vez, para meu proprio jantar de aniversário.

"Ouvi dizer que se pusessem a familia Addams" O garoto nerd disse.

"Talvez tenham uma filha da sua idade. Alguem que não goste de se meter em problemas" Minha mãe adicionou.

"Entao não terei nem um uso para ela"

"Talvez tenham um pai que gostaria de jogar tennis comigo" Meu pai disse esperançosamente.

"Seja la quem for, precisara se livrar de todas aquelas caixas e espelhos velhos" Adicionei não intendendo o que eu dizia.

"O que aconteceu?" Minha mãe me perguntou

"Não me diga que você invadiu a casa"

"Eu so ouvi alguma coisa assim"

"Raven" Minha mãe disse no tom de mãe desprovando alguma coisa.

Parecia que ninguém em Dullsville tinha visto os novos proprietários. Era maravilhoso ter um mistério nesta cidade pra variar.

Todo mundo sabe de tudo que acontece em Dullsville. A maioria não importava saber.

Matt Wells vive no lado bom da cidade. Do lado de Oakley Woods.

Backy e eu estávamos atrasadas. E entramos na festa com estrelas de cinema entram em um premiere de um filme.

"Esta tudo bem" Eu a tranquilizei "É só uma festa" Mas eu sei porque ela está nervosa. Estamos submetidas a zuação enquanto podíamos estar seguras em casa vendo TV, como Trevor disse. Mas porque os populares devem ter todo o divertimento? Só porque o quarto do Matt era do tamanho da minha sala de estar? Só porque não usamos roupas 'da moda'? Então eu digo, eu devo ficar sentada no sofá no meu aniversário de 16 anos?

Me senti como Moisés partindo o Mar vermelho, como uma multidão de pretensiosos lotando do corredor na nossa entrada. Fui com minha roupa gótica de sempre. Uma pena que Tommy Hilfiger não estava ali. Teria sido lisonjeada. Todo o mundo usava suas roupas como um uniforme de escola.

O som de Aerosmith invadiu a sala de estar do Matt. Uma camada grossa de fumaça apareceu acima dos sofás, e o aroma de cerveja veio ao ar como incenso barato.

As pessoas que não nos desaprovavam com o olhar se ocupavam em adorar uns aos outros. Ia ser inútil tentar conversar a qualquer um.

"Eu não posso acreditar que você apareceu," Matt disse quando nos viu corredor. "Tiraria uma fotografia, mas eu não sei se daria pra ver"! Ainda apesar de tudo, Matt não era tão cruel quanto Trevor. "Cervejas estão do lado de fora," então ele disse "Quer que me mostre onde"?

O Becky que estava admirando Matt, sacudiu a sua cabeça e se trancou no banheiro de corredor. O Matt riu e foi para a cozinha. Esperei na sala de estar, lendo atentamente os CD's. Michael Bolton, Celine Dion, e mais um monte de outros. Eu não estava surpresa.

Voltei pra comprovar se Backy estava no banheiro encontrei a porta aberta. Ela não estava no corredor, então andei pela multidão de gente até a cozinha. Um grupo de garotas com cortes de cabelo de cem dólares riram de mim e foram embora, me deixando em paz. Ou eu pensava que sim

"Hey mostra sexy" Uma voz disse atrás de mim. Era Trevor. Inclina contra a parede ao lado de mim, com uma lata de Budweiser dangling na sua mão.

"Este é o seu trabalho em cada festa?"

Ele sorriu. O sorriso sedutor dele. "Eu nunca beijei uma menina com lábios pretos antes".

"Você nunca beijou uma menina antes," Eu fui andando para ir embora. Mas ele agarrou meu braço me puxando para eu me apoiar nele. Me olhou com seus olhos azuis e me beijou... Na boca.

Okay, tenho que admitir... Ele beija bem. E não me machucou, o que era maneiro. Trevor Mitchell nunca na vida tinha me tocado. Nem se quer me beijado. A menos que voce conte a mordida do jardim de infancia. Ele tinha que estar bebado. Ele so podia estar brincando- talvez estivesse tentando tirar uma com minha cara. Mas o jeito que seus labios se movimentavam contra os meus... Parecia que nos dois apreciavamos isso. Eu não soube o que pensar quando ele me puxou para fora, pela porta de traseira. Passamos por pessoas bebadas se agarrando, latas de lixo e arvores espalhadas pela escuridao. "Não tem medo do escuro, menina monstro?" As arvores deixavam tão pouca luz aparecer que era quase impossivel ver as listras vermelhas na blusa dele.

"Não, eu me dou bem com ele"

Ele me empurrou em direção a uma arvore e começou a me beijar de verdade. Suas mãos estavam em todos os lugares, em mim, na arvore...

"Eu sempre quis beijar um vampiro" Ele disse quando parou por um momento.

"Eu sempre quis beijar um Neanderthal" Ele riu e voltou a me beijar.

"Então isso quer dizer que estamos juntos?"

"O que?" Ele me perguntou me encarando.

"Como vamos fazer? Vamos segurar as mãos nos corredores, sentar junto no almoço? Ver filmes nos fins de semana?"

"Yeah, que seja"

"Então estamos juntos agora?"

"Yeah". Ele riu. "Você pode me ver jogar futebol, e posso te ver transformar em morcego." Ele começou a morder suavemente meu pescoço. "Eu aposto que você gosta disso, não gosta, Garota monstro?"

Meu coração se afundou. Claro, eu realmente não quero ser namorada do Travor. Não é como se ele fosse Marte e eu Vênus, não somos nem sequer do mesmo universo! E eu nem sequer sou como ele. Eu sabia por que razão ele me trouxe aqui fora, eu sabia o que ele queria fazer, e eu sabia que ele ia dizer. E no final de tudo isso, ele pode ganhar dez dólares de todos os seus amigos pelas apostas. Eu tinha

esperança que ele estava indo para me provar que eu estava enganada. Ao invés disso, ele me provou que eu estava certa.

Era hora de começar a vingança. "Quer ver porque eu não uso branco? Quer voar comigo?"

"Yeah". Ele sorriu, tentando parecer desinteressado, mas ele estava muito ansioso. "Eu aposto que você gosta de voar voar SuperGirl!"

Eu guiei ele até a floresta. Eu obviamente podia ver melhor do que ele. Meus hábitos noturnos me fizeram uma grande observadora do escuro. Não sou tão boa como um gato, mas chego perto. Me senti segura e... Má, com a bela lua agora me guiando. Olhei para cima e vi vários morcegos voando sobre as árvores. Eu nunca vi morcegos em Dullsville. Mas eu não estava a fim de perder nem um minuto. "Não consigo ver" Trevor disse, tirando seu cabelo do rosto.

Eu continuei a andar, ele movia os braços como se estivesse indo para acertar alguma coisa. Algumas pessoas são violentas quando estão bebadas; alguns são retardados. Mas Trevor é um bêbado medroso. Ele era realmente estava bem... Frágil, agora.

"Vamos parar aqui", disse ele.

"Não, apenas um pouco mais", disse, vendo um morcego voando. "É o meu décimo sexto aniversário. Quero que esta seja uma noite que eu nunca vou esquecer! Precisamos total privacidade."

"Aqui já tem bastante privacidade" Ele disse tentando me beijar.

"Estamos quase lá" Eu disse me desviando dele.

Eu já não via mais as luzes da casa. E já não podia caminhar 5 passos sem bater numa árvore.

"Aqui está ótimo" Eu finalmente disse. Ele se encolheu. Não porque me amava. Mas porque estava com medo.

Foi patético.

Houve uma suave soprar do vento através das árvores, e o cheiro das folhas no Outono. Ouvi morcegos. A lua cheia iluminando suas asas. Teria sido romântico, só se eu tivesse tido um verdadeiro namorado comigo.

Trevor estava completamente cego nas trevas. Ele beijou todo o meu rosto e tocou minhas costas.

Mesmo cego, não levou muito para encontrar os botões da minha camisa.

"Não, você primeiro", eu disse a ele.

Eu fui levantado sua camisa, como mais lentidão exagerada. Eu nunca tinha feito isso antes. Ele estava vestindo uma blusa com gola em formato de V uma blusa por baixo, e outra blusa abaixo disso. *Isso vai levar anos*, pensei.

Senti seu peito nu. Por que não? Toquei seus musculos de leve. Foi suave e macio e muscular.

Ele se aproximou de mim, e minha blusa preta tocou em seu torso nu.

"Agora você, querida. Quero você do mesmo jeito"

"Oh, eu também querido" Eu disse revirando meus olhos. Estava escuro... Não estava?

me abaixei e tirei seus sapatos e meias. Ele rapidamente tirou o resto.

Ele me sustentou em seus braços, completamente nu. O ohei de cima a baixo. Aproveitando o momento.

Quantas meninas tiveram o Senhor Deslumbrante encostado assim em uma árvore, só pra ele rejeitalas no próximo dia? Eu não era a primeira, e não ia ser a última.

Bem... Eu vou ser diferente.

"Ande logo- Venha aqui" Ele disse "Estou com frio"

"Acabo em um minuto. Não quero você me ver tirar a roupa"

"Eu não posso ver. Não posso ver nem minha mão"

"Bem, me de suas roupas"

Estava com as roupas de Trevor Mitchell nos meus braços. Suas blusas, calça e roupas de baixo. Estava no poder. O que eu podia fazer?

Bem... Eu corri. Corri tão rápido como eu nunca tinha corrido antes.

Os morcegos voaram como se estivessem em sincronização com meus movimentos. Eu rapidamente cheguei a casa, com as roupas do Trevor nos meus braços. Os populares bebendo no jardim estavam ocupados de mais conversando sobre suas vidas ridículas para notar eu esvasiando metade de uma sacola de lixo cheia de latas de cerveja e colocando as roupas do Trevor dentro. Carreguei a sacola até encontrar Becky, ela se assustou quando a puxei pelo braço. Ela estava entregando cerveja para um monte de jogadores de pôquer.

"Onde você estava"? ela gritou. "Eu não te achava em lugar nenhum! Fui forçado esperar neste lugar! Comida, cerveja, comida, cerveja. E agora cigarros! Raven, onde eu vou arranjar cigarros?"

"Esquece os cigarros! Temos que correr!"

"Ei, garota, onde estão os pretzels?" um jogador bêbedo exigiu.

"O bar está fechado"! Eu disse "Grandes serviços exigem uma grande folga"! Agarrei o dinheiro da mesa de pôquer e coloquei na bolsa da Becky.

"Hora de ir"! Disse, puxando ela pra longe.

"O que está na sacola?" ela perguntou.

"Lixo, o que poderia ser?" A empurrei para fora da casa pela porta principal.

A coisa amável sobre não ter amigos e que voce nao precisa se despedir de ninguém.

"O que aconteceu"? Ela voltou a perguntar em quanto eu ainda a puxava pra fora. Uma camionete de dez anos estava no fim da rua, esperando para nos levar de volta pra casa.

"Onde voce estava, Raven? Tem folhas em seu cabelo". Esperei ate estarmos longe o suficiente para gritar

"Eu despi Trevor Mitchell"!

"Você fez o que"? ela gritou, quase colocando o carro pra fora a estrada. "Como"?

"Despi Trevor Mitchell".

"Você não fez! Você não podia! Você nao fez!"

"Não, quero dizer, não figurativamente. Becky, e eu tenho as roupas prová-lo"! E eu os retirei da sacola de lixo um por um. Rimos ate ficarmos vermelhas. Becky virou o carro em uma curva próxima de Benson Hill.

De qualquer maneira Trevor descobriria como sair de la. Mas ele não teria seus suas roupas caras para se proteger. Estaria nu, frio, e sozinho. Exposto como quem ele realmente era.

Eu iria lembrar do meu Doce aniversário de Dezesesseis Anos pelo resto da minha vida e agora Trevor Mitchell iria, também.

A medida que dirigíamos ao longo da estrada rural desolada que torceu ao redor de Benson Hill, os faróis brilhavam contra as árvores sinistras. Os mosquitos atacaram o pára-brisas como se nos avizace para ir por outro caminho.

"A Mansão esta totalmente escura," eu disse como nós aproximamos. "Vamos parar rapido para ver?"

"Seu aniversario acabou," Becky disse numa voz esgotada, mantendo o seu pé no pedal de gás. "Iremos o ano que vem". E do nada os farois iluminaram alguém no meio da estrada.

"Tome cuidado"! Gritei. Um rapaz com pele branca como a luar e cabelos pretos, vestido num casaco preto, jeans pretos, e sapatos pretos, rapidamente levantou o seu braço proteger os seus olhos— aparentemente dos faróis antes do impacto iminente de camionete do Becky. O Becky pisoiu nos freios. Ouvimos um *baque surdo*.

"Deus, você está bem"? ela perguntou.

"Sim."?

"Bati nele"? ela gritou, apavorando-se.

"Eu não sei".

"Eu não posso olhar," disse, escondendo a sua cabeça no volante. "Eu nao posso!" Começou chorar. Pulei para fora da caminhonete e andei ansiosamente ate a frente do carro, amedrontado de ele talvez estivesse morto. Mas nao via nada. Verifiquei embaixo do caminhã. Em inspeção mais próxima, eu notei marcas de sangue na pára-lama.

"Deus, você está bem"? Chamei.

Mas não havia nenhuma resposta. Agarrei uma lanterna de porta-luvas do Becky. "

O que você vai fazer"? ela pediu, preocupada.

"Procurar".

"Pelo que"?

"Havia algum sangue—"

"Sangue"? O Becky gritou. "Matei alguém"!

"Se Acalma. Podia ter sido um veado".

"Um veado não usa jeans pretos! Chame o nove-um-um."

"Temos sangue, mas cade o corpo"? Argumentei. "Você não ia rapido o suficiente pra decaptar alguem"

"Talvez está sob o caminhão"!

"Eu já olhei. Você provavelmente somente colidiu com ele. Mas quero assegurar-me". A Becky agarrou o meu braço, cavando suas unhas na minha carne.

"Raven, não vai! Vamos sair! Chame o nove-um-um!"

"Tranca a porta" disse, tentando me libertar. "Mas mantem o motor e as luzes acesas".

Raven, me diz uma coisa..." Becky exclamou me fitando com olhos horrorizados. "Que rapaz normal estaria entrando o meio de uma estrada escura como breu? Pensa que ele talvez seja um—?" Senti os pelos do meu braco se arrepiarem. E uma sensação de exitação tomou conta de mim.

"Becky, não me deixe eperancosa"! Olhei em direcao a mansao, mas continuava o mesmo breu.

"O que é ele"? O Becky chorou, olhando para baixo a janela.

Sangue!

Poças cheias de sangue na grama! Mas não havia nenhum corpo! Segui o sastro de sangue, amedrontada que seu cadáver foi espalhado em toda parte. E então tropecei sobre algo . Desdenhei, antecipando uma cabeça decaptada. Eu apreensivamente coloquei minha lanterna sobre ele. Era um balde de tinta.

"Ele esta morto"? O Becky ofegou e eu voltei a caminhonete.

"Não, mas penso que você pode ter matado sua lata," disse, balançando o balde na frente dela.

"O que ele fazia com uma lata de tinta no meio da noite? E onde ia"?

"Era so tinta"! A Becky disse com um suspiro de alívio, pendurando seu celular de volta no bolso.

"Vamos sair daqui"!

"O que esse ser fazia entrando no meio da estrada de noite"? Perguntei-me em voz alta. "Talvez ia pixar ou algo do tipo".

"De onde veio? Onde podia ter ido tão rápido"? ela resmungou. No espelho retrovisor eu vi a reflexão da Mansão escurecida somente com o tempo ver uma luz aparecer na janela de sótão.

Capítulo 6 - Exposto

A estória do Trevor Pelado se espalhou imediatamente por Dullsville High. Alguns alunos disseram que ele estava jogado na casa de Matt em uma fralda nojenta; outros disseram que ele foi encontrado nu no gramado dos fundos. Ninguém fazia idéia de que eu estava envolvida. Somente Trevor - O Garoto sabia da real história. Aparentemente ele tentou transmitir a seus amigos como um encontro com uma líder de torcida. De qualquer jeito, todo mundo riu.

Trevor me deixou sozinha. Ele nem mesmo mantinha contato visual comigo. Garota Gótica tinha finalmente conseguido o que merecia no popular Soccer Snob.

Mas eu não queria que ele me acusasse de roubo. Eu tinha que devolver as roupas dele, certo?

Primeiro tinha o sapato. Acho que era o esquerdo. Eu permaneci do lado de fora do meu armário.

Ninguém reparou de imediato no sapato flutuante. Os poucos que finalmente repararam, olharam pra ele e passaram direto. Na manhã seguinte ele tinha desaparecido. Uma pessoa tinha percebido. Era hora de outras pessoas repararem a não ser o bonzinho Trevor.

O pé direito do sapato estava pendurado do mesmo modo. Mas perto dele havia um bilhete: PERDEU ALGUMA COISA, TREVOR?

Dessa vez eu ouvi risadinhas quando os estudantes passaram. Eles não perceberam de quem era o armário. Mas eles iriam reparar em breve.

Todos os dias podia-se notar uma meia pendurara, ou uma camisa. Eu comecei a notar que as Garotas Esnobes que nunca falavam comigo me olhando de repente nas aulas de álgebra com sorrisos de

aprovação. Elas foram as Três Garotas da Árvore de Trevor, prometeram tudo, não cumpriram nada..Bom,eu tinha bastante trabalho a mostrar.

Quando as suas calças cáqui foram penduradas, coberta de pedaços de grama e sugeira, todo mundo já sabia de quem era o armário. Agora os alunos pelos corredores estavam cochichando ao meu respeito. Os garotos não estavam exatamente me chamando pra sair, mas de repente eu tinha me tornado popular -de um jeito meio quieto.

Exceto, claro,por Trevor.Mas eu senti segurança.Agora que todo mundo já sabia a quem pertencia o armário,ele seria o principal suspeito se algo acontecesse comigo.

Mas mesmo assim ele me ameaçou.

"Vou acabar com você, Monstra," Ele disse um dia.

Ele apertou o meu maxilar quando Becky e eu estávamos começando a caminhar pra casa.

"Botas de combate machucam mais que sapatos, Neandertal," Eu revidei. Meu rosto amassado entre as suas mãos.

"Deixa ela em paz", Disse Matt o afastando.Dava pra ver que até mesmo Matt gostou do meu deboche.Tenho certeza de que ele ficava de saco cheio da atitude de Trevor de vez em quando. Afinal de contas ele era obrigado a ser o melhor amigo de Trevor.

"Você nunca será nada além de uma anormal!". Gritou Trevor. Felizmente Matt o afastou novamente. Não estava com animo pra batalha depois de um longo dia na escola.

"Espera! Espera!" Ele chamou.

"Fale com o meu advogado!" Eu gritei, desejando secretamente de que ao invés disso eu não precisasse de um cirurgião plástico.

Hora do grande final. Inúmeros estudantes estavam cercando o meu armário. Eu vi um novato tirando fotos.

Era o clímax pelo o qual todos estavam esperando: A cueca branca da Calvin Klein de Trevor pendurada no meu armário. No bilhete abaixo lia-se: BRANCO É PARA VIRGENS,CERTO TREVOR?

Já estava lá por algum tempo. Todo mundo tinha visto. Tipo, todo mundo!

"Raven, você danificou propriedade escola," Diretor Smith me falou mais tarde naquele dia. Eu tinha estado na sala do diretor Smith tantas vezes que era como rever um velho amigo.

"Esses armários tem estado aqui a séculos, Frank," Eu repliquei. "Talvez seja hora de você contar a administração da escola que nós precisamos de uns novos."

"Acho que você não entende a seriedade envolvida aqui, Raven. Você arruinou um armário e deixou um estudante do quadro de honra envergonhado."

"Que honra? Pergunte as suas líderes de torcidas estudiosas e metade do time de atletismo quantas vezes ele os envergonhou!"

Diretor Smith mordeu frustrado a sua caneta.

"Nós precisamos que você se envolva em alguma coisa, Raven. Algum clube que você possa fazer parte, alguma coisa que pode ajudá-la a fazer amigos."

"O clube de xadrez tem alguma vaga? Ou que tal o clube de matemática?" Eu perguntei com sarcasmo. "Temos outras atividades"

"Você pode me garantir uma aparição na apresentação das líderes de torcida? Claro, eu teria de usar uma saia preta plissada."

"Pra esse você tem que fazer um teste pra entrar. Mas aposto que você vai se sair muito bem."

"Claro que estudantes honrados como Trevor, realmente respeitam as líderes de torcida."

"Raven, o Ensino Médio é difícil para a maioria dos adolescentes. É desse jeito mesmo. Até mesmo aqueles que se sentem confiantes sentem que não pertencem a este lugar. Mas você tem tanta coisa a seu favor. Você é criativa. Você é inteligente. Você vai passar por isso. Apenas não danifique mais armários enquanto você tenta buscar as respostas."

"Claro, Frank," Eu disse, pegando o papel da detenção. "Te vejo em breve."

"Não tão em breve, certo, Raven?"

"Vou tentar não te deixar tão sobrecarregado," Eu disse e fechei a porta.

No dia seguinte eu percebi algo em meu armário que não era eu que tinha colocado. Estavam escrito de tinta preta: RAVEN É UM HORROR!

Eu sorri. Muito inteligente, Trevor. Muito inteligente. Era a primeira vez em toda história que ele tinha me dado um elogio.

Capítulo 7 - Feliz Halloween

Halloween. Meu dia do ano favorito. Um dia do ano que eu era incluída. É o único dia do ano em que todo mundo me aceita e me cumprimenta, e eu até consigo recompensas daqueles generosos vizinhos que não pensam que eu sou muito velha pra celebrar - ou estão mesmo muito assustados com o que as minhas travessuras poderia ser.

Entretanto, esse ano eu decidi que realmente queria usar uma fantasia. Eu comprei em lojas que provavelmente nunca entraria e peguei coisas emprestadas da minha mãe. Eu amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo com presilhas cor-de-rosa e um sweater de cashmere branco brilhante com uma saia de tênis rosa. Dei a mim mesma um corado saudável com a base e o blush da minha mãe e usei um brilho labial macio e até carreguei a raquete de tênis do meu pai. Andei pela casa dizendo coisas do tipo, “Mamãe querida, estarei em casa depois das minhas aulas de tênis!”.

Garoto Nerd não me reconheceu quando eu passei por ele na cozinha. Então seu queixo caiu quando reparou que era eu e não uma garota da vizinhança pedindo doces.

"Eu nunca vi você tão... Boa," Ele falou, vestido de jogador de baseball. Achei que eu ia adoecer aqui e agora.

Meus pais queriam tirar fotos. Imaginem. Eles estavam agindo como se eu tivesse indo para o baile. Eu os deixei tirarem só uma. Meu pai finalmente poderia ter uma foto minha que ele podia orgulhosamente exibir em seu escritório.

Becky e eu estávamos almoçando no refeitório mais tarde naquele dia. Todo mundo me olhava como se eu fosse à garota nova. Sério, ninguém me reconheceu. Foi divertido no começo, depois um pouco irritante. Eu atraía olhares quando eu me vestia de preto. Eu atraía olhares quando me vestia de branco. Eu não conseguia ganhar! Então Trevor entrou no refeitório vestido de Drácula. Seu cabelo estava penteado para trás e ele estava usando uma capa preta. Ele tinha presas de plástico e lábios quentes e vermelhos.

Ele estava com Matt quando ele olhou ao redor me procurando. Ele queria exibir o novo visual na minha cara. Matt finalmente apontou pra mim e Trevor precisou olhar duas vezes. Ele me encarou longa e duramente, me olhou de cima a baixo. Eu nunca o vi me olhar desse jeito antes. Era como se ele estivesse na terra das paixões, enquanto analisava meu suéter branco e brilho saudável. Eu achei que com certeza ele viria até mim falar algo estúpido, mas ao invés disso ele sentou do outro lado do refeitório, de costas para mim. Ele até foi embora antes de mim. Eu estava livre dele! Mas eu estava errada. Eu devia saber que nossa trégua não iria durar.

Minha cestinha de abóbora estava quase cheia com Smarties, Snickers, Mary Janes, Jolly Ranchers, chicletes Dubble Bubble, e muitos outros doces. E mais importante - anéis de aranhas e tatuagens temporárias. Becky e eu andamos a cidade toda e agora nos perguntávamos o que nos esperava na porta da frente da mansão. Nós estávamos deixando a melhor casa para o final. Aparentemente, todo mundo também.

Havia até uma fila na porta de entrada. Era como se estivéssemos na Disney. Fantasma, punks, Mickey Mouse, Fred Flinston e Home Simpson estavam todos ansiosamente esperando sua vez. E um bando de pais que apareceram para dar uma olhadinha lá dentro. O circo estava na cidade e todos tinham ver as aberrações.

"Ele é realmente assustador", um Frankenstein de 12 anos falava para um lobisomem quando passaram por nós.

O Garoto Nerd localizou a mim e a Becky enquanto ele andava pela entrada de carros.

"Vale muito a pena a espera, Raven! Você vai amar! Essa é minha irmã!" Ele falou orgulhosamente para seu amigo esquisito vestido de Batman, que me olhou como olhos impressionados.

"Você viu alguma cabeça decapitada? Ou monstros com presas?" Eu perguntei.

"Não"

"Então talvez estejamos perdendo nosso tempo"

"Aquele cara velho é muito esquisito! Ele é aterrorizante e nem está usando uma fantasia!"

Eu pude perceber que o Garoto Nerd estava tentando criar laços comigo, já que era a primeira vez que podia me mostrar para os amigos. Mas eu também pude perceber que o Nerd esperava demais.

"Obrigado pela informação"

"Obrigado? Uh... tá... claro, mana"

"Te vejo em casa, se você quiser trocar algum doce"

O Garoto Nerd concordou entusiasmadamente. Ele sorriu e saiu como se estivesse encontrado sua irmã perdida.

Becky e eu esperamos ansiosamente nossa vez. Nós éramos as últimas da fila, e quando o Charlie Brown e a bruxa que estavam na nossa frente saíram com suas guloseimas, a porta se fechou. Eu olhei para a maçaneta em formato de S e me perguntei se era a inicial do novo dono. Ao chegar mais perto, eu percebi que era uma serpente com olhos de esmeralda. Eu bati gentilmente, esperando que o cara gótico atendesse. Eu queria perguntar se era ele na estrada naquele dia, e se fosse, o que ele estava

fazendo? A maioria das pessoas se exercitava na academia, não em estradas assustadoras no meio da noite. Mas ninguém atendeu.

"Vamos embora", Becky sugeriu ansiosamente.

"Não, eu esperei um tempão por isso! Eu não volto até pegar algum doce. Ele nos deve!"

"Estou cansada. Estivemos fora a noite toda. Provavelmente é só um cara estranho e velho que quer ir dormir. E eu quero também"

"Não podemos ir embora agora"

"Eu vou para casa, Raven"

"Eu não acredito que você é tão covarde. Mas vá, eu achei que fôssemos melhores amigas!"

"Nós somos. Mas está tarde"

"Okay, Okay. Amanhã eu te ligo e conto tudo sobre o Senhor Assustador". Havia coletores de doce o suficiente para que eu não me preocupasse com Becky. Ela voltaria segura para casa. Mas e eu?

Eu olhei para a maçaneta de serpente e me perguntei o que ficava por trás da imensa porta de madeira. Talvez o novo dono fosse me puxar para dentro e me fazer sua prisioneira. Eu podia apenas ter esperanças!

Eu bati de novo e esperei. E esperei.

Eu bati de novo. E bati e bati e bati. Minha mão estava começando a machucar. Eu fui pro lado e aí ouvi as fechaduras se destrancando e a porta barulhenta abrindo. Corri de volta aos degraus. E lá estava ele na minha frente: Homem Assustador.

Ele era alto e magrelo, seu rosto e mãos pálidos como neve, em nítido contraste com seu uniforme de mordomo preto. Ele não tinha nenhum fio de cabelo, não como se ele ouvesse perdido, mas como se ele nunca tivesse tido nenhum, e monstruosos olhos verdes e protuberantes. Ele parecia estar vivo por séculos. Eu o amei.

"Nós não temos mais nenhum doce senhorita", Ele disse em um forte sotaque estrangeiro enquanto ele me encarava de cima.

"Verdade? Mas você tem que ter alguma coisa. Alguns doces de pasta de amendoim? Um pedaço de torrada?"

Ele abriu a porta, não além que o necessário. Eu não conseguia ver nada atrás dele. Como aquele lugar era por dentro? Como haviam mudado o local desde que eu havia entrado anos atrás? Quem eram

"nós" e será que eles também eram assustadores? Nós todos poderíamos ser amigos. Eu senti alguém assistindo, espiando, e tentei passar da soleira da porta.

"Quem mais vive aqui?" Eu perguntei ousadamente "Você tem um filho?"

"Eu não tenho filhos, senhorita. E eu lamento, mas não sobrou nenhuma migalha". Ele começou a fechar a porta.

"Espere!" Eu disse e bloqueei o fechamento da porta com meu sapato. Coloquei a mão dentro da minha cesta de abóbora e tirei de lá um Snickers (N/T= é um chocolate) e um anel de aranha. "Eu gostaria de desejar boas vindas à vizinhança. Esse é o meu doce e o meu brinde de Halloween preferidos. Espero que você também goste deles.

Ele quase não sorriu. Mas então, quando coloquei os presentes em seus dedos brancos como neve e parecidos com pernas de aranhas, ele sorriu um sorriso torto, partido, de dentes magros, Até seus olhos esbugalhados pareciam brilhar.

"Até mais!" Eu disse, dançando ao descer os degraus.

Eu havia conhecido o Homem Assustador! Todo mundo da cidade podia falar que ganharam doce dele, mas quem mais poderia dizer que deu a ele alguma coisa?

Eu sai girando no gramado da frente e olhei novamente para a grande mansão. Eu avistei uma figura assistindo da janela do sótão. Seria o Cara Gótico? Eu rapidamente parei de girar e olhei de volta, mas não havia ninguém lá, só o chacoalhar de uma cortina escura.

Eu havia acabado de cruzar o portão de ferro quando um vampiro fantasmagórico num Camaro vermelho veio até o meio-fio.

"Quer uma carona, garotinha?" Trevor perguntou. Matt, o fazendeiro, estava sentado confortavelmente atrás do volante.

"Minha mãe me disse para não falar com estranhos", eu disse, dando uma mordida difícil num Mary Jane. Eu não estava no clima para um confronto com Trevor.

"Eu não sou um estranho, gata. Você não está um pouco velha para essa coisa de 'doce ou travessura'?"

"Você não está um pouco velho para essa coisa de jogar papel higiênico pela cidade?"

Trevor desceu do carro e veio até mim. Ele estava particularmente sexy. É claro que eu acho todos os vampiros sexys, até mesmo os falsos.

"O que era para ser sua fantasia?" Ele perguntou.

"Eu estou vestida como uma aberração, não dá pra perceber?"

Ele estava tentando ser legal, mas estava pisando nele mesmo. Eu era a única menina que já havia dito não a ele. A única garota da cidade que ele nunca poderia ter. Eu sempre fui um mistério pela maneira

de me vestir e me comportar e agora eu estava na sua frente, vestida como a perfeita garota dos seus sonhos.

"Então você está visitando Amityville sozinha?" Ele olhou para a mansão. "Você é uma garota louca, não é mesmo?" Ele olhou para baixo, causando calafrios em mim - ele estava lindo em sua capa de Drácula.

Eu não disse nada.

"Eu aposto que você nunca beijou um vampiro antes", ele disse, seus dentes de plástico brilhando ao luar.

"Bem, quando ver um, me avise", eu rebati, e comecei a ir embora.

Ele agarrou meu braço.

"Dá um tempo, Trevor!"

Ele me puxou para perto. "Bem, eu nunca beijei uma jogadora de tênis", ele brincou.

Eu ri, era uma cantada tão brega. Ele me beijou direto na boca, seus dentes de plástico atrapalhando. E eu o deixei. Talvez eu ainda estivesse tonta de girar na grama.

Ele finalmente parou para respirar.

"Bem, agora você já beijou!" Eu disse, me afastando. "Eu acho que o Fazendeiro Matt está esperando por você!"

"Eu não peguei nenhum doce" Ele disse, apontando para a minha cesta de guloseimas. Ele puxou uma barra de Snickers.

"Ei, esse é meu favorito! Pegue o de manteiga de amendoim".

Ele rasgou a embalagem do Snickers com suas presas de vampiro, que se soltaram e caíram no chão, fazendo escorrer chocolate e caramelo. Eu rapidamente procurei por ele, mas Trevor agarrou meu braço, espalhando meus doces por todo canto.

"Veja o que você fez!" Eu gritei.

Ele apanhou doces até ficar com as mãos cheias e os enfiou em seu jeans. Eu assisti enquanto minhas recompensas eram strewn em todos os cantos do gramado. Os únicos doces que eu consegui resgatar eram alguns Smarties sem graça e uma Mars Bar despedaçada.

"Ainda quer ser um casal?", ele perguntou, seus bolsos totalmente cheios com meu trabalho de uma noite inteira enquanto ele me puxava para perto. "Ainda quer ser minha namorada?"

De repente ele me soltou e foi em direção à mansão "Agora eu vou pegar algum doce de verdade".

Dessa vez, eu agarrei o braço dele. Quem sabia o que Trevor poderia fazer se ele atravessasse a porta?

“Já com saudades?” Ele perguntou, perplexo que eu não saí correndo.

“Eles não têm mais doces”

“Bem, eu vejo isso!”

“As luzes estão apagadas. Eles foram dormir”

“Isso vai acordá-los” Ele puxou uma lata de spray de tinta de debaixo da capa. “Eles decididamente precisam de alguém que saiba decorar!”

Ele andou em direção a mansão. Eu corri atrás dele.

“Não, Trevor. Não faça isso”

Ele passou por mim. Ele ia vandalizar a única coisa dessa cidade que era realmente linda.

“Não!” Eu choraminguei.

Ele tirou a tampa e agitou a latinha.

Eu tentei segurar seu braço, mas ele me derrubou.

“Vamos ver... que tal ‘Bem vindos à vizinhança’?”

“Não, Trevor, não!”

“Ou ‘vampiros amam companhia’? Eu assino o seu nome”

Não só ele ia vandalizar a propriedade deles, ele ia me culpar por isso. Ele balançou a lata mais uma vez. E então começou a pichar a mansão.

Eu me apressei e puxei minha raquete de tênis. Eu usava para jogar com meu pai e nenhuma vitória era mais importante que essa. Eu fixei meu olhar no cilindro de alumínio cheio de tinta como se fosse uma bola e acertei-o o mais forte que pude. A latinha girou a distância e, como eu geralmente faço nos jogos, perdi meu equilíbrio e a raquete saiu voando atrás. Trevor deu um grito tão alto que achei que o mundo todo ouviria. É, acho que acertei mais do que apenas a lata.

De repente, a luz da porta da frente se acendeu e eu ouvi o barulho de fechaduras sendo destrancadas.

“Nós temos que sair daqui!” eu gritei para Trevor, que estava agachado, segurando sua mão machucada.

Eu estava pronta para escapar quando senti algo que nunca tinha sentido antes: uma presença. Eu me virei e soltei um grito sufocado sem som algum, pois o medo havia me deixado sem ar. Eu parei congelada.

Ali estava ele. Não o Homem Assustador. Não o Senhor ou Senhora Família da Mansão. Mas o Cara Gótico, Companheiro Gótico, Príncipe Gótico. Ele estava na minha frente como um cavaleiro da noite!

Seu longo cabelo preto pendia pesadamente em seus ombros. Seus olhos eram escuros, profundos, amáveis, solitários, adoravelmente inteligentes, sonhadores. Um porão para sua alma sombria. Ele, também, estava parado, respirando em mim. Sua face era pálida como a minha e sua camiseta preta apertada estava enfiada em seu jeans preto, que estavam enfiados nas suas botas de combate monster-chic-punk-rock.

Normalmente, medo só é algo que eu sinto quando eu fico sabendo que minha mãe vai dar uma festa da Mary Kay e quer me usar como modelo. Mas nós estávamos em propriedade privada e a minha curiosidade de conhecer essa estranha criatura foi sobreposto pelo medo de ser pega.

Esses tênis foram uma boa escolha hoje à noite. Eu podia ouvir o Trevor enquanto me seguia, “Seu monstro! Você quebrou minha mão!”

Eu corri pelo portão aberto e subi na camaro.

“Me leva pra casa!” eu berrei “Agora!”

Matt estava embasbacado por seu passageiro inesperado, Ele apenas me encarou, numa negação silenciosa.

“Me leva pra casa agora! Ou eu digo a polícia que você estava envolvido!”

“A polícia?” Ele falou. “No que Trevor nos meteu agora?”

Eu pude ver o zangado Conde Trevor correndo pela entrada da carros, sua capa ao vento, Ele estava quase no portão. O Cara Gótico não se moveu, mas continuou a olhar diretamente para mim.

“Dirija! Apenas dirija a porcaria do carro!” Eu gritei com toda a minha força.

O motor deu partida e nós nos afastamos até que a mansão e seus ocupantes incomuns estivessem fora do campo de visão. Eu me virei e vi através da janela de trás um Trevor Drácula gritando e nos seguindo.

“Feliz Halloween”, eu disse para Matt e soltei um suspiro de alívio.

Capítulo 8 - Procurando Problema

Eu estava fazendo meu caminho para a aula de história quando reconheci Trevor caminhando à minha frente. Percebi algo incomum em sua roupa típica – ele estava usando uma luva de golfe na mão direita.

- Lançando nova moda? – provoqueei, para me pôr em dia com ele. – Suponho que é bom que você não precise das mãos para jogar futebol.

Ele ignorou meus comentários e continuou andando para a aula.

- Suponho que você terá que perder algumas reuniões do clube de pichação. – brinquei. – Já que seu dedo de gatilho está inutilizável.

Ele parou e me encarou friamente. Mas pensou melhor antes de falar e continuou caminhando.

Ai! Imagino que machuquei mais que sua mão.

- Vejo que conseguiu chegar em casa a salvo. – continuei, provocando-o. – Matt foi bem atencioso comigo. Ele é um perfeito cavalheiro!

Mas então percebi tudo. Eu tinha tomado o orgulho de Trevor, as namoras dele e agora tinha forçado seu melhor amigo a traí-lo e apoiar sua inimiga. Eu sentia pena dele... quase.

Trevor parou, me encarando como se fosse explodir. Mas eu estava distraída com uma figura estranha que falava com a secretária no escritório do diretor. Era o Homem Assustador! De pé, empalidecido pela claridade da luz fluorescente, seu longo sobretudo cobrindo o corpo magro. E na mão pálida e ossuda, segurava a raquete de tênis do meu pai.

Puxei o Trevor enfurecido para a parede, onde poderíamos ouvir a conversa seguramente.

- O que está fazendo? – perguntou Trevor, tentando esquivar-se.

- Shhh! Aquele é o mordomo da Mansão! – sussurrei, apontando.

- E daí?

- Ele está nos procurando!

- Como ele pode estar nos procurando? Estava escuro, idiota!

- Aquele cara nos viu! Ele provavelmente achou uma lata de spray ou qualquer coisa que você tenha usado para pichar a parede como prova. E ele tem a raquete do meu pai.

- Droga, esquisita, se você não tivesse batido em mim, nada disso teria acontecido.

- Se você não tivesse nascido, nada disso teria acontecido, seu irritante. Shhh, agora!

- Senhor, você pode deixar a raquete conosco e faremos um anúncio. – ouvi Srta. Gerber responder. – O que disse que a garota estava usando?

- Um uniforme de tênis, senhorita.

- Para o Dia das bruxas? – ela riu e esticou a mão para pegar a raquete.

Mas o Homem Assustador a puxou de volta. – Prefiro manter isso em minha posse por enquanto. Se você encontrar a dona, ela saberá onde encontrá-la. Bom dia. – disse ele e fez uma reverência em cumprimento para uma encantada Srta. Gerber.

Eu me adiantei e puxei Trevor para trás da estátua de Teddy Roosevelt. – É uma armadilha. - disse eu, apertando a mão enluvada de Trevor. – Eu aparecerei e a polícia estará me esperando com algemas! Os estudantes encararam o Homem Assustador enquanto caminhava de forma atemorizante para as portas da frente, olhando ao redor enquanto saía.

- Ele está levando a evidência com ele e ela vale duzentos dólares. – sussurrei para Trevor.

- Sim, a evidência. – disse ele. – Contra você!

- Eu? Suas impressões digitais estão nela toda. Aquele cara te viu também.

- Ele só me viu correndo. Ele podia ter te descoberto. Você estava preocupada com que ele corresse para fora, pichou sua casa até que ele a ouviu fazendo um barulho e então derrubou sua raquete na pressa quando as luzes se ascenderam. – disse Trevor como se ele fosse Sherlock Holmes, resolvendo o Caso da Raquete de Tênis Perdida.

- Você vai jogar tudo para cima de mim? Não posso acreditar!

- Não se preocupe, não acho que você vá para a cadeia por isso, bebê. Você apenas levará um soco daquele mordomo louco.

Eu tinha conseguido problemas suficientes por coisas que eu tinha feito; eu não queria ser castigada por coisas que eu não tinha feito.

Trevor começou a caminhar para a aula.

Eu o alcancei.

– Eu te levarei comigo se qualquer coisa acontecer!

- Em quem eles irão acreditar, esquisita: em um estudante honorável que é uma estrela do futebol ou em uma insignificante garotinha gótica com uma amiga que passa mais tempo na secretaria do que na aula?

- Você me deve uma raquete! – gritei sem saber o que dizer enquanto Trevor caminhava para longe presunçosamente.

Eu admito, Trevor teve sua vingança pela Noite Pelado nos Bosques. Por causa dele, eu tinha perdido a raquete de valor sentimental do meu pai. E o mais importante, ele me tornou inimiga das únicas pessoas desta cidade que poderiam me entender e ser meus amigos. Eles eram minha liberdade em Dullsville e minha conexão com a humanidade, mas agora por causa de Trevor, seria mais difícil entrar na Mansão do que quando estava fechada por tábuas.

Capítulo 9 - Verdadeiro Inferno

"Você o que?" meu pai berrou durante o jantar depois que eu disse a ele que perdi sua raquete.

"Bem, não está exatamente perdida. Eu só não estou com ela."

"Então a pegue de volta se você sabe onde está."

"Isso seria impossível nesse momento."

"Mas eu tenho uma partida amanhã!"

"Eu sei, Pai, mas você tem outras raquetes." eu tentei desviar o poder dessa raquete em particular.

Grande erro!

"Outras? Isso é fácil assim para você? Apenas ir comprar outra raquete Precisão Príncipe OS?"

"Eu não disse isso..."

"É ruim o bastante que você viole propriedade do colégio!"

"Eu sinto muito, mas..."

"Desculpas não são boas o bastante dessa vez. Desculpas não vão me fazer vencer meu jogo amanhã.

Minha raquete iria. Eu não acredito que deixei você leva - lá para fora daqui em primeiro lugar!"

"Mas, Pai, Eu tenho certeza que você cometeu erros quando era a adolescente hippie!"

"E eu paguei por eles! Assim como você irá pagar pela minha raquete."

Minha conta no banco tinha cerca de cinco dólares, os restos do dinheiro do meu aniversário de dezesseis anos. E eu ainda devo 25 dólares a Premier Vídeo por minhas locações atrasadas. Eu rapidamente fiz as contas na minha cabeça. Papai ia ter que reter minha mesada até eu completar trinta. Aí ele disse as três palavras que ecoaram na minha cabeça e me fizeram tonta de fúria. Quando ele as disse eu pensei que iria explodir em um milhão de fragmentos infelizes.

"Consiga um emprego!" "Ele anunciou." Já está na hora, também. Talvez lhe ensinar a ter alguma responsabilidade!"

"Você não pode só me espancar? Ou me proibir de sair? Ou não falar comigo por anos como os pais fazem nesses programas de auditório? Por favor, Pai!"

"Está decidido! Fim da história! Eu irei lhe ajudar a achar um emprego se você não consegue por se mesma. Mas você irá ter que fazer o trabalho sozinha."

Eu corri para o meu quarto, gemendo como o bebê Garoto Nerd, gritando no limite dos meus pulmões,

"Vocês adultos apenas não entendem a pressão de ser uma adolescente na minha geração!"

Enquanto eu chorava na minha cama, eu fantasiei sobre entrar as escondidas na Mansão como eu fiz com Jack Patterson quando eu tinha doze anos e recuperar a raquete.

Mas eu também sabia que estava um pouco maior nos quadris agora e a janela que nos tínhamos usado havia sido trocada. Eu tenho certeza que os novos proprietários também tinham um sistema de segurança e, em qualquer caso, onde eu poderia procurar pela raquete com tantos quartos e armários? E enquanto estivesse procurando freneticamente, eu tinha certeza que seria pega pelo Homem Assustador empunhando um revolver ou algum mecanismo de tortura medieval. Um emprego de meio turno era um cenário menos ameaçador, mas não muito.

Nesse ponto eu realmente desejei que fosse uma vampira - nunca ouvi falar de Drácula ter um emprego.

Transportes. Eles iriam ficar maravilhados se meu pai conhecesse Steven Spielberg ou a Rainha da Inglaterra, mas Janice Amostrong da agência de viagens apenas não servia para mim. Pior ainda do que expor-se aqui depois do colégio três vezes na semana, atendendo telefonemas numa voz animada, fotocopiando bilhetes com esse odioso e ofuscante flash em meus olhos, e falando com yuppies que iam para a Europa pela quarta vez era o total e conservador código de conduta.

"Sinto muito, mas você não poderá vestir essas..." Janice começou, olhando fixamente os meus sapatos.

"Do que vocês jovens chamam elas?"

"Botas de combate."

"Nós não somos o exército. E está tudo bem em usar batom, mas deve ser vermelho."

"Vermelho?"

"Porém você pode escolher qualquer sombra."

Muito generoso, Janice! "Que tal rosa?"

"Rosa seria ótimo. E você vai precisar vestir saias. Mas não tão curta."

"Saias vermelhas?" Eu perguntei.

"Não, elas não têm que ser vermelhas. Elas podem ser verdes ou azuis."

"Eu posso escolher qualquer sombra?" Se ela ia me fazer senti igual a uma idiota, eu iria agir como uma.

"Certamente. E..."

"Nada de preto?"

"Não rasgadas."

"E unhas impecáveis," ela começou, analisando as pontas dos meus dedos.

"Nada de preto, mas qualquer sombra vermelha. Ou rosa seria ótimo," eu recitei.

"Muito bem," ela disse com um sorridente. "Você já está se ajustando!"

"Obrigada, eu acho" Eu disse enquanto tentava ir embora. Eu chequei meu relógio. A entrevista tinha durado 15 minutos, mas parecia uma hora. Esse emprego iria ser uma completa tortura.

"Eu irei ver você amanhã, as quatro em ponto então, Raven. Alguma pergunta?"

"Eu recebo salário pela entrevista?"

"Seu pai disse que você era brilhante, porém não mencionou seu maravilhoso senso de humor. Nós vamos nos dar bem sozinhas. Quem sabe, você pode querer ser uma agente de viagens quando ficar mais velha."

Mrs Peevish, minha infame professora do jardim de infância, teria ficado orgulhosa.

"Eu já sei o que eu quero ser," eu repliquei. Eu queria dizer uma vampira, só por causa dos velhos tempos. Mas eu sabia que ela não podia entender.

"O que você quer ser?"

"Uma jogadora de tênis profissional. Eles conseguem raquetes de graça!"

Minha mãe comprou para mim uma roupa terrivelmente colorida da Cathy Corporativa para que eu pudesse me encaixar no mundo dos negócios de Dullsville. Eu as tirei da sacola de compras me enlouqueci quando vi o preço das etiquetas.

"Caramba! Esse conjunto custou mais que a raquete de tênis! Apenas guarde-os e nós vamos ficar quites."

"Esse não é o ponto!"

"Isso não faz sentido."

Eu relutantemente vesti uma blusa branca e uma saia azul no comprimento do joelho. Minha mãe me olhou como se eu fosse a filha que ela sempre quis.

"Você lembra de usar blusas decotadas, trancinhas e pircings no umbigo?" Eu perguntei. "O que eu visto nem é tão diferente na minha geração."

"Eu não sou mais aquela garota. Raven. E, além disso, eu nunca usei batom, Eu ia *au naturel*."

"Urgh", Eu disse, e revirei meus olhos.

"Ser uma adolescente é difícil, eu sei. Mas um dia você irá achar lá fora quem você realmente é."

"Eu sei quem eu sou! E trabalhando numa agência de viagens e vestindo uma blusa branca e chamativa não vai me fazer achar o meu "eu interior"

"Oh, meu doce" Ela tentou me abraçar "Quando se é um adolescente você pensa que ninguém lhe entende e o mundo inteiro está contra você."

"Não, é só essa cidade que está contra mim, Eu estaria indo a loucura, mãe, se pensasse que todo mundo conspira contra mim!"

Ela me abraçou com força e dessa vez eu deixei. "Eu te amo, Raven," ela disse como só uma mãe melosa consegue. "Você é lindo em preto, mas está detonando no vermelho!"

"Pare com isso, mãe, você está amassando minha nova blusa."

"Eu pensei que você nunca iria dizer isso!" ela disse e me apertou com mais vontade.

Esse emprego de meio período depois do colégio tinha que acabar. Como eu poderia saber as novidades da família da mansão se eu estaria no trabalho toda tarde? Eu tinha que arrastar todas essas roupas que só lavam a seco comigo para o colégio e guarda-los organizadamente no meu armário até as aulas acabarem. Meu novo castigo à tarde me despedaçou por dentro.

"Porque aquele cara não vai à escola?" Eu perguntei para Becky enquanto estava me vestindo.

"Talvez ele ainda não esteja matriculado."

"Se eu não tivesse esse emprego estúpido, nós poderíamos ir investigar agora mesmo, Urgh!"

Eu estava com inveja de Becky porque ela iria para casa, a terra da TV a cabo e pipoca de microondas enquanto eu iria de uma mesa de sala de aula para uma mesa de recepção.

Depois da despedida de Becky, eu penetrei na sala de aula e limpei meu batom preto com uma toalha úmida de papel e o substitui com algum ultra - chamativo tom de vermelho. Eu realmente parecia um fantasma com minha pálida estrutura. Eu hesitantemente coloquei minha mistura de tecido - e - algodão vermelho radiante. "Eu irei sentir sua falta, mas nós vamos voltar a ficar juntos de novo em algumas horas." Eu disse ao meu vestido preto e as botas de combate, colocando-os em minha mochila. Eu pensei comigo mesma mais uma vez – essa era uma situação em que realmente pensei que virar uma vampira viria a calhar. Talvez eu olhe para o espelho e não veja nada. Em vez disso vi uma garota miserável em pé e desajeitada em seu conjunto de tecidos vermelhos.

Eu escorreguei para fora da sala de aula olhando para a direita e esquerda como se estivesse atravessando a rua e fiz minha fuga segura pela porta da frente. Ou assim eu pensei.

Trevor estava esperando nos degraus da entrada.

Eu enlouqueci quando o vi mais tentei ignorar sua presença e continuei. Eu queria correr, mas não estava acostumada com salto alto.

“Ei, o Halloween acabou!” Ele exclamou, me seguindo. “Cadê a sua saia de tenista? Indo para alguma festa a fantasia como a secretária Suzie?”

Eu continuei a ignorá-lo, mas ele agarrou meu braço.

Eu não podia deixá-lo saber que eu estava trabalhando, onde eu estava trabalhando e, mais que tudo, que fazia isso porque tinha que pagar meu pai de volta pela raquete de tênis que Trevor me fez perder. Isso poderia lhe trazer muita alegria.

Ele me olhou mais uma vez, o mesmo olhar que tinha me dado quando me viu pela primeira vez em meu conjunto de tênis. Dessa vez eu era a garota dos seus sonhos.

“Certo, onde você está indo?”

“Não é da sua conta!”

“Verdade? Eu não acho que devemos guardar segredos um do outro.”

“Já devia ter ido embora!”

“Eu só vou andar com você, então.”

Eu parei. “Você não vai andar comigo! Você não vai a nenhum lugar comigo! Você vai me deixar sozinha! De vez. Para sempre!”

“Você não parece estar amorosa como sempre” Ele disse, rindo “Tendo um dia ruim? Você já deveria está acostumada com isso agora.”

“Trevor, está acabado. Seus truques e os meus. Você não precisa me atormentar nunca mais. Nós estamos quites. Nós estamos quites por toda a eternidade. Certo? Apenas saia da minha frente!”

Ele correu atrás de mim quando eu sai furiosamente.

“Nós estamos terminando? Eu não sabia que estávamos saindo juntos, bebê. Por favor não me deixe,” Ele implorou, se divertindo.

Eu andei rapidamente perto do muro do colégio e desci quase correndo até a calçada. Eu tinha cinco minutos para ir à agência de viagens Armstrong.

“Eu não posso viver sem você!” ele disse sarcástico, me alcançando “Você está irritada porque nunca lhe dei rosas negras? Eu irei cria-las para você. Eu irei lhe dar novas roupas – do cemitério.” Ele uivou com gargalhadas. “Só não me deixe, docinho!”

“Corta essa!” Eu estava furiosa. Ele provavelmente tinha duzentos dólares na sua carteira e eu tinha que trabalhar por eras em um lugar que eu odeio por causa de suas palhaçadas.

“Apenas diga-me onde está indo!”

“Trevor, pare com isso! Caia fora daqui! Eu irei pegar uma eliminação de contenção, se for preciso.”

“Você tem um encontro?” Ele não ia desistir.

“Vá embora!”

“Está indo conhecer alguém?”

“Saia daqui!”

“Você tem uma entrevista? Uma entrevista... Com o vampiro?”

“Suma da minha vista!”

“Você está indo... Trabalhar?”

Eu parei. “Não! Você está louco? Isso é tão ridículo!”

“Está sim! Você conseguiu um emprego!” Ele dançou ao redor “Eu estou tão orgulhoso de você!

Minha pequena bebê gótica achou ela mesma um emprego!”

Eu estava queimando por dentro.

“Tentando melhorar sua vida? Ou está pagando papai pela pequena e extravagante raquete de tênis?”

Eu estava pronta para bater nele e dessa vez manda-lo voando para fora em vez de sua latinha de spray.

Justo nesse momento Matt chamou “Trevor, cara. Você disse que também estaria nos degraus. Eu não tenho tempo para ficar dirigindo pela cidade tentando lhe achar. Nós temos que ir.”

“Bom, sua babá lhe achou.” Eu disse.

“Eu poderia te oferecer uma carona para o trabalho, mas nós temos lugares para ir.” Trevor zoou.

Enquanto o Camaro saía deslizando na rua eu olhei para o meu relógio. Ótimo! Meu primeiro dia no trabalho e estava atrasada.

Capítulo 10 - Trabalho Sinistro

Big Bem, a Torre Eiffel, e um pôr-do-sol havaiano pairando atrás da mesa da recepção na Armstrong Travel, um lembrete constante de que havia vida por fora de Dullsville, e que a excitação estava muito distante. A única coisa interessante sobre trabalhar na Armstrong's era a fofoca. Em circunstâncias normais eu achava os escândalos urbanos bastante tediosos- o prefeito sendo visto perambulando com uma Vegas Showgirl, um repórter da televisão local WGYS fingindo uma história de abdução por alienígenas, a Brownie leader plagiando receitas de biscoitos bake-off.

Mas agora a vida estava diferente- a família da Mansão foi vista!!

Ruby, a parceira atrevida, me encheu de todas as novidades. Ela é como uma *National Inquirer* ambulante.

" Ainda é um mistério o que o marido faz"- disse referindo-se á Família da Mansão, "mas ele é obviamente rico. O mordomo faz compras no shopping na Wexley's aos sábados exatamente as oito 8:00 pm e pega roupa na lavanderia às Terças feiras- Tudo ternos pretos e capas.

"A esposa é uma mulher pálida de uns quarenta anos seu cabelo é longo e negro e ela sempre usa óculos escuros"

" é como se eles fossem vampiros" Ruby concluiu, não sabendo sobre a minha fascinação.

"Eles são vistos apenas durante a noite, o olhar deles é tão repulsivo, negro , e intimidante, como se eles tivessem saído diretamente de um filme de terror. E não tem tido visitantes dentro desta casa. Nem um. Você acha que eles estão escondendo alguma coisa?

Eu estava pasma em cada palavra de Ruby .

"Eles vieram há mais de um mês" ela continuou, " e ainda não pintaram o local, ou até mesmo cortaram a grama! Eles provavelmente ainda acrescentaram portas que rangem!" Janice riu em voz alta e ignorou o toque de seu telefone. "Marcy Jacobs estava dizendo a mesma coisa", Janice acrescentou.

"Você pode imaginar? Não aparam seu gramado ou plantam flores. Não lhes ocorrem o que os vizinhos podem pensar?"

"Talvez eles não se importem com o que os vizinhos pensam. Talvez eles sejam desse jeito mesmo."

Eu me intrometi.

Elas olharam para mim horrorizadas

"Mas chegar a isto", disse Ruby. "Ouvi dizer que a esposa estava no Gerorgio's Bistro Italiano e exigiu Henry's especiais de entrada... sem alho! Isso é o que Natalie Mitchell disse que seu filho lhe contou" *E daí?* Eu pensei. *Eu gosto de uma lua cheia. Isso me torna uma lobisomem? Grande coisa. E quem pode confiar no Trevor e na sua família?* A movimentação na frente da porta deixou a sessão de fofoca totalmente parada. E fez os clientes e todas nós cochicharem.

Era o Homem Assustador!

" Eu tenho de terminar uma coisa pendente!" eu cochichei para Ruby, cujos olhos estavam fixos no homem esquelético.

Eu corri tão rapidamente quanto eu poderia, não olhando para trás até que eu estava a salvo atrás da maquina de Xerox.

Mas apesar disso, eu queria muito correr até bom Assustador, abraçar o seu frágil corpo e dizer-lhe e me deculpar por Trevor Ter dado trabalho no Halloween. Eu queria ouvir tudo o que ele tinha a dizer sobre o mundo, o que ele sabia, a suas aventuras e viagens. Mas eu não podia, por isso estava acovardada por trás da máquina copiadora copiando a minha mão.

"Eu gostaria de dois bilhetes para Bucarest" eu o ouvi dizer, tomando uma cadeira na escrivaninha da Ruby,

eu estiquei o meu pescoço para vê-lo.

"Bucarest?" Ruby perguntou.

"Sim, Bucareste, Romênia"

"E quando você estaria indo?"

"Não vou Madam. As passagens são para o Sr. e a Sr. Sterling. Eles gostariam de embarcar em novembro na primeira classe, por três meses"

Ruby teclava em seu computador . "Dois lugares..., na econômica?"

"Não, de primeira classe, por favor. Apenas durante o voo sirva-os algum vinho sangrento , os Sterlings estão sempre felizes!" ele disse em seu forte sotaque, rindo.

Ruby riu desajeitadamente pelas costas, eu gargalhei por dentro.

Ela passou ao longo do itinerário e entregou-lhe uma cópia.

"Estão a custo de sangue estes bilhetes hoje em dia!" o cara assustador riu assinando.

Isso estava ficando bom!

Ruby passou seu cartão de crédito. 'E Você não vai, Sir? Ela perguntou, tentando tirar mais informações dele enquanto assinava o seu nome. Vai lá Ruby!

"Não, o menino e eu ficaremos para trás"

Menino? Ele estava se referindo ao Rapaz Gótico? Ou os Sterlings tinham um filho de quem eu poderia até ser babá? Eu poderia brincar de esconde-esconde com ele na Mansão.

"Os Sterlings tem um nenino?" Ruby perguntou.

"Ele não costuma sair muito. Fica em seu quarto ouvindo música alta. Isso é o que eles fazem aos dezessete".

Dezessete? Será que eu ouvi direito? Dezessete? Ele estava falando sobre o Rapaz Gótico. Mas porque ele não ia na escola?

"Ele sempre teve um tutor. Ou como dizem neste país, ele tem sido educado-em- casa." O homem assustador respondeu, como se ele tivesse lido a minha mente. Ele deveria Ter dito educado-na-Mansão! Ninguém estava sendo educado em casa aqui em Dullsville.

"Dezessete?" Ruby repetiu, tentando obter mais informações de seu monte de ossos frágeis.

"Sim, dezessete... tendo uns cem".

"Eu sei como é que é" Ruby intercedeu. "Minha menina fez apenas treze anos, e ela pensa que sabe de tudo!"

"Ele age como se tivesse vivido antes, se você entende o que eu quero dizer, com todas as suas grandes opiniões sobre o mundo". O homem assustador deu uma gargalhada maníaca, que em seguida se tornou uma crise tosse.

"Posso fazer mais alguma coisa por você?"

"Eu gostaria de uma mapa da cidade"

"A nossa cidade"? ela perguntou rindo "Não sei se nós temos."

Ela virou-se para Janice que apenas balançou a cabeça.

"Há a praça principal e os campos de milho" Ruby disse, procurando através de sua mesa.

"Tem certeza que você não quer o mapa de algum lugar mais emocionante?"

ela perguntou lhe oferecendo um mapa da Grécia.

"Esta é toda a excitação que um homem da minha idade pode agüentar, obrigado" Ele disse com um sorriso. "A praça faz-me lembrar da minha aldeia na Europa. Passaram-se séculos desde que a vi."

"Séculos?" Ruby perguntou curiosa. "Então você esconde bem sua idade," ela brincou. Se alguém podia pegar informações daquele andarilho morto, essa era Ruby. Ela conseguia flertar com os melhores.

O rosto do homem assustador mudou de vinho branco para vinho tinto. "Você é tão gentil, querida," ele disse, batucando de leve sua cabeça careca com um boné de seda vermelho. "Obrigado pela atenção," ele disse, preparando-se para sair. " Foi muito agradável,e você tem sido amável, também". Ele segurou o braço dela com seus dedos ossudos e sorriu um sorriso trincado.

Enquanto ele se levantava, olhou diretamente para mim sem interrupções como se soubesse que já tinha me visto antes. Eu podia sentir seu olhar fixo enquanto freneticamente virava para o outro lado, rapidamente juntando as treze cópias da minha mão.

Eu não ousava virar de volta até ouvir a porta fechar. Eu espiei enquanto ele andava pela janela da frente – e ele olhou pelo canto dos olhos de volta como se estivesse procurando me encarar diretamente. Eu senti uma sensação fria ir de uma ponta a outra do meu corpo. Eu amei.

O resto do dia deslizou. Eu percebi com dificuldade que já tinha passado das seis.

Eu joguei minha mochila preta por cima do ombro.

“Bem, nos vamos ter que lhe pagar por hora extra!” Ruby disse enquanto eu saía da mesa de recepção. Se eu não pudesse ser Elvira ou a noiva do Drácula eu seria Ruby. Ela era o composto oposto de mim com seu branco em branco. Botas brancas com um vestido de vinil branco, ou uma calça branca curta que combinava com tamancos de salto branco. Ela tinha cachos louro-brancos e sempre retocava a maquiagem com um pó compacto branco com um R em alto relevo feito com pedrinhas. Ela até tinha um poodle branco que às vezes trazia para a agencia. Ela sempre tinha namorados que viam para uma visita. Eles sabiam que ela tinha classe.

Eu abordei sua mesa que era coberta por cristais brancos, ornamentos de anjos brancos e uma sorridente menina de treze anos emoldurada em Lucite branco.

“Ruby?” Eu perguntei enquanto ela remexia nervosamente sua bolsa de mão de couro.

“O quê amore?”

“Eu estava só pensando?” Eu disse mexendo na alça da minha bolsa. “Você...”

“O que é querida? Sente-se aqui.” Ela segurou a cadeira de Janice e a girou para perto dela.

“Sobre hoje... Eu sei que parece loucura, mas você... Veja... Você acredita em... Vampiros?”

“Eu?” ela riu, brincando com seu colar de cristal com a ponta dos dedos. “Eu acredito em um monte de coisas, amore.”

“Mas você acredita em vampiros?”

“Não!”

“Oh.” Eu tentei não demonstrar meu desapontamento.

“Porém, o que eu sei?” ela riu consigo mesma. “Minha irmã mais velha, Kate, jura que viu o fantasma de um velho fazendeiro num milharal quando éramos crianças. E eu fiquei com um cara que viu alguma coisa prateada em grande velocidade indo diretamente aos céus, e minha melhor amiga, Evelyn, jura que numerologia a ajudou a encontrar um marido, e meu quiroprático cura pessoas colocando ímas magnéticos nas articulações delas. O que é fantasia para alguns é realidade para outros”.

Eu prestei atenção em cada palavra.

“Então, eu acredito em vampiros?” ela continuou “Não. Mas também não acreditava que Rock Rudison era gay, Quer dizer, o que eu sei?” Ela sorriu um sorriso branco reluzente.

Eu ri enquanto andava até a porta.

“Raven?”

“Sim?”

“Em que você acredita?”

“Eu acredito em – descobrir!”

Capítulo 11 - Missão Improvável

“Eu estou numa missão!” Eu gritei a Becky, que já estava me esperando no balanço do Parque Evans. Eu tinha lhe dito para me encontrar às sete da noite. “Você nunca vai acreditar no que aconteceu!”

“Você tem outra cueca do Trevor?”

“Que Trevor? Não mesmo, isso vai muito além dele! Muito além dos limites da cidade! Isso é totalmente de outro mundo!”

“O que foi?”

“Eu sei todos os podres da família da Mansão!”

“Ah, os vampiros?”

“Você sabe?”

“Está por toda a cidade. Alguns dizem que a maneira que eles se vestem. Alguns dizem que eles são só esquisitos. O sr.Mitchell disse ao meu pai que eles não devem ser humanos já que comeram no Georgios e deixaram o alho de lado.”

“Mas esses são os Mitchells. Mesmo assim, talvez, talvez deva adicionar isso ao meu diário. Cada informaçãozinha é crucial!”

“É por isso que nos estamos nos encontrando?”

“Becky, você... acredita em vampiros?”

“Não”

“Não?”

“Não!”

“É isso? Não vai nem pensar no assunto?”

“Você poderia ter me perguntado isso por telefone. Eu estava ajudando a fazer macarrão com queijo.”

“Isso é de suprema importância!”

“Você está louca? Quer que eu acredite em vampiros?”

“Bem...”

“Raven, você acredita neles?”

“Eu tenho acreditado nisso por anos. Mas quem garante? Não acreditava que Rock Hudson era gay.”

“Quem é Rock Hudson?”

Eu revirei meus olhos. “Esquece. Eu lhe pedi para me encontrar aqui para que me ajudasse na minha missão. Veja bem, as respostas não estão nos boatos, mas nas verdades, e a verdade está naquela Mansão. E em todos os sábados de noite o mordomo assustador vai ao Wexley’s comprar guloseimas durante uma hora. Eu dirigi perto da mansão e eles não parecem ter nenhum sistema de segurança. E se eu jogar minhas cartas direito, o cara gótico vai estar isolado em seu sótão escutando Marilyn Manson nas alturas. Ele nunca iria me ouvir.”

“Ele nunca iria lhe ouvir fazendo o que?”

“Descobrimo a verdade.”

“Isso soa totalmente fora dos limites.”

“Obrigada”

“Então você precisa que eu fique na minha casa esperando seu telefonema, ai quando você chegar em casa em segurança vai poder me ligar e dividir todos os detalhes?”

Eu a encarei duramente.

“Não, eu preciso que você seja minha cúmplice”

“Você sabe que isso é invasão de propriedade? Tipo, realmente invasão? Como arrombar e entrar?”

“Bom, se eu conseguir achar uma janela aberta não vou estar arrombando nada, apenas entrando. E se tudo correr como planejado ninguém vai notar e ai tecnicamente não vou estar nem invadindo. Eu nunca nem fiquei com problemas em fugas!”

“Eu não devo...”

“Deve”

“Eu não posso”

“Pode”

“Eu não vou”

“Você vai!”

A conversa parou. “Você vai!” Eu disse, dessa vez com firmeza. Eu odeio ser mandona, mas isso tinha que ser feito. Eu levantei do meu balanço. “Eu não vou roubar nada. Você será minha cúmplice por nada. Mas seu eu achar algo grande, colossal, espetacular, totalmente além desse mundo, aí nos podemos dividir juntas o Prêmio Nobel.”

“Nós temos até sábado, certo?”

“Sim. O que me dá tempo o suficiente para reunir mais informações e vagar ao redor da mansão. E você vai ter tempo o suficiente para...”

“Pensar em desculpas?”

Eu sorri, “Não, para terminar de fazer o seu macarrão com queijo”

Capítulo 12 - Hora de Desistir

Foi melhor que o dia da graduação: o dia em que o meu emprego de meio período acabou. Eu tinha seguramente juntado 200 dólares, mesmo com os impostos. O suficiente para o meu velho querido pai comprar uma raquete novinha brilhando e uma nova latinha daquelas bolas de tênis amarelas néon fosforescentes.

Eu senti um pouco de melancolia enquanto pegava meu suéter para sair da agência de turismo Armstrong, meu cheque bem guardado na minha bolsa. Ruby me deu um abraço apertado, um abraço de verdade, não como os de boneca bebê de porcelana da Janice.

Eu acenei para o Big Bem, a torre Eiffel, e o pôr - do - sol havaiano.

“Sinta-se livre para voltar a qualquer hora!” Ruby disse. “Eu realmente vou sentir sua falta. Você é única, Raven.”

“Você é também!”

Ela realmente era, e era legal finalmente ter criado laços com alguém diferente do usual povo de Dullsville.

“Algum dia você irá achar um garoto único assim como você!”

“Valeu, Ruby!”

Isso era a coisa mais carinhosa que alguém já tinha me dito.

Logo depois Kyle Garrison, o golfista profissional de Dullsville, entrou para paquerar com a Ruby. Ela tinha achado um monte de “caras únicos” para ela mesma. Mas ela merecia.

Eu coloquei meu cheque de pagamento no meu criado mudo e me aninhei na cama, feliz que a minha sentença de prisão havia acabado e que poderia descontar o cheque amanhã e entregar com orgulho o que ganhei para papai. Mas é claro que eu não consegui dormir. Eu fiquei a noite toda acordada me perguntando qual seria a aparência do meu cara único. Eu rezei para que ele não usasse calças passadas como o Kyle profissional de golfe.

Então eu pensei no cara da mansão. E me perguntei se já havia conhecido meu cara único.

“Porque você está tão sorridente?” Trevor perguntou no dia seguinte após o almoço. Eu não conseguia evitar, continuei sorrindo, até mesmo para o Trevor. Eu estava feliz.

“Eu estou aposentada!” Eu exclamei “Agora posso viver como eu quero!”

“Sério? Parabéns. Mas eu me acostumei a ver você na suas roupas bonitinhas de secretária. Você pode usar elas só pra mim agora.” Ele disse, se aproximando.

“Saí fora” Eu gritei, o empurrando. “Você não vai estragar meu dia!”

“Eu não vou estragar seu dia” Ele disse, recuando. “Estou orgulhoso de você”. Ele sorriu lindamente, mas em seu sorriso havia maldade disfarçada. “Agora você deve ter dinheiro o suficiente para me levar para sair. Eu gosto de filmes de terror.”

“Mas eles são assustadores demais para criancinhas como você. Eu te chamo daqui a alguns anos.”

Eu ri e saí andando. Dessa vez, ele não me parou. Pelo visto ele realmente não iria estragar meu dia afinal de contas.

O oitavo período finalmente tinha acabado. Eu rapidamente fui encontrar Becky no meu armário para um sorvete depois da escola e uma atualizada no plano da Mansão. Havia uma multidão de alunos na frente do meu armário. Becky tentou me guiar, mas eu passei direto por ela, empurrando os alunos curiosos.

Enquanto eu me aproximava, eles se afastavam.

Eu olhei para o meu armário e meu coração se despedaçou. Pendurada por uma corda, presa por uma fita gomada prateada, estava a raquete de tênis Prince de meu pai, com um bilhete que dizia “O JOGO ACABOU! EU GANHEI!!”

Minha cabeça começou a girar como no *Exorcista*. Trevor Mitchell tinha a raquete o tempo todo. Será que lê pegou no dia que o Homem Assustador veio ao colégio?

Meu corpo tremeu de fúria. Todos aqueles telefonemas tocando, todos aqueles clientes com raiva, todos aqueles faxes chatos, o gosto doentio dos envelopes. Assistir as pessoas voar, dirigir, esquiar pra fora de Dullsville enquanto eu os entregava suas passagens para a liberdade. Tudo porque o Trevor estava esperando o momento certo para devolver a raquete.

Eu dei um grito que começou em minhas botas e terminou ecoando pelas paredes.

Vários professores perplexos saíram para ver o que estava acontecendo.

“Raven, você está bem?” O Sr. Lenny perguntou.

Eu não sabia se minha pequena multidão havia se dispersado ou ainda estava aqui, só via minha raquete de tênis. Eu não conseguia respirar, muito menos falar.

“O que aconteceu?” Gritou o Sr. Burns.

“Você está sufocando? Tem asma?” Perguntou o Sr. Lenny.

“Trevor Mitchell -” Eu comecei por entre os dentes.

“Sim?”

“Ele foi linchado! Ele está no hospital!”

“O quê? Como?” Os professores em pânico questionaram alternadamente.

Eu respirei fundo. “Eu não sei como ou onde!” Eu me virei para eles, meu corpo tremendo de raiva e minha cabeça pronta para explodir. “Mas eu lhes digo isso – vai ser em breve!”

Os professores confusos me encararam.

Eu arranquei a raquete de tênis com toda a minha força, puxando tão forte que a fita gomada tirou um pedaço da tampa verde do meu já detonado armário.

Eu sai revoltada da escola, sedenta por sangue.

Estudantes estavam reunidos no gramado da frente, esperando por caronas. Quando não achei Trevor, marchei ao redor dos fundos.

Eu o localizei no campo de futebol. Esperando por mim. Estava cercado por todo o time de futebol.

Trevor tinha planejado isso. Ele tinha pacientemente esperado por esse dia enquanto eu trabalhava impientemente. Ele sabia que eu iria atrás dele. Sabia que eu estaria furiosa. E agora ele poderia provar aos seus companheiros que era o rei de novo, que tinha conseguido a garota gótica, se não nas árvores, ao menos pela raquete. E ele queria que todos os seus amigos presenciassem.

Eu me movi rapidamente, carregada pela ira e desejo por sangue. Desci o monte ao redor ao redor do campo de futebol, treze atletas e um orgulhoso antagonista me encaravam. Todos esperando que eu pegasse o alvo, e o alvo era Trevor.

Eu passei pelos esnobes do futebol e andei até Trevor, apertando a raquete do meu pai, pronta para a matança.

“Eu estive com ela o tempo todo” ele confessou “Eu segui aquele mordomo esquisito naquele dia depois da escola. Ele queria devolver pessoalmente, mas eu lhe disse que era seu namorado. Ele pareceu desapontado.”

“Você lhe disse que eu era sua namorada? Nojento!”

“É mais nojento para mim, gata. Você vai estar saindo com um jogador de futebol. Eu vou estar saindo com uma aberração de circo!”

Eu empurrei a raquete para trás, para pegar impulso.

“Eu ia devolvê-la mais cedo, mas você parecia muito feliz indo ao trabalho.”

“Vai ter que usar mais que uma luva de golfe quando eu acabar com você desta vez!”

Eu pulei pra cima dele, que pulou para trás.

“Eu sabia que viria correndo atrás de mim. Garotas sempre fazem isso!” Ele anunciou orgulhosamente. O grupo de cachorrinhos dele riram.

“Mas você está correndo atrás de mim também, não está, Trevor?”

Ele me encarou, confuso.

“É verdade”. Eu continuei. “Diga aos seus amigos! Eles estão todos aqui. Mas tenho certeza que todos iam perceber sozinhos. Diga a eles porque está fazendo isso!”

“Do que está falando, monstrinha?” Eu podia ver pela sua expressão que ele estava pronto para a batalha, mas não estava esperando jogar esse tipo de jogo.

“Eu estou falando de amor” Disse fingindo timidez.

O grupo inteiro riu. Eu tinha uma arma melhor que qualquer raquete de duzentos dólares: humilhação. Acusar um jogador de ter uma queda pela garota gótica era uma coisa, mas usar essa palavra melosa na frente de um cara de 16 anos metido a macho com certeza iria derrubá-lo.

“Você está realmente enlouquecendo!” Ele soltou.

“Não fique tão envergonhado. É um tanto fofo, verdade.” Eu disse desaprovadamente. “Trevor Mitchell me ama! Trevor Mitchell me ama!” Eu cantei.

Trevor não sabia o que dizer.

“Você está tomando drogas, garota.” Ele declarou.

“Desculpa esfarrapada. Trevor” Eu olhei para todos os seus amigos atletas esnobes e depois o encarei.

“Era tão óbvia a maneira como você se sentia, devia ter me tocado de tudo sozinha.” Então eu disse na minha voz mais estridente “Trevor Mitchell, você está apaixonado por mim!”

“Certo, sua palhaça! Como se eu tivesse um pôster seu na parede do meu quarto! Você não é nada além de uma aberração.”

Eu fiquei mordida com a palavra aberração, mas eu deixei a dor me abastecer para a próxima rodada.

“Você não foi para Oakley Woods com um pôster. E não se vestiu como um vampiro para impressionar um pôster. E você não escondeu a raquete do meu pai, assim não poderia ganhar a atenção de um pôster!”

Os rapazes do futebol devem ter ficado impressionados com o meu argumento, porque eles não me atacaram de volta ou defenderam Trevor, em vez disso esperaram para assistir o que ia acontecer a seguir. “Nenhum dos seus amigos aqui presta atenção em mim,” eu continuei. “É porque eles não se preocupam comigo, mas você se preocupa. Você se preocupa loucamente. Você presta atenção em mim o tempo todo.”

“Você é louca! Você não passa de uma garota drogada, esquisita e perdedora, e isso é tudo que você sempre vai ser!”

Trevor olhou para o Matt, que apenas sorriu desajeitada mente e deu de ombros. Houve várias reações de seus amigos e palavras sussurradas que eu não pude ouvir.

“Você me quer tanto!” Eu gritei na cara dele “E você não pode me ter!”

Ele veio até mim, todo cambaleante, e era uma boa coisa que eu tinha a raquete de tênis do meu pai para me defender dos socos dele. Deve haver algo digno de pena em um atleta furioso tentando atacar uma garota, ou talvez a gangue de jogadores de futebol do Trevor secretamente gostava de vê-lo humilhado, porque eles o puxaram de volta e Matt, junto com o goleiro, entraram na minha frente como uma barreira bonita.

Nesse momento o Se. Harris soprou o apito para o treino.

Não havia tempo para agradecimentos para o Matt e aos outros ou “Nossa, isso foi divertido – devíamos fazer de novo”. Eu corri de volta triunfante. Mal podia esperar para contar a Becky.

Eu realmente acreditava que o Trevor estava apaixonado por mim? Não. Parecia tão provável quanto a existência de vampiros. Sr.Popular ama a Sra.Não – popular. Mas deu uma boa história, e mais importante era, todos haviam acreditado.

Eu estava finalmente livre.

Capítulo 13 - Uma Garota Obcecada

De repente outros moradores de Dullsville relataram as aparições do Cara Gótico.

"Ele é bem bonito,mas alguma coisa estranha deve estar acontecendo naquela casa mal-assombrada!"Monica Havers sussurrou para Josie Kendle na aula de Algebra.

"Ele realmente saiu do calabouço?"

"É!E Trevor Mitchell o avistou saindo do cemitério de noite e disse que ele tinha sangue pingando de sua boca.E quando Trevor dirigiu para mais perto,ele desapareceu de repente!"

"Sério?Hey,você está saindo com o Trevor de novo?"

"Não mesmo!Todo mundo sabe que ele está apaixonado por aquela garota Raven.Mas pega essa.Eu vi aquele garoto fantasma no cinema na última Sexta.Sozinho.Quem vai no cinema sozinho?"

"Somente um perdedor doido e solitário"Josie disse.

"Isso mesmo!"

Eu revirei meus olhos por nojo.

Então,depois do jantar eu estava no 7-Eleven com Becky, comprando refrigerante para minha mãe,quando eu vi uma manchete que dizia "Eu Dei A Luz Á Um Bebê Vampiro de Duas Cabeças"

"Bem, tem que ser verdade então!"Eu brinquei."Vampiros existem.Eu li no *Mentiroso Nacional*?"

Becky e eu soltamos risinhos como duas garotinhas.

Eu me virei e lá esta o Cara Gótico parado bem atrás de mim,fitando os doces no balcão.

Ele estava usando Ray Ban, como um estrela do Rock fantasmagórica,e estava segurando um pacote de velas.

"Você não é o cara-"Eu sussurrei sem ar, como se eu estivesse vendo uma celebridade.

"Próximo"O caixa disse,convocando-o para o balcão.

Ele nem me notou.Eu o segui de perto mas fui posta pra escanteio por uma rainha do fitness ruiva e sua amiga viciada em cama que estavam comprando revistas de celebridades e garrafas de água importada.

O Cara Gótico pegou sua sacola e saiu da loja,levantando os óculos assim que ele saiu para a escuridão.

As duas mulheres olharam de relance para ele como se tivessem visto um zumbi.

"Isso me lembra Phyllis,"A rainha do fitness sussurrou"Eu vi aquele garoto na Carlson's Book

Store.Ele é tão pálido!Ele nunca saiu no Sol não?Ao menos se ele passasse um creme autobronzeador...

...Ele precisa urgente de uma remodelagem!

"Você lembra o que ele estava lendo?"

"Ah sim,"ela recordou"Era um livro do Benson Hill Cemetery!"

"Eu vou ter que contar pra Natalie Mitchell.Ela está convencida de que eles são vampiros!"

"Talvez nós veremos os Sterlings nos tablóides na semana que vem:'Vampiro Adolescente Joga Baseball Com os Morcegos Reais'"E elas riram como eu e Becky havíamos feito antes.

"Rápido!"Eu disse impaciente.Quando eu e Becky chegamos no estacionamento ele já havia ido embora.

A fofoca rolou solta na nossa mesa de jantar

"John Garver no tribunal me disse que os Sterlings não compraram a Mansão,eles a herdaram"Meu pai disse.

"Jimy Fields disse que escutou que eles não comem comida de verdade mas sim insetos e galhos"O menino Nerd acrescentou, como só um nerd poderia fazer

"Qual o problema com vocês pessoal!"Eu gritei"Eles são só diferentes- eles não estão quebrando nenhuma lei!"

"Eu tenho certeza de que não estão,Raven"Minha mãe concordou."Mas no mínimo,eles são estranhos,As suas roupas são bizarras!"

Todos eles olharam para mim- para meu batom preto,minhas unhas pretas lustrosas,meu cabelo enegrecido,meu vestido preto em tiras e para minhas pulseiras de plástico pretas.

"Bem,eu me visto de jeito bizarro também.Vocês acham que eu sou estranha?"

"Sim" Eles disseram em coro.

E todos nós caímos na risada,até eu.Mas lá no fundo,eu fiquei triste por saber que eles não estavam brincando,e eu poderia dizer o mesmo deles, pela mesma razão.

O Sol estavam fora embora e a Lua estava sorrindo sobre Becky e eu.Eu estava pronta para o esquema do camuflar e infiltrar na noite.Eu estava usando um batom preto no lugar de gloss,uma gola role preta,jeans pretos e uma pequena mochila preta com uma lanterna e uma câmera descartável.Sr. e Sra. Sterling estavam na Europa.O Mercedes não estava á vista.O Homem Assustador devia ter ido até a loja,e se ele dirige o carrinho de compras como dirige o carro,eu teria um bom tempo.

O velho portão de ferro erguia-se na minha frente. Todas as respostas para todos os rumores estavam do outro lado. Uma escalada rápida e as investigações poderiam começar.

Infelizmente a aventura estava indo por água abaixo porque Becky estava apavorada com a idéia de escalar.

"Você não tinha me dito que teríamos que escalar o portão! Eu tenho medo de altura!"

"Por favor! Supere! O relógio está batendo!"

Becky olhou para o inofensivo portão como se ele fosse o Monte Everest. "Eu não posso! É muito alto!"

"Você consegue" Incentivei. "Aqui." Eu pus minhas mãos juntas, formando um calço "Você tem que por todo o seu peso aqui!"

"Eu não quero te machucar."

"Você não vai. Vamos lá!"

"Você tem certeza?"

"Becky, eu esperei por meses por isso, e se você for estragar tudo porque está com medo de subir nas minhas mãos, eu vou ter que te matar."

Ela pisou e eu impulsionei, e quando vi ela estava agarrada ao portão como uma aranha aterrorizada.

"Você não pode só segurar. Você tem que escalar!"

Ela tentou. Ela realmente tentou. Eu podia ver cada músculo de seu corpo se tencionar. Ela não era pesada, mas também não era forte.

"Imagino que você vá para cadeia se não subir isso."

"Estou tentando!"

"Vai Becky, vai!" Eu incentivei como uma líder de torcida. Ela subiu devagar e finalmente alcançou o topo de lanças. Daí ela realmente enlouqueceu.

"Eu não posso ir além! Eu to assustada!"

"Não olhe pra baixo"

"Eu não posso me mexer!"

Eu estava começando a entrar em pânico

Ela poderia ter estragado tudo bem ali. Um policial poderia estar passando, ou algum vizinho enxerido. Ou até mesmo o próprio Cara Gótico poderia ter descido do seu sótão para ver o que estava fazendo mais barulho que o seu retumbante cd do The Cure.

-Aqui vou eu. – Eu me impulsionei em direção ao portão, manobrei ao redor de Becky e virei no topo.

– Agora você! – Eu cochichei enquanto me segurava no outro lado.

Ela não se moveu. Seus olhos não estavam nem abertos.

-Eu acho que estou tendo um ataque de pânico.

-Ótimo! – eu disse, rolando os olhos – Você não pode fazer isso! – Talvez eu devesse ter trazido o garoto Nerd. – Becky?

-Eu não posso!

-Tudo bem, tudo bem! Desça.

Nós duas deslizamos pelo portão de ferro em lados opostos. As barras de ferro nos separaram, mas não nossa amizade.

-Eu espero não ter estragado tudo – Becky disse.

-Hey, pelo menos você me deu uma carona.

Ela sorriu satisfeita.

-Eu mantenho um olho aqui fora.

-Não, vá para casa. Alguém pode ver você.

-Você tem certeza?

-Foi divertido sair com você – eu brinquei – Mas eu tenho que ir agora!

-Eu espero que você ache tudo que você está procurando.

Becky dirigiu para a segurança do seu sofá de manta escocesa e eu continuei, com uma detetive a menos. Eu era a AIR – Agência de Investigação Raven. (No original é RBI, Raven Bureal of Investigation). Eu tinha que por um fim nestes rumores. E se eles fossem mais que rumores, o mundo tinha que saber.

A única luz vinha da janela cortinada do sótão. Eu podia ouvir o débil lamento da guitarra elétrica, enquanto eu andava na ponta dos pés ao redor da casa. Felizmente eu não ouvi o som de cães latindo. Eu achei minha janela preferido. Não havia taboas ou tijolos, e a janela quebrada havia sido consertada. Se eles consertaram algo nessa Mansão, porque tinha que ser esta janela? Eu me arrastei e procurei por outra janela. Estavam todas trancadas. De repente eu notei alguma coisa iluminada pelo luar. Eu me encolhi e escondido atrás de um arbusto estava um martelo, e do lado do martelo estava a coisa mais linda que eu já havia visto. Era uma janela, sustentada aberta por um tijolo. A arma de vedar e a pasta aderente ainda estavam no peitoril. Alguém andou fazendo reparos e deixou a bagunça para secar. Eu beijei meu novo amigo – o tijolo – com a minha mão. Obrigada, tijolo, obrigada!

Era muito mais apertado através da janela desta vez. Eu havia comido muitos doces desde que tinha doze anos.

Eu me apertei, empurrei e puxei e rosnei e arremessei. Eu tinha passado. Eu estava dentro! Eu bati o ar com a minha mão (high-fived), o mofado empoeirado escuro ar do porão que preenchia a masmorra da Mansão.

Minha lanterna me guiou ao redor de buracos e móveis velhos. Eu vi três objetos retangulares cobertos com lençóis, contra a parede. Pinturas? Minha pele tremeu com antecipação enquanto eu agarrei a ponta do lençol e lentamente puxei. Eu engasguei. Um rosto com dois olhos inertes estavam me encarando de volta. Era um espelho!

Eu segurei meu coração disparado. Um espelho coberto? Eu puxei os lençóis um após o outro. Todos eram espelhos. Molduras douradas, molduras de madeira, retangulares e ovais. Não podia ser! Quem cobre seus espelhos? Apenas vampiros!

Eu continuei a procurar no porão. Eu descobri louças chinesas e taças de cristal, não do tipo de vidro que eu estava a tomar em. Então eu achei uma caixa que tinha uma etiqueta com AQUARELAS DO ALEXANDER, repleta de desenhos de bens como esses.

Havia outras pinturas também: Homem-aranha, Batman e Super-homem. E uma versão dos três grandes juntos: Frankenstein, o Lobisomen e o Conde Drácula.

Eu comecei a colocá-los na minha mochila, mas eu havia prometido à Becky que não levaria nada. Então eu tirei a minha câmera e tirei uma foto ao invés.

Eu achei um pergaminho enrolado e empoeirado com o desenho quase sumido de uma árvore genealógica. Havia longos e impronunciáveis nomes de duquesas e baronesas de séculos atrás. E então no fim – Alexander. Mas sem datas de nascimentos – ou de óbitos!

Finalmente eu descobri três caixas marcadas, TERRA. Havia selos customizados da Romênia nelas. Enquanto eu andava em direção as escadas, eu tropecei em algo coberto com um lençol branco. Era para isto que eu tinha vindo – tinha que ser um caixão. O objeto era do tamanho certo e soava como madeira quando eu bati os nós dos dedos nele. Eu estava com tanto medo quanto eu estava empolgada. Eu fechei meus olhos e arranquei o lençol. Respirei fundo e abri meus olhos. Era apenas uma mesa de café.

Eu recoloquei o lençol e cuidadosamente subi pelas escadas, que rangiam. Eu virei a maçaneta da porta de vidro e empurrei, mas sem sucesso. Eu empurrei novamente com toda a minha força, e a porta de repente abriu.

Eu fui voando para o corredor.

Retratos de um homem e uma mulher com cabelos prateados alinhados no corredor, junto com algumas pinturas pitorescas que poderiam ser Van Goghs ou Picassos. Eu sabia com certeza se eu já tivesse prestado atenção em arte, alguma vez. Eu senti como se estivesse em um museu, exceto que havia velas e não luzes fluorescentes.

Eu andei pé ante pé através da sala de estar. Os móveis eram arte-deco (*artes-decorativas segundo a wikipédia*). Muito estiloso. Cortinas enormes de veludo vermelho estavam nas janelas – as janelas que eu uma vez acenei um boné de baseball vermelho. Eu podia ouvir os Smiths pulsando através do teto. Eu olhei meu relógio fluorescente. Já eram oito e meia. Hora de ir. Mas, eu parei no pé da grande escadaria. Eu não podia subir. Seria ultra-arriscado. Mas eu tinha que ver tudo. Quando eu teria uma chance dessas novamente?

O primeiro quarto que eu entrei era um grande estúdio, livros e mais livros, a biblioteca particular dos Sterlings. Mas sem bibliotecárias, graças a Deus. “Apenas vim para checar *Crime e Punição* não passaria pelo Cara Assustador. Eu espiei rapidamente pelos outros quarto. Eu nunca vi tantos banheiros em um andar. Nem um estádio de futebol tinha tantos. O quarto de visitas era pequeno e surpreendentemente simples com uma cama de solteiro. O quarto de casal tinha uma cama de dossel com cortinas pretas de renda ao redor das colunas. Havia uma penteadeira, mas sem espelho! Pequenos pentes e escovas e esmaltes. Sombras preta, cinza e marrom. Eu estava para olhar dentro do guarda roupa quando a música parou. Eu ouvi passos acima da minha cabeça.

Eu desci as escadas rapidamente. Eu não olhei para trás e tive certeza de não errar o pé e cair como aquelas meninas fazem nos filmes de *Sexta Feira 13*. Tremendo com a trinca da porta, meus dedos tremiam incontrolavelmente, como aquelas meninas dos filmes bestas de terror. Eu estava fazendo muito barulho. Enquanto eu tentava destrancar o parafuso (*bolt no original*) de cima, eu vi o de baixo girando pelo outro lado.

Eu corri pelo corredor, mas ouvia passos vindo daquela direção. Eu girei e virei, indo em direção a sala de estar. Não havia tempo para abrir a janela, então eu me joguei atrás das cortinas de veludo vermelho.

“Estou de volta”, eu ouvi o Cara Assustador chamar no seu sotaque Romeno. “Wexley estará entregando amanhã como sempre. Eu vou me deitar agora.”

Ninguém respondeu.

“Você não consegue fazê-los se calar quando eles tem três, mas quando eles tem desessete elas nem abrem suas bocas,” eu ouvi ele resmungando para si mesmo enquanto ele andava vagorosamente através da grande escadaria.

“Sempre deixando as portas abertas,” Eu ouvi o Assustador dizer e fechando o que deveria ser a porta para o porão.

Eu me descobri da cortina, corri, e desparafusei toda a fechadura da porta da frente em tempo recorde. Eu estava pronta para escapar quando eu senti algo familiar - - - uma presença, de novo. Eu me virei e ele estava parado na minha frente. O Cara Gótico. Ele estava parado, sem emoção como se ele estivesse analisando seu não-convidado visitante.

Quando ele estendeu sua mão para mim, para mostrar que eu não precisava ter medo, eu notei o acessório – ele estava usando o anel de aranha preta que eu havia dado para o Cara Assustador no Dia das Bruxas!

Eu havia esperado por aquele momento minha vida toda. Ver, conhecer, fazer amizade com alguém que era diferente de todos, e igual a mim. De repente a realidade da situação me atingiu.

Eu havia sido pega.

Eu corri através do gramado da Mansão e tateei e empurrei e voei para o topo do portão enferrujado. E enquanto eu passava minhas botas pelo topo, eu olhei para trás e pude ver uma figura distante parada na porta, me assistindo. Eu hesitei, sentindo-me atraída de volta para a Mansão. Eu olhei para ele por um momento antes de escorregar para o outro lado.

Eu havia achado o que eu estava procurando.

Capítulo 14 - Perseguição Quente

Depois de ligar para Becky e descrever minha aventura em detalhes emocionantes, eu sofri de uma insônia cruel. Não era o cair da noite que estava me mantendo acordada, era um cara com os olhos mais profundos, escuros e sonhadores que eu já vi durante toda a minha vida. Meu coração estava girando tanto quanto a minha cabeça. Ele era lindo. Seu cabelo, seu rosto, seus lábios. Era absolutamente incrível a imagem da sua mãe estendida usando o meu anel!

Porque ele não tentou chamar a polícia? Porque ele estava usando o meu anel? Ele era mesmo um vampiro? Quando eu poderia vê-lo outra vez? Eu já estava com saudades do Garoto Gótico.

Eu estava me balançando alto em um dos balanços do Evans Park, esperando pela Becky, minha cabeça ainda tonta por causa do encontro da noite anterior. Eu parei de me balançar quando ela chegou e contei a estória incrível toda outra vez.

“Você tem sorte por ele não ter te matado!”

“Você está brincando? Ele foi incrível! Eu esperei a minha vida inteira para conhecer alguém metade legal!”

“Então você acredita nos rumores agora?”

“Eu sei que parece maluquice, mas eu acho que pode ser verdade. Há tantos sinais. O desenho de Drácula, as velas, os óculos escuros, os espelhos cobertos, a árvore genealógica.”

“A alergia da mãe a alho e o fato de que os Sterlings só tem sido vistos à noite,” Becky completou.

“E a terra importada? Vampiros sempre trazem terra de sua terra natal.”

“Você vai chamar a CNN?” ela implicou.

“Ainda não. Preciso de mais provas.”

“Isso me envolveria tentando passar por aquele portão outra vez?”

Eu comecei a me balançar, lembrando de Anne Rice, Bram Stoker, Bela Lugosi, *The Hunger*, *Garotos Perdidos* e todos os Nosferatos que agradeceram o mundo com seus maravilhosos sorrisos e cabelos lambidos.

“Não! Isso não envolve você de jeito nenhum,” Eu finalmente a respondi.

Ela deixou escapar um sinal de alívio.

“Só tem um jeito de provar, certo? Então nós podemos finalmente falar para os fofoqueiros para acabarem para sempre com esses rumores. Então esses anjos góticos poderão dormir em paz, não importa se eles vão para a cama durante a noite ou o dia!” Eu brinquei.

“Então o que você vai fazer, esperar para ver se ele se transforma em um morcego?”

“Não. Eu vou esperar e ver se eu me transformo!”

“Você não pode se transformar em um morcego por vigiar ele.”

“Eu vou ter que fazer mais do que olhar para ele. Só tem um jeito de saber se ele é realmente um vampiro.”

“É?”

“Pela sua mordida!” Eu gritei excitada.

“Você vai fazer ele te morder? Você está louca?”

“Curiosamente louca.”

“E o que acontece se ele realmente for um? Você viraria uma vampira! Aí o que você faria?”

“Aí,” Eu falei, sorrindo, “Eu chamaria a CNN.”

Eu flutuei de casa até Evans Park sonhando acordada em ver meu príncipe da escuridão, quando eu avistei uma Mercedes preta virando a esquina no final da minha rua.

Eu corri atrás dela, o mais rápido que eu pude, mas botas de combate não podem competir com rodas e aceleração motorizada, mesmo com o Esquisito dirigindo.

Em casa eu fui cumprimentada por um estranhamente sorridente Garoto Nerd.

“Eu tenho algo para você!” ele disse.

“Não enche. Não estou de bom humor.”

“Parece que o correio agora está sendo entregue aos domingos. E o carteiro dos domingos é aquele cara estranho da mansão Halloween!”

“O que?”

“Ele deixou uma carta para você!”

“Me dê!”

“Isso vai lhe custar algo!”

“Vai custar sua cabeça,” eu gritei, tentando pular em cima dele.

Ele saiu correndo e eu o segui desesperadamente. “Eu vou pegar. É só uma questão de você estar vivo ou morto quando eu conseguir!”

Se pelo o menos eu estivesse em casa, Homem Assustador teria entregado a mim a carta ao invés de ao Garoto Nerd. Que bom que os meus pais tinham saído para almoçar. Eles teriam enlouquecido se tivessem visto um velhote de um milhão de anos batendo na porta e procurando por mim.

O Garoto Nerd balançou o envelope vermelho nas minhas fuças, zombando de mim. De repente ele correu para cima. Eu agarrei sua perna por trás e ele caiu. Puxei ele pra mim mas o envelope estava na sua mão esticada, muito longe pra que eu conseguisse alcançar.

Eu fiz uma cara de tubarão assassino pra que ele estendesse que eu iria arrancar a perna dele se preciso. Uma coisa que você pode fazer ao seus irmãos e não ir preso. Em pânico, ele usou seu pé livre pra chutar minha mão de sua perna ossuda. Ele bateu a porta de quarto na minha cara e trancou.

Eu bati e bati. Minhas mãos estavam machucando, mas eu não sentiria a dor até mais tarde, eu estava furiosa.

"Querida Raven"Ele fingia ler atrás da porta."Eu te amo e quero que você seja minha esposa feiticeira e então nós poderemos ter assustadores bebês mordomo.?Com amor,Mordomo Esquisitão"

"Me de isso!Agora!Você não sabe do que sou capaz?Pergunte para o time de futebol.Eu posso fazer da sua vida um inferno!"

"Eu te dou de volta,com uma condição"

"Quanto?"

"Eu não quero seu dinheiro"

"Então o que?"

"Que você me prometa..."

"O que?!"

"Que você me prometa que vai parar de me chamar de Garoto Nerd!"

Fez-se silencio de ambos os lados da porta

Senti uma pontada no coração.Culpa?Compaixão?Acho que nunca pensei que meu pequeno apelido poderia estar machucando tanto ele todos esses anos.Que eu já estava fazendo sua vida um inferno.

"Então do que eu deveria te chamar?"

"Que tal meu nome?"

"E qual seria?"Caçoei.

"Billy."

"Uh,bem...OK.Você me dá a carta,e eu não te chamo de Garoto Nerd--por um ano."

"Pra sempre."

"Pra sempre?"

"Pra sempre."

"OK.Pra...sempre."

Ele abriu a porta e me passou a carta.Ele me olhou com aqueles castanho-profundo olhos de irmãozinho.

"Aqui.Eu não abri."

"Brigada.Você não devia ter-me feito correr atrás de você.Eu tive um longo dia."

"Mas é só meio-dia!"

"Exatamente!"Agora eu tinha o envelope vermelho seguro em minhas mãos."Obrigada,Garoto Nerd."Eu não podia evitar.Era um hábito.

"Você prometeu!"Ele berrou,batendo a porta.

Eu bati de novo. Dessa vez eu senti a dor antes da pancada.

"O que é, Garota Bruxa?" Ele berrou. "Qualquer um pode ser um nerd se comparado a você! Me deixa em paz e volta pra sua caverna!"

Eu achei a porta destrancada e entrei. Já se faziam anos desde que eu tinha estado no seu quarto. Havia pôsteres de Michael Jordan e Wayne Gretzky na parede e 50 bilhões de jogos de computador espalhados pelo chão e na escrivaninha. O Garoto Nerd era na verdade bem interessante.

"Obrigada pela carta."

Ele apenas continuou no computador, me ignorando.

"Billy!" Gritei. Ele olhou pra cima chocado. "Eu disse, obrigada. Mas eu não posso abraçar você. Vamos guardar isso para um programa de TV."

Eu me joguei na cama, meu macio edredom preto contra meus braços. Fitei o envelope vermelho. Eu poderia dizer o que quer que estivesse dentro, tipo "Fique fora de nossa propriedade ou avisaremos seus pais."

Mas pelo menos eu tinha a ameaça segura em minhas mãos.

Eu abri cuidadosamente o envelope, temendo o pior.

Era um convite! "Mr. Alexander Sterling requisita a presença da Ms. Raven Madison em sua casa no dia 1º de Dezembro às 20h para jantar."

Como ele sabia o meu nome? Como ele sabia onde eu morava? E isso era real? Nenhum garoto de dezessete anos nessa cidade, estado ou país convidava uma garota assim. Vinha direto de algum filme da Emma Thompson, Mercador de Marfim, onde as pessoas tinham sotaques ingleses enfadonhos e eram espremidas em espartilhos e nunca falavam a palavra 'amor'. Era tão medieval, fora de moda e não desse mundo. Era tão romântico que meu corpo formigava todo.

Eu procurei no envelope por qualquer outra mensagem, mas aquilo era tudo. Nem dizia 'R.S.V.P.' De dar nos nervos! Ele esperava que eu fosse aparecer, e ele estava certo. Eu havia esperado por isso toda a minha vida.

Capítulo 15 - Convidado Gótico

Eu não podia contar a minha mãe sobre o meu misterioso convite para a Mansão. Ela diria que não, eu não poderia ir. Eu diria que sim, eu podia. Ela me poria de castigo; eu fugiria. Seria tudo muito

dramático. Eu estava certa que nada me impediria de ir, até que meu pai solta uma bomba na manhã do dia primeiro de Dezembro.

“Eu vou levar sua mãe para Vegas hoje a noite!” ele disse, me puxando de lado. “É tudo em cima da hora. Nós estamos indo hoje a tarde.”

“Não é romântico?” Minha mãe riu alegremente pegando a mala do armário do hall. “Seu pai nunca fez nada assim para o nosso aniversário antes!”

“Então você estará no comando da casa e vai cuidar do Billy,” meu pai falou.

“Cuidar do Billy? Ele tem onze anos!” Eu gritei, seguindo eles para dentro do quarto.

“Aqui é aonde podemos ser contatados caso você tenha algum problema,” ele disse me entregando um pedaço de papel com um número de telefone. “Seu emprego na loja da Janice provou que você pode ser responsável. Nós voltaremos amanhã depois do jantar.”

“Mas eu tenho planos!”

“Então convide a Becky para vir aqui hoje.” Ele atirou uma escova de cabelo dentro da mala. “Você está sempre indo na casa dela. Mas escolha um filme que vocês todos gostem.”

“Becky? Ela é a única amiga que você acha que eu tenho? Tipo, como se tudo que eu fizesse da vida é assistir TV?”

“Paul, eu devo levar esse?” minha mãe interrompeu segurando um vestido vermelho sem alças.

“Eu tenho desesseis pai. Eu quero sair no sábado a noite!”

“Eu sei,” minha mãe disse colocando um par de sandálias de salto alto vermelhas na mala. “Mas não hoje a noite. Seu pai me fez uma surpresa! Ele não havia feito isso desde a faculdade. Apenas essa vez, Raven, depois você pode ter todos os Sábados que você quiser.” Ela me beijou no topo da cabeça, não esperando por uma resposta.

“Eu vou ligar a meia noite em ponto,” meu pai avisou, “só quero ter certeza que você e Billy não estão brigando e que a minha raquete de tênis ainda está no armário.”

“Não se preocupe eu não vou dar uma festa,” eu disse raivosa.

“Bom mesmo, eu posso ter que usar a casa como garantia na mesa de 21.”

Ele foi até o armário e tirou uma jaqueta. Eu entrei no meu quarto e puxei meus cabelos, com raiva. Em todos os dezessete anos que meus pais estiveram casados, meu pai tinha que escolher esta noite para fazer uma surpresa para minha mãe?

Era sete e meia da noite quando eu contei as notícias para o Nerd Boy – ou melhor, Billy Boy. Eu estava usando a minha melhor roupa de sábado a noite: um mini-vestido preto de lycra com um top de renda preta, meia calça preta, botas de combate, batom preto e brincos prata com ônix.

“Eu vou sair hoje a noite.”

“Mas é para você ficar aqui.” ele olhou para a minha roupa como um pai superprotetor. “Você tem um encontro!”

“Eu não tenho. Eu apenas tenho que sair.”

“Você não pode! Eu não vou deixar. Eu vou contar.” Billy Boy teria amado ficar em casa sozinha, mas ele amava mais o seu súbito poder sobre mim.

“Becky está vindo para ficar com você. Você gosta da Becky.”

“É, mas ela gosta de mim?”

“Ela ama você!”

“Sério?” ele perguntou, com olhos de garoto apaixonado.

“Eu pergunto quando ela chegar aqui. Becky você ama meu irmão de onze anos de idade?”

“Não! É melhor você não fazer isso!”

“Então prometa se comportar.”

“Eu vou contar. Você está me abandonando! Qualquer coisa pode acontecer. Eu posso estar na internet e conhecer alguma mulher louca que queira casar comigo.”

“Você não teria tanta sorte,” eu disse olhando pela janela, procurando pela Becky.

“Você vai entrar em tantos problemas!”

“Deixe de ser um bebê! Mostre seus joguinhos de computador para Becky. Ela vai pirar com aquele do alien.”

“Se você sair, eu vou ligar pra eles em Vegas.”

“Não se você valoriza sua vida. Eu amarro você na cadeira se precisar!”

“Então amarre, porque eu vou ligar!” Ele correi para o telefone sem fio.

“Billy, por favor,” eu implorei. “Eu realmente preciso ir. Algum dia você vai entender. Por favor Billy.”

Ele parou com o telefone na mão. Ele nunca me ouviu implorar a ele por nada, apenas ameaçar.

“Bom, tudo bem, apenas tenha certeza de que você estará aqui a meia noite. Eu não vou fingir que você está no banheiro ou coisa assim.”

Pela primeira vez que eu possa me lembrar eu abracei meu irmão. E eu abracei ele de verdade, um abraço do tipo Ruby, do tipo que você realmente sente o calor da outra pessoa.

“Onde está Becky!” ele gritou, agora jogando para o meu time. “Você precisa ir!”

De repente a campainha tocou e nós dois voamos pelos degrais. “Onde você estava?” Eu pedi.

Becky apareceu com pacotes de pipoca de microondas na mão. “Eu achei que você tinha dito as oito.”

“Eu tenho que estar lá as oito!”

“Droga, e eu achei que estava adiantada. Leve a caminhonete,” ela disse, entregando as chaves pra mim.

“Valeu. Como eu estou?” Eu perguntei, mostrando meu modelito.

“Irada!”

“Sério? Valeu!”

“Você parece um anjo da noite,” meu irmãozinho adicionou.

Eu olhei rapidamente no espelho do corredor e sorri. Poderia ser a última vez que eu realmente poderia ver meu reflexo.

“Divirtam-se vocês dois, e cuide bem do Billy ok?”

“Quem?” ela perguntou, donfusa.

“Billy. Meu irmão.”

Os dois riram. Eu peguei minha jaqueta e voei pra for rápida como um morcego.

Alguns odiosos cidadãos de Dullsville haviam pichado VÃO PARA CASA MONSTROS! no muro perto do portão da Mansão. Poderia ter sido o Trevor. Poderia ter sido qualquer um. Eu senti um vazio no meu estômago.

Eu acho que os Sterlings não tinham muitos visitantes – não havia interfone no portão. Era pra mim esperar, ou pular? Mas daí eu percebi que o portão estava aberto. Para mim. Eu andei pelo longo caminho da garagem olhando para a janela cortinada do sótão, esperando que eu fosse capaz de finalmente vê-la por dentro.

Qualquer coisa poderia acontecer hoje a noite. Eu realmente não sabia o que esperar. O que teríamos para jantar? O que vampiros comem afinal?

Eu bati na porta gentilmente com a maçaneta de serpente.

A grande porta abriu vagarosamente e o Homem Assustador me recebeu com o seu meio sorriso.

“Que bom que você pode vir,” ele disse com o seu fino sotaque Europeu, diretamente de um filme preto e branco de terror. “Posso pegar seu casaco?”

Ele levou minha jaqueta de couro para algum lugar.

Eu fiquei parada no corredor, espreitando sinais de qualquer coisa que parecesse ameaçadora. Onde estava a minha companhia para jantar afinal?

“Alexander irá se juntar a você em alguns minutos,” Assustador disse, retornando. “Gostaria de sentar na sala de desenhos enquanto aguarda?”

“Claro,” Eu concordei, e fui guiada para uma sala enorme, do lado da sala de estar. Era decorada simplesmente com duas cadeiras escarlates estilo Vitorianas e um divã. A única coisa que não parecia velha e empoeirada era o pequeno piano de cauda no canto. O Cara Assustador deixou-me novamente e eu aproveitei a oportunidade para xeretar. Havia livros com capa de couro em alguma linguagem estrangeira, partituras de música empoeiradas, e alguns mapas amassados, e isso não era nem sua biblioteca.

Eu acariciei a escrivaninha de carvalho. Que segredos estavam nos seus desenhos? Então eu senti a mesma presença que eu havia sentido da última vez que visitei a Mansão. Alexander tinha chegado na sala.

Ele parou, misteriosamente lindo. Seu cabelo estava liso e brilhante e ele estava usando uma camisa preta de seda e jeans preto. Eu estava ansiosa para ver se ele estava usando o anel de aranha, mas ele mantinha as mãos atrás das costas.

“Sinto muito pelo atraso. Eu estava esperando pela babá,” eu confessei.

“Você tem um filho?”

“Não, um irmão!”

“Certo,” ele disse com uma risada estranha, seu rosto pálido vindo a vida.

le estava ainda mais lindo que o Trevor, mas não era convencido, mais do tipo um pássaro ferido que precisa ser segurado. Como se ele estivesse vivendo numa masmorra toda a sua vida e esta era a primeira vez que ele via outro humano. Ele parecia desconfortável com conversas e escolhia suas palavras cuidadosamente, como se uma vez que ele dissesse, ele não poderia retirá-las.

“Sinto muito por mantê-las esperando,” ele começou. “Eu estava pegando isso para você.” E timidamente estendeu cinco flores selvagens.

Flores? Não é possível!

“São para mim?” eu estava completamente estupefata. Era como se tudo estivesse se movendo em slow motion. Eu peguei as flores dele, tocando suavemente suas mãos no processo. O anel de aranha prendeu meu olhar.

“Eu nunca havia ganho flores antes. São as mais lindas que eu já vi.”

“Você deve ter centenas de namorados,” ele disse, encarando para suas botas. “Eu não acredito que eles nunca lhe deram flores.”

“Quando eu fiz treze anos, minha avó me mandou um buquê de tulipas num pote de plástico amarelo.”

Por mais idiota que soasse era melhor que dizer, “Eu nunca ganhei flores dos meus centenas de namorados, porque eu nunca tive um namorado!”

“Flores de avós são especiais,” ele falou estranhamente.

“Mas por que cinco?”

“Uma para cada vez que eu vi você.”

“Eu não tive nada a ver com a pichação –“

O cara assustador apareceu. “O jantar está pronto. Devo colocá-las na água senhorita?”

“Por favor,” eu disse, apesar de não querer me separar delas.

“Obrigado Jameson,” Alexander disse.

Alexander esperou eu deixar a sala primeiro, saindo diretamente de um filme de Cary Grant, mas eu estava incerta de qual caminho seguir.

“Eu supunha que você soubesse o caminho,” ele provocou. “Você gostaria de algo para beber?”

“Claro, qualquer coisa.” Espere um minuto – qualquer coisa? Então eu disse, “Na verdade, água seria ótimo!”

Ele voltou alguns momentos depois com duas taças de cristal. “Espero que esteja com fome.”

“Eu sempre estou com fome,” eu flertei. “E você?”

“Raramente com fome,” ele disse. “Mas sempre com sede!”

Ele me guiou para a sala de jantar iluminada por velas, dominada por uma longa e descoberta mesa de carvalho, arrumada com pratos de cerâmica e talheres de prata. Ele puxou minha cadeira, então sentou a milhões de quilômetros distante, do outro lado da mesa. As cinco flores estavam em um vaso de cristal, bloqueando minha visão.

O cara assustador – quero dizer, Jameson – veio empurrando um carrinho e me presenteou com um cestinho de pãozinhos quentinhos. Ele retornou com uma tigela de cristal cheia de uma sopa esverdeada. Considerando o número de pratos a serem servidos, a lerdeza de Jameson e o comprimento

da mesa, nós ficaríamos aqui por meses. Mas eu não me importava. Eu não queria estar em nenhum outro lugar no mundo.

“É goulash húngaro (guisado de carne de vaca),” Alexander constatou porque eu olhava nervosa para a sopa pastosa. Eu não fazia idéia do que – ou quem – estava nisto, e conforme Alexander e Jameson aguardavam pela minha reação eu percebi que eu deveria provar.

“Yum!” Eu exclamei, engolindo meia colherada. Era muito mais deliciosa que qualquer outra sopa que eu já havia comido, mas igualmente mais picante!

Minha língua estava pegando fogo e eu imediatamente tomei o resto da minha água.

“Espero que não esteja muito picante,” Alexander disse.

“Picante?” Eu engaguei, meus olhos ardendo. “Você tem que estar brincando!”

Alexander sinalizou para que Jameson me trouxesse mais água. Pareceu uma eternidade, mas ele voltou com a jarra. Eventualmente eu consegui meu fôlego novamente. Eu não sabia o que perguntar para Alexander, mas eu queria saber tudo dele.

Eu conseguia deduzir que Alexander tinha menos amigos que eu. Ele parecia desconfortável na sua própria casa.

“O que você faz o dia todo?” Eu perguntei como uma repórter de TV, quebrando o gelo.

“Eu queria saber a mesma coisa sobre você,” ele disse.

“Eu vou para escola. O que você faz?”

“Durmo.”

“Você dorme?” Isso era uma grande notícia! “Sério?” eu perguntei ceticamente.

“Há algo de errado com isso?” ele disse, retirando seu cabelo dos olhos.

“Bom, a maioria das pessoas dorme a noite.”

“Eu não sou a maioria das pessoas.”

“Verdade...”

“E você também não é,” ele disse, me encarando com seus olhos repletos de significado. “Eu pude dizer quando eu vi você no Halloween vestida como tenista. Você parecia meio velha para estar fazendo doces-ou-travessuras. E você tinha que ser diferente para achar que aquela roupa era uma fantasia.

“Como você conseguiu meu endereço?”

“Jameson deveria devolver a raquete para você, mas ao invés disso entregou para um jogador de futebol loiro que disse que era seu namorado. Eu poderia ter acreditado na história se eu não tivesse visto você dar uma raquetada na mão dele e fugir sem ele.”

“Bom, você está certo, ele não é meu namorado. Ele é um otário da escola.”

“Mas felizmente ele disse para Jameson seu nome e endereço para confirmar a história. Foi assim que eu sabia como achar você. Eu não acho que acharia você explorando a casa de novo.”

Seus olhos sonhadores encaravam-me diretamente.

“Bem... Eu...”

Nossa risada ecoou na Mansão.

“Onde estão seus pais?” eu perguntei.

“Romênia.”

“Romênia? Não é aonde o Drácula viveu?” Eu perguntei, insinuando.

“Sim.”

Meus olhos iluminaram. “Você é parente do Drácula?” eu perguntei.

“Ele nunca apareceu na reunião de família,” ele provocou numa voz ansiosa. “Você é uma garota diferente. Você certamente traz vida à Dullsville.”

“Dullsville? Fala sério! É do que eu chamo essa cidade!”

“Bom, o que mais pode-se chamar? Não há vida noturna aqui, há? Não para pessoas como eu e você.”

Vida noturna. Pessoas como eu e você. Você quer dizer vampiros, eu queria dizer.

“Eu prefria viver em Nova Iorque e Londres,” ele continuou.

“Eu aposto que tem muito para se fazer de noite lá. E muitas pessoas da noite.” Nesse momento Jameson veio para retirar o goulash e nos servir a carne.

“Espero que você não seja vegetariana,” ele disse.

Eu olhei para o meu prato. O bife estava meio mal-passado. Mais mal passado, conforme o sangue (não é tipo sangue, é aquela “água” que sai da carne, enfim, vocês entenderam! :B) escorria em direção ao purê de batata.

Ele era tão mais misterioso e engraçado do que eu poderia ter imaginado. Eu estava enfeitiçada enquanto eu espreitava ele através das flores.

“Tenho certeza que está delicioso,” ele disse. Ele olhou enquanto eu comia um pedaço. “Yum! Novamente.”

De repente ele olhou para mim com olhos tristes. “Escuta, você se importa –“ Ele pegou seu prato e andou na minha direção. “Tudo que eu posso ver são as flores, e afinal, você é muito mais bonita.” Ele colocou o prato dele do lado do meu e arrastou sua cadeira para perto. Eu pensei que eu iria desmaiar. Ele sentou-se sorrindo e enquanto comíamos sua perna levemente encostando-se à minha. Meu corpo estava eletrificado. Alexander era engraçado, lindo, e bizarro numa maneira sexy. Eu queria saber tudo sobre sua vida. Não importava quantos anos ele tinha, dezessete ou dezessete mil. “O que você faz a noite? Onde mais você viveu? Por que você não vai a escola?” eu tagarelei de repente.

“Vai devagar.”

“Hm... onde você nasceu?”

“Romenia.”

“Então onde está seu sotaque romeno?”

“Na Romênia. Nós viajamos constantemente.”

“Você já foi à escola?”

“Não eu sempre tive um tutor.”

“Qual sua cor favorita?”

“Preto.”

Eu lembrei da Sra. Peevish. Eu fiz uma pausa e perguntei, “O que você quer ser quando você crescer?”

“Você quer dizer que eu não sou crescido?”

“Isso é uma pergunta, não uma resposta,” eu disse timidamente.

“O que você quer ser?” ele perguntou.

Eu olhei nos seus profundos, escuros e misteriosos olhos e sussurrei, “Uma vampira.”

Ele me encarou curiosamente e pareceu perturbado. Então ele riu “Você é uma arranja-problemas! (riot)” Então ele olhou para mim afiado. “Raven, porque você invadiu a casa?”

Eu desviei o olhar, envergonhada.

Jameson trouxe alguns bolinhos no carrinho. Ele acendeu um fósforo e chamas acenderam-se ao redor da sobremesa. “Flambado!” ele anunciou. E bem na hora.

Alexander apagou nossas sobremesas e falou para Jameson que iríamos terminar nosso jantar lá fora.

“Eu espero que você não tenha medo do escuro,” ele disse, me guiando em direção da sacada.

“Medo? Eu vivo para isso!”

“Eu também,” ele disse, sorrindo. “É realmente o único jeito para se ver as estrelas apropriadamente.” Ele acendeu uma já meio derretida vela no peitoril.

“Você trás todas as suas namoradas aqui?” eu perguntei, cutucando a vela usada.

“Sim.” Ele riu. “E eu leio para elas a luz de velas. O que você gostaria?” ele perguntou, apontando para uma pilha de livros didáticos no chão. “*Funções e Logarítimos ou Culturas de Grupos Minoritários?*” Eu ri.

“A lua está tão bela hoje,” ele disse, olhando pela sacada.

“Me faz pensar em lobisomens. Você acha que um homem pode se transformar em animal?”

“Se ele estiver com a garota certa,” ele disse com uma risada.

Eu fui para perto dele. O luar iluminava seu rosto levemente. Ele era lindo. *Beije-me, Alexander. Beije-me agora!* Eu pensei, fechando os meus olhos.

“Mas nós temos toda a eternidade,” ele disse de repente. “Por hora vamos apreciar as estrelas.”

Ele pousou sua taça de sobremesa no peitoril e assoprou a vela, e eu rapidamente peguei sua mão. Não era uma mão do tipo Trevor, nem uma esquelética mão como a do Billy Boy. Ele tinha a melhor mão do mundo!

Nós deitamos na grama fria e olhamos as estrelas, de mãos dadas. Nós relaxamos em silêncio, nossas mãos se esquentando juntas. Eu sentia as perninhas do anel aranha. Eu queria beijá-lo. Mas ele apenas olhava as estrelas.

“Quem são seus amigos?” Eu perguntei, virando para ele.

“Eu sou sozinho.”

“Eu aposto que você conheceu milhares de garotas legais antes de você se mudar para cá.”

“Legal é uma cosia. O tipo de garota que aceita você pelo que você realmente é outra. Eu quero alguma coisa... que dure.”

Que dure? Para a eternidade? Mas eu não podia perguntar isso.

“Eu quero um relacionamento em que eu possa finalmente cravar meus dentes dentro”

Sério? Bom, eu sou sua garota! Eu pensei. Mas ele não virou para mim; ao invés, Alexander olhava para o céu.

“Então você não tem nenhum amigo aqui?” Eu perguntei tentando extrair dele mais informações.

“Apenas um.”

“Jameson?”

“Alguém que usa batom preto.”

Nós dois encaramos a lua em silêncio. Eu sorri alegremente pelo elogio.

“Com quem você sai?” ele finalmente perguntou.

“Becky é a única que me aceita, e isso é porque eu sou a única que não zoa dela.” Nós dois rimos. “O resto pensa que eu sou estranha.”

“Eu não.”

“Sério?” Ninguém jamais disse isso pra mim na minha vida inteira. Ninguém.

“Você se parece bastante comigo,” ele disse. “Você não me olha como se eu fosse um monstro.”

“E eu chutarei qualquer um que olhe.”

“Eu acho que você já fez isso. Ou pelo menos bateu nele com uma raquete.”

Nós rimos no luar e eu coloquei meu braço livre no seu peito e abracei ele, como meu Companheiro Gótico acariciou gentilmente meu braço.

“Será que são corvos (*ravens*)?” Eu perguntei, apontando para uma agitação de asas negras circulando alto acima da Mansão.

“Não são pássaros – são morcegos.”

“Morcegos! Eu nunca vi morcegos por aqui, até que você se mudou.”

“É, nos achamos alguns no sótão. Jameson os libertou. Eu espero que eles não assustem você. Eles são criaturas maravilhosas.”

“É preciso um para conhecer o outro, certo?” eu insinuei.

“Mas não se preocupe. Eles nunca descem e se enrolam e cabelos cor de azevinho como o seu. Apenas em cabelos de shopping.”

“Eles gostam de spray para cabelo?”

“Eles odeiam. Eles sabem que cabelos de shopping ficam horríveis!”

Eu ri e ele começou a suavemente acariciar meu cabelo. O toque dele me acalmava. Eu achei que ia derreter dentro da terra.

Ele certamente estava demorando muito mais do que Trevor. Eu comecei a passar a mão no seu cabelo, que estava sedoso do gel.

“Os morcegos gostam de gel?” eu perguntei.

“Eles amam o jeito que fica com um Armani de seda,” ele provocou de volta.

Eu me balancei sobre ele e segurei seus braços abaixados. Ele olhou para mim surpreso e sorriu. Eu esperei para ele me beijar. Mas ele não se movia. É claro que ele não se movia – eu estava segurando ele! O que eu estava pensando?

“Me diga sua coisa favorita nos morcegos, Garota Morcego,” ele pediu, enquanto eu encarava ele ansiosamente.

“Eles podem voar.”

“Você quer voar?”

Eu acenei em concordância. Ele se virou sobre mim e segurava meus braços abaixados. Novamente eu aguardei ele me beijar, mas ele não beijou. Ele apenas encarava meus olhos.

“Então, qual a sua coisa favorita nos morcegos, Garoto Morcego?” eu pedi.

“Eu teria que dizer,” ele começou, pensando, “suas presas de vampiro.”

Eu engasguei, mas não por causa do comentário do Alexander. Um mosquito me mordeu no pescoço.

“Não tenha medo,” ele falou, apertando minha mão. “Eu não vou morder... ainda.” Ele riu da própria piada.

“Eu não tenho medo. Um mosquito me picou!” eu expliquei, coçando que nem louca.

Ele examinou a marca como um médico. “Está começando a inchar. É melhor colocarmos gelo.”

“Tudo bem. Acontece o tempo todo.”

“Eu não quero que você conte aos seus pais que você veio na minha casa e foi mordida!”

Eu queria contar para o mundo inteiro que eu fui mordida, mas o mosquito arruinou tudo.

Ele me levou na cozinha e colocou gelo na minha pequena ferida. Eu ouvi o relógio antigo badalar.

Nove... *badalada*...Dez....*badalada*. Não! Onze....*badalada*. Merda! Doze. Não pode ser!

“Eu tenho que ir!” eu exclamei.

“Tão cedo?” Ele pediu, desapontado.

“A qualquer segundo meu pai vai estar ligando de Vegas, e se eu não estiver lá para responder, eu estarei de castigo por toda a eternidade!”

Se apenas eu pudesse ficar e viver com Alexander no seu sótão e ter o Cara Assustador me trazer cereais Count Chocula toda manhã...

“Obrigada pelas flores e o jantar e as estrelas,” eu disse apressada ao lado da caminhonete da Becky, procurando na minha bolsa pelas chaves.

“Obrigado por vir.”

Ele parecia um sonho e lindo e de alguma forma solitário. Eu queria meu Companheiro Vampiro Gótico me beijando agora. Eu queria a boca dele no meu pescoço e a alma dele na minha.

“Raven?” ele disse cuidadosamente.

“Sim?”

“Você gostaria que eu...”

“Sim? Sim?”

“Você gostaria que eu...convidasse você de novo, ou você prefere invadir?”

“Eu adoraria ser convidade,” Eu respondi, esperando. Se ele me beijasse agora, nós ficaríamos juntos pela eternidade.

“Maravilhoso então. Eu ligo pra você.” Ele me beijou de leve na bochecha. Na bochecha? Ainda, foi mais romântico e fofo do que quando Jack Patterson havia me beijado na saída da Mansão e muito mais romântico do que Trevor me pressionando contra uma árvore. E por mais que eu quisesse um beijo de verdade – um beijo de vampiro – ele estava me mudando. Eu estava me transformando na mole, encantada, babando, garota feita de marshmallow

Eu ainda podia sentir seus lábios cheios e amáveis contra o meu rosto enquanto eu dirigia para casa. Meu corpo tremia todo de excitação, saudade, paixão – sentimentos que eu nunca tinha tido sobre um cara antes. E enquanto eu arranhava a mordida que não era dela, eu apenas podia esperar não virar um mosquito chupa-sangue.

“Papai está explicando para Becky as regras do 21,” Billy sussurrou ansiosamente, enquanto eu corria pela porta. “Ele já contou para ela sobre todos os cassinos e a história de Siegfried e Roy. Ela está ficando sem hotéis na faixa!”

Eu sussurrei, “Valeu,” para Becky e rapidamente peguei o telefone.

“Becky adora falar,” meu pai começou. “Eu não fazia idéia que ela era tão fascinada sobre Las Vegas. Na próxima vez vou trazer ela. Ela me disse que vocês ficaram a noite inteira vendo filmes de vampiro.”

“É...”

“A *Vingança de Drácula* pela décima-quinta vez?”

“Não. É um novo. É chamado *Beijos de Vampiro* (Vampire Kisses).”

“É bom?”

“Eu dou nota dez! (two thumbs up)”

Capítulo 16 - Espiral de Chocolate e Baunilha

Becky e eu estávamos comendo sorvete de casquinha – Baunilha Real e Ataque de Chocolate – do lado de fora da padaria da Shirley no dia seguinte.

“Alexander é o mais perfeito! Eu ainda posso sentir os lábios dele tremendo contra a minha bochecha,” eu disse. “Becky, pela primeira vez eu não quero fugir dessa cidade, por que no topo da colina Benson vive o meu perfeito cara gótico. Eu não consigo parar de pensar nele. Eu queria que você o conhecesse, aí você poderia ver quão espetacular ele é!”

De repente um Camaro vermelho apareceu.

“Matt viu a caminhonete da Becky estacionada na Mansão Maluca ontem a noite,” Trevor proclamou da sua maneira rude enquanto passava. Ele encarou o rosto da Becky e pediu, “Tentando pichar a Mansão, Igor?”

“Não,” eu defendi, sorrindo, ainda pensando sobre ontem a noite. Eu não iria deixar Trevor estragar meu bom humor.

“Então você não estava arranjando confusão Garota Lobisomem?” Trevor pediu, ainda encarando Becky.

Ela parecia assustada.

“Vamos embora Trev,” Matt disse.

“Nós adoraríamos conversar com vocês caros cavalheiros, mas nós estamos no meio de uma reunião corporativa,” eu disse pra ele. “Então você vai ter que deixar uma mensagem com a minha secretária.”

“A Shirley começou a colocar Prozac no sorvete agora?” Trevor disse, rindo. “Eu não acho que você saberia o que é um cavalheiro nem se ele te mordesse no pescoço!”

Eu continuei lambendo a minha casquinha.

“Ou então era você lá?” Trevor adivinhou. “Você sempre está atrás de confusão.”

“Talvez fossem os pais da Becky; a caminhonete é deles. Não é preciso ser um cientista espacial pra adivinhar isso.”

“Eu só pensei que você e a Becky estivessem tendo um encontro com os Osbournes! Opa, eu esqueci, ele apenas morde as cabeças dos morcegos – não se transforma neles”.*

**questão de curiosidade: nos seus shows, Ozzy Osbourne realmente mordida e arrancava cabeça de morcegos. Enfim, só pra não ficar totalmente bizarra a frase.*

“Eu acho que ouvi a sua mãe chamando,” eu disse.

“Eles são iguais a você, sabe, miseravelmente pálidos e excluídos sociais. Eles nem tentaram juntar-se ao clube ainda. Mas de novo nós não aceitamos vampiros.”

“Vampiros?” Eu ri nervosamente. “Quem disse isso?”

“Todo mundo, cabeça de alfinete! Os vampiros Sterling. O cara sai no cemitério. Mas eu suponho que eles sejam lunáticos como você. Totalmente estranhos.”

“Vamos Trev, vamos sair daqui logo. Nós temos treino,” Matt disse.

“Agora eu sei quem usa as calças no seu relacionamento,” eu disse. “Ops, esqueci, suas calças acabaram no meu armário.”

Trevor agarrou a casquinha da minha mão.

“Hei, me devolve!” Eu gritei. Trevor tinha conseguido estragar meu humor no fim das contas.

Ele lambeu o sorvete.

“Ótimo, agora está repleto de germes nojentos. Pode ficar,” eu disse.

“Baby, estava cheio de germes no momento que você olhou pra ele.”

“Vamos embora Beccky,” eu disse pegando no braço dela.

“Indo tão cedo?”

“Eu achei que já tinha acabado com você!” Eu gritei.

“Acabado? Você está sempre tentando quebrar meu coração, não é? Isso quer dizer que nosso compromisso acabou?”

“Vamos embora Trev,” Matt disse. “Nós temos coisas pra fazer.”

“Você sabe que você ama isso, Garota Monstro. Se não fosse por mim, ninguém prestaria atenção em você.”

“E eu seria a garota mais sortuda do mundo!”

“Eu vejo você no carro,” Matt falou impacientemente para Trevor.

“Eu já vou,” Trevor replicou, então se inclinou na minha direção. “Se você quer ser a garota mais sortuda do mundo, você vai comigo no Baile de Inverno.”

Trevor estava me convidando para um baile? E de todos os bailes, o Baile de Inverno? A grande pista de dança da escola com figuras plásticas em forma de gelo e neve penduradas no ginásio, e neve falsa no chão? Ele apareceria de braços dados comigo na frente de todos os amigos dele?

Os esnobes do futebol e as meninas com os cortes de cabelo de centenas de dólares? Tinha que ser uma grande piada. Eu ficaria que nem uma pata, esperando, e ele me daria o cano, ou então derrubaria um balde de meleca vermelha que nem em *Carrie*. Mas mesmo que ele estivesse falando sério, mesmo que por algum tipo de milagre Trevor gostasse de mim, eu não poderia ir ao baile com ele. Não agora que eu havia conhecido Alexander Sterling.

“Vai ser uma noite que você nunca irá esquecer,” ele disse sedutoramente.

“Eu tenho certeza que sim, mas eu não quero ter pesadelos para o resto da minha vida.”

“Não consegue se separar do Nick at Nite.”**

** um tipo de especial da Nickelodeon, nas madrugadas que passam seriados antigos, do tipo Jeanie é um Gênio, A Feiticeira, A Família Monstro, etc.

“Não. Eu vou.”

Trevor zombou. “Com um viado? Ou uma boneca inflável?”

“Eu tenho um par.”

Becky engasgou, mas ela e Trevor não eram os únicos surpresos com as minhas palavras.

“Nos seus sonhos! Eu convidei você por pena. Ninguém mais iria com você, a não ser que estivesse morto.”

“Bom, é o que nós veremos, não é?”

“Eu estou indo,” Matt gritou do carro. “Você vem?”

“Valeu pelo sorvete maluca,” Trevor disse, entrando no Camaro. “Mas lembre-se da próxima vez que eu prefiro Estrada Rochosa (Rocky Road).”

Eu assisti meu Ataque de Chocolate duplo ir embora.

“Eu ofereceria o meu pra ti, mas eu sei que tu não gostas de baunilha pura,” Becky disse me consolando.

“Valeu, mas eu tenho coisas maiores para me preocupar do que sorvete. Tipo conseguir um par!”

Toda vez que o telefone tocava, meu coração pulava. Era Alexander? E quando não era, meu coração quebrava-se em milhões de pedacinhos. Havia se passado dois longos dias desde que eu vi meu parceiro Gótico. Eu estava tão concentrada com o Alexander, sonhando com a próxima vez que estaríamos juntos, que nada mais importava.

Eu não lavei o lugar aonde seus suaves e carinhosos lábios haviam sido pressionados contra minha pele. Eu estava agindo como se tivesse saído diretamente de Gidget***! O que tinha acontecido comigo? Eu estava perdendo minha calma! Pela primeira vez na minha vida eu estava realmente receosa. Receosa de nunca mais ver ele, e de ter sido rejeitada.

*** Gidget é um filme de 1959, que a menina descobre o surf e o amor nas férias de verão.

Se eu convidasse Alexander para o baile ele poderia surtar. Ou então dizer, “Com você?” ou “Não mesmo, não um baile careta de escola. Eu estou tão além disso! E eu achei que você estivesse, também.”

Eu estava além disso, mesmo sem nunca ter realmente ido em bailes para ter passado dessa fase. Eu não iria para o baile antes das férias, nem na formatura, nem em nenhum desses bailes agendados ao longo do ano escolar. Eu ficaria em casa com a Becky e assistiria a Família Monstro na TV. Mas o desafio do Trevor me forçou a revidar, com uma arma que eu não tinha: Alexander.

Esse sentimento de não ser capaz de comer ou dormir era novo pra mim. Segurar meu coração a cada toque do telefone, gritar o mais alto que conseguia para o Billy Boy não segurar a linha com o seu vício da internet, não ser capaz de assistir Nosferatu sem chorar, ou ouvir uma canção boba, melosa, de amor da Celine Dion sem pensar que ela havia sido escrito para mim – Eu queria que tudo isso fosse embora. Algumas pessoas chamam isso de amor. Eu chamo de inferno.

E então aconteceu. Depois de dois longos e torturantes dias inteiros. Quando o telefone tocou, eu pensei que fosse para o Billy Boy, e quando o Billy Boy chamou meu nome, eu pensei que fosse a Becky. Eu estava pronta para chorar as minhas mágoas para ela. Mas antes que eu pudesse falar, eu ouvi sua voz como um sonho.

“Eu não podia esperar mais,” ele disse.

“É o Alexander. Eu sei que caras devem esperar antes de ligar. Mas eu não conseguia esperar mais.”

“Essa é uma regra idiota. Eu poderia ter me mudado.”

“Em dois dias?”

“Só se passaram dois dias?”

Ele riu. “Pareceu como um ano para mim.”

O comentário dele foi como uma carta de amor, direto para o meu coração. Eu esperei ele continuar mas ele ficou em silêncio. Não disse nada mais. Era a chance perfeita de convidar ele para o Baile de Inverno. O pior que ele podia fazer era desligar na minha cara. Minhas mãos estavam tremendo e minha confiança se esvaindo com a minha transpiração.

“Alexander...hm... Eu tenho que pedir uma coisa pra você.”

“Eu também.”

“Bom, você primeiro.”

“Não, primeiro as damas.”

“Não, os meninos é que devem fazer os convites.”

“Você está certa.” Silêncio. “Bom... você gostaria de sair? Amanhã a noite?”

Eu sorri em deleite! “Sair? Claro, seria ótimo!”

“Então, o que você ia me perguntar?”

Eu fiz uma pausa. Eu posso fazer isso! Eu respirei fundo. “Você gostaria...?”

“Sim?”

“Você ...”

“Eu o que?”

“Gosta de dançar?”

“Sim, mas eu não acho que nessa cidade tenha clubes legais. Você conhece algum?”

“Não... mas quando eu encontrar um, eu aviso você.” Eu era tão covarde!

“Legal! Então eu vejo você na minha casa, depois do por do sol.”

“Depois do por do sol?”

“Você disse que vivia para a escuridão. Eu também.”

“Você lembrou.”

“Eu lembro de tudo,” ele disse e desligou.

Capítulo 17 - O Encontro dos Sonhos

Meu primeiro encontro! Becky disse que meu primeiro encontro foi o jantar na Mansão, mas eu não concordo. Hoje nós iríamos sair: pra ver um filme, jogar mini-golfe, dividir um refrigerante na padaria da Shirley. Eu passei a tarde inteira falando com Becky, especulando sobre onde ele iria me levar, o que ele estaria usando e quando ele me beijaria.

Eu estava tão empolada, eu corri o caminho todo até lá. Eu tinha que encontrar Alexander no portão de ferro da Mansão. Minha mãe iria pirar se ela soubesse que eu iria num encontro com o cara que vivia em uma casa mal assombrada. Eu não conseguiria suportar o fato dele aparecer na porta da minha casa e meu pai fazer perguntar pra ele sobre tenistas e os planos dele para a faculdade. Então eu tinha que encontrar meu Romeo na sua sacada.

E ali estava ele, encostado no portão, sexy na sua calça jeans preta e jaqueta de couro preta e segurando uma mochila.

“Nós vamos fazer uma trilha?” Eu perguntei.

“Não, um piquenique.”

“A essa hora?”

“E tem hora melhor?”

Eu balancei minha cabeça, com um sorriso.

Eu não fazia idéia de onde o Alexander me levaria, mas eu poderia imaginar o que os Dullsvillians falariam.

“Isso não incomoda você?” Eu perguntei, apontando para a pichação.

Alexander franziu o nariz. “Jameson queria pintar por cima, mas eu não deixei. A pichação de um é a obra de arte de outro.” Ele pegou minha mão e me guiou rua abaixo sem qualquer pista dos nossos planos para a noite. E eu não me importava aonde estávamos indo, desde que fosse a milhões de quilômetros e ele nunca soltasse minha mão.

Nós paramos no cemitério de Dullsville.

“Chegamos,” ele disse.

Eu nunca tinha ido a um encontro antes, muito menos em um no cemitério. O cemitério de Dullsville tinha sido construído no começo de 1800. Eu tenho certeza que Dullsviller era muito mais interessante como uma cidade pioneira – pequenas lojas de vestidos, bares, comerciantes, jogadores, e aquelas botas Vitorianas, de cano alto e de cadarço que estavam na moda.

“Você traz todos os seus encontros aqui?” eu perguntei.

“Você está com medo?” ele perguntou.

“Eu costumava brincar aqui quando criança. Mas durante o dia.”

“Este cemitério é provavelmente o lugar mais vivo da cidade.”

Os rumores eram verdadeiros. Alexander realmente vinha no cemitério durante a noite. O portão estava fechado para dificultar o acesso para os vândalos de Dullsville.

“Nós teremos que pular o portão,” ele disse. “Mas eu sei que você gosta.”

“Nós poderemos ter problemas por causa disso,” eu apontei.

“Mas tudo bem entrar na casa dos outros, certo?” ele pediu. “Não se preocupe. Eu conheço uma das pessoas.”

Morta? Viva? Um cadáver? Talvez um primo de Jameson trabalhasse um turno no cemitério, literalmente.

Alexander virou de costas enquanto eu lutava para passar com o meu vestido apertado.

Depois que nós dois tiramos a poeira das roupas, ele pegou minha mãe e me guiou até o caminho do meio, aonde lápides se alinhavam por quilômetros. Algumas delas indicavam que uma peste havia devastado nos anos de 1800. Alexander andava calmamente, como se soubesse exatamente aonde estava indo.

Para onde ele estava me guiando? Como ele conhecia esse lugar? Ele dormia aqui? Ele me trouxe aqui para me beijar? E eu me tornaria uma vampira?

Eu diminuí o passo. Eu realmente queria virar uma vampira? E chamar isso de casa? Por toda a eternidade.

Eu torpecei no cabo de uma pá, que me fez tropeçar. Eu comecei a cair dentro de uma cova vazia. Alexander pegou meu braço bem na hora. Eu fiquei pendurada acima da cova, encarando a escuridão. “Não tenha medo. Não tem seu nome nela,” Alexander brincou.

“Eu acho que deveria estar em casa,” eu disse nervosa, tirando a poeira da cova do meu vestido. Mas ele me guiou ainda mais fundo no cemitério com sua mão forte.

De repente nós estávamos no topo de uma pequena colina, abaixo de um monumento gigante e mármore. Ele pegou alguns narcisos e colocou ao pé no monumento da Baronesa Sterling.

“Eu gostaria que você conhecesse alguém,” ele falou, olhando para mim gentilmente e então para o túmulo. “Vovó, essa é a Raven.”

Eu não sabia o que dizer, enquanto encarava o lápide. Eu nunca havia *conhecido* uma pessoa morta antes. O que eu deveria dizer – “Ela é a sua cara”?

Mas é claro que ele não esperava que eu dissesse nada, e sentou na grama e me puxou para o lado dele. “Vovó costumava viver aqui – quero dizer, na cidade. Ela nos deixou a casa e nós finalmente conseguimos depois de anos na justiça. Eu sempre amei a Mansão.”

“Uau, a baronesa é sua avó?”

“Eu visitava ela quando me sentia sozinho. Ela entendia como era se sentir assim. Ela não se encaixava no lado Starling da família. Vovô morreu na guerra. Ela disse que eu sempre pareci muito com ele.”

Ele respirou fundo e olhou para as estrelas. “É bonito aqui, não acha?” ele continuou. “Não há muitas luzes para bloquear as estrelas. É tipo como se o universo fosse uma grande tela, salpicado com luzes que brilham e piscam, como um pintura que está sempre aqui. Apenas esperando para ser observada. Mas as pessoas não notam porque estão ocupadas. E é o trabalho mais bonito de todos. Bom, quase—.”

Nós ficamos em silêncio por alguns minutos, olhando para o céu. Eu ouvia apenas a sua respiração calma e o som dos grilos. Todos os primeiros encontros deveriam ser tão bons quanto este. Isso é totalmente melhor que um filme.

“Então sua avó é a mulher que ficava encarando na jan—eh, eu quero dizer, hm...”

“Ela era uma artista maravilhosa. Ela me ensinou como pintar super-heróis e monstros. Muitos monstros!”

“Eu sei.”

“Você sabe?”

“Eu quero dizer, eu sei que deve ser difícil pra você. Mas eu gosto de vampiros, também!” eu insinuei. Ele parecia estar pensando em outra coisa. “Eu viajei muito, e já que eu tinha tutores, eu nunca tive a chance de me encaixar em nenhum lugar.”

Ele parecia tão perdido, tão solitário, tão profundo. Eu queria que ele me beijasse agora. Eu queria que ele soubesse que eu era dele por toda a eternidade.

“Vamos comer,” ele disse de repente, ficando de pé.

Ele colocou cinco velas pretas em candelabros comemorativos e acendeu elas com um isqueiro antigo. Ele tirou da mochila uma garrafa de suco, e bolachas, e queijo, e espalhou uma toalha preta sobre a grama fria.

“Você já se apaixonou?” eu perguntei enquanto ele enchia minha taça.

De repente nós ouvimos um uivo e as velas se apagaram.

“O que foi isso?” eu perguntei.

“Eu acho que foi um cachorro.”

“Parecia mais um lobo!”

“De qualquer jeito é melhor irmos!” ele falou com urgência.

Eu comecei a jogar tudo dentro da mochila dele.

“Nós não temos tempo pra isso!” ele disse, pegando na minha mão.

O vento continuava a uivar. O barulho chegava mais perto. Nós nos escondemos atrás do monumento.

“Se é um fantasma que você veio para ver,” uma voz familiar falou, “Eu posso assegurar que o único fantasma que você vai ver hoje é o seu próprio.”

Um homem com uma lanterna. Era o velho Jim, o zelador, com Luke, seu cachorro.

Se ele me reconhecesse essa hora, eu teria que subornar ele, com um ano de mantimentos de biscoito de cachorro para que ele não contasse aos meus pais.

Nós espiamos e pudemos ver o cachorro lambendo o suco da grama.

“Me de isso Luke,” o velho Jim disse e pegou a garrafa. Ele tomou um longo gole.

“Agora!” Alexander sussurrou. Ele apertou minha mão mais forte e nós corremos, pulando sobre a cerca.

Eu não acho que um fantasma de verdade, e um lobo poderiam ter me assustado mais que o velho Jim e o seu Luke.

“Eu acho que devia ter te levado para o cinema no fim das contas,” Alexander disse com um sorriso depois que recuperamos nosso fôlego. “Eu levo você pra casa.”

“Nós podemos ir pra sua casa,” eu pedi. “Eu quero ver o seu quarto!”

“Você não pode ver meu quarto.”

“Nós temos tempo.”

“Não mesmo.”

Tinha uma pontada de rudeza na voz dele que eu não tinha escutado antes.

“O que tem no seu quarto, Alexander?”

“O que tem no seu quarto, Raven?” ele perguntou, me encarando. “Vamos voltar para a sua casa.”

“Uh, bom...” Ele estava certo. Eu não podia levar ele pra minha casa e sujeitá-lo ao Billy Boy e aos meus pais. Não no primeiro encontro. “Meu quarto é uma bagunça.”

“Bom, o meu também,” ele disse.

“Eu não tenho que ir pra casa, sério.”

“Eu não quero que você fique com problemas.”

“Eu sempre estou com problemas. Minha mãe não me reconheceria se eu não estivesse metida num problema.”

Mas continuamos andando, de mão dadas, indo para a minha casa, e não importava quão devagar eu andasse, antes que eu percebesse nós estávamos na porta da minha casa dizendo adeus.

“Bom... até... a próxima vez...” ele disse, seu rosto brilhando embaixo da luz da varanda.

“Próxima vez no mortuário?”

“Eu achei que poderíamos ver um filme na minha casa.”

“Você tem TV?” eu disse. “É ligada com eletricidade, você sabe.”

“Engraçadinha. Eu tenho o *Drácula* de Bela Lugosi’s em DVD, já que você gosta tanto de vampiros.”

“*Drácula*? Incrível!”

“Então é um encontro. Sete horas amanhã, ok?”

“Ótimo!”

Nós tínhamos outro encontro e não havia nada para fazer além de dizer tchau. Momento perfeito para um beijo. Ele colocou a mão dele no meu ombro e se inclinou em minha direção, seus olhos fechados e os lábios cheios.

De repente a tranca da porta vira. Alexander sai da luz e se esconde nos arbustos.

“Eu pensei ter ouvido vozes,” minha mãe disse, abrindo a porta. “Cadê a Becky?”

“Ela está em casa.” Isso era verdade.

“Eu não gosto que você saia sem me avisar,” ele entrou, segurando a porta aberta para mim.

Desejando ter o momento de novo, e quem sabe mais um, eu olhei para onde o Alexander estava.

“Vocês estavam no cinema?” ela perguntou enquanto eu entrava em casa relutantemente.

“Não mãe, a gente foi no cemitério.”

“Uma vez na vida eu agradeceria se você me respondesse direito!”

Uma vez na vida eu estava respondendo certo. E enquanto eu olhava sobre o meu ombro, por uma última réstia do meu Companheiro Gótico, ela fechou a porta no meu perfeito primeiro encontro.

Capítulo 18 - Loucura Cinematográfica

Eu sempre estava atrasada para tudo – jantar, escola, até mesmo cinema – mas hoje eu estava adiantada, cheguei na Mansão as 6:45. Alexander abriu a porta ele mesmo e me beijou polidamente na bochecha. Eu estava chocada com a repentina demonstração de afeto.

“Isso nunca aconteceu quando Jameson abre a porta!” eu disse.

“Bom, é melhor você me avisar se acontecer. Nós temos uma regra, você sabe. Eu não beijo as garotas dele e ele não beija as minhas!” Alexander brilhava ainda mais do que na noite que eu invadi e ele me estendeu a mão com o anel aranha. Ele estava ficando confiante.

Ele me guiou pela escadaria para o quarto família. Estava cheio de obras de arte moderna – pinturas florais, uma impressão das latas de sopa Campbell do Andy Warhol, esculturas da Barbie, e selvagens e fofos tapetes. Havia um sofá de couro preto, uma grande TV e uma mesa de vidro com um tubo enorme de pipoca de cinema. SnoCaps, Dots, Sprees, Good&Plenty****, e dois copos verde néon cheios com refrigerante.

**** são marcas

“Eu queria que você se sentisse como num cinema,” ele explicou.

Ele ligou o DVD e apagou as luzes, e nós nos abraçamos na escuridão. Eu escolhi o SnoCaps e ele escolheu um pacote de Sprees. A pipoca estava entre nós dois no sofá.

Drácula estava pronto para morder Lucy quando Alexander gentilmente puxou meu rosto pra outra direção.

Ele me encarava com seus olhos escuro meia-noite. Ele se inclinou em minha direção. E me beijou. Com paixão. Ele me beijou! Ele finalmente me beijou! Bem na frente de Bela Lugosi!

Ele me beijou como se estivesse me bebendo e enchendo meu coração e veias com amor. Enquanto eu recuperava o fôlego, ele começou a beijar minhas orelhas, mordendo-as gentilmente. Eu ri como louca. Seus lábios e dentes fizeram seu caminho pelo meu pescoço, sua boca me enchendo de paixão. A mordida gentil dele no meu pescoço me fizeram cócegas.

Eu estava tão enfeitiçada que eu estiquei minhas pernas desastradamente na mesa de café, derrubando o copo do Alexander e a pipoca sobre ele. Alexander, assustado, cravou seus dentes no meu pescoço tão forte que eu gritei.

“Oh não! Me desculpe!” ele pediu.

Pipoca estava espalhada em todo o lugar e eu segurava meu pescoço que pulsava como meu coração.

“Raven, você está bem?”

O sangue fugiu do meu cérebro, e a sala começou a girar, e eu me senti nauseada. Eu fiz o que toda garota super excitada, débil iria fazer. Desmaiei.

Pareceu como horas, mas foram apenas segundo. Eu acordei com o Alexander chamando meu nome.

Drácula ainda estava no quarto de Lucy. A única diferença era que as luzes estavam acesas.

“Raven? Raven?”

“O que aconteceu?”

“Você desmaiou! Eu achei que isso acontecesse apenas em filmes antigos! Aqui, tome isso.” Ele colocou o copo nos meus lábios como se eu fosse um bebê.

A face pálida do Alexander estava mais pálida ainda. Ele pegou uma pedra de gelo das que haviam espalhado sobre a mesa e colocou no meu pescoço. “Eu sinto muito! Eu nunca quis—.”

“Está frio!” Eu choraminguei.

“Eu arruinei tudo,” ele disse segurando o gelo que pingava no meu pescoço.

“Não diga isso. Acontece o tempo todo.”

Ele olhou pra mim ceticamente.

“Bom, só com você.”

Eu pude sentir os dedos dele traçando o machucado. “É apenas uma marca na pele. Eu não rasguei sua pele.”

“Não?” eu perguntei quase desapontada.

“Isso é maior que a picada de mosquito. Você vai ter um senhor chupão!”

“Bela ficaria orgulhoso,” eu disse, olhando atentamente a reação do Alexander.

“Sim,” ele disse. “Eu acho que ficaria.”

“Eu quero perguntar uma coisa,” eu disse nervosa, enquanto ele caminhava comigo pra minha casa. Eu estava ficando sem chances para poder convidar ele para o baile, e eu me toquei que se eu não pedisse agora, eu não pediria nunca.

“Você não quer mais sair comigo? Olha Raven—,”

“Não, quer dizer... Eu só queria dizer...”

“Sim?”

“Hm... Eu achei um lugar para dançarmos,” eu comecei.

“Para dançar? Nesta cidade?”

“Sim.”

“É legal?”

“Não, mas--.”

“Mas se você vai, deve ser o lugar mais legal do mundo.”

“É a minha escola.”

“Escola?”

“Eu achava mesmo que você ia achar totalmente babaca. Eu não deveria ter mencionado.”

“Eu nunca fui a um baile de escola antes.”

“Sério? Nem eu.”

“Então vai ser a primeira vez para nós dois,” ele disse com uma voz sexy e um sorriso repentinamente confiante.

“Eu suponho que sim. É o Baile de Inverno. Eu posso usar um cachecol para cobrir a minha mordida,” eu brinquei.

“Eu sinto muito – foi um acidente.”

“Foi o melhor acidente que já aconteceu comigo!”

Ele se inclinou para me beijar e parou de repente. “É melhor não.”

“É melhor sim!”

Ele se inclinou de novo, e nessa vez nossos lábios se encontraram e derreteram juntos, sua mão forte gentilmente segurando meu queixo.

“Até nos encontrarmos de novo,” ele disse, me beijando uma última vez. Ele jogou um último beijo enquanto andava até o carro.

Eu encostei na marca aonde ele tinha me mordido. Eu sabia que eu estava mudando. Mas eu queria ver no espelho para ver com certeza.

No dia seguinte, Becky e eu fomos no Parque Evans imediatamente depois da aula. Nós abrimos nossas mochilas numa esquina escura do centro de recreação vazio. Minha câmera, meu jornal e meu espelho compacto diante de nós. Finalmente Becky colocou uma vasilha de Tupperware que continha alho e uma cruz embrulhada em couro no chão.

“Pronta para ver a mordida?” eu perguntei.

“É nojenta?”

“É a minha ferida do amor,” eu disse e cuidadosamente tirei o cachecol que eu usei o dia todo.

“Uau! Ele tem uma boca grande!” ela disse, olhos arregalados.

“Não é legal?”

“Eu posso ver marcas de dentes. Alguns arranhões, mas eu não acho que perfurou a pele. Dói?”

“Não mesmo. É tipo furar a orelha – arde no começo, mas a dor rapidamente vai embo

“Você desmaiou quando foi furar a orelha, também?”

“Não seja engraçadinha!”

“E a marca vai desaparecer, também, não vai?”

“É isso que vamos descobrir. Pegue a câmera.”

Becky tirou fotos da minha marca, de frente e de lado. Nós colocamos elas no chão assim que ela revelaram.

“Você está aparecendo,” Becky constatou.

“Ok. Agora o espelho,” eu disse.

“Você tem certeza?”

“Sim.”

“Mas se você for – você sabe, se você realmente for uma... isso pode doer.”

“Becky, não temos o dia todo.”

Eu tirei meus óculos de sol.

“Pronta?” ela pediu, segurando o espelho.

“Pronta.”

Ela abriu e empurrou contra o meu nariz.

“Ai!”

“Oh, não!”

“Você não precisa me bater com ele! Me dê isso!” Eu peguei o espelho compacto com as mãos tremendo e encarei. Nada – ou melhor, tudo. Eu ainda estava refletindo.

“tente o alho!” eu ordenei, jogando o espelho pro lado.

Becky abriu o Tupperware e cortou o alho no meio.

“Agora?” ela perguntou.

“Agora.”

Eu podia sentir o cheiro do alho. Ela segurou embaixo do meu nariz. Eu respirei fundo. E tossi muito.

“Você está bem?”

“Cara isso é forte! Nojento! Tira de perto!”

“É fresco – por isso.”

“Tira de perto!” eu disse.

“Eu gosto do cheiro. Ajuda a destrancar o meu nariz.”

“Bom, não é para me ajudar na congestão nasal. Era para me deixar frenética.”

“Nós temos uma última chance.”

Ela abriu o pacotinho de couro. “Pronta?”

Eu respirei fundo. “Vai nessa.”

Ela puxou uma cruz incrustada com jóias numa corrente dourada.

“Uau, que legal,” eu disse. “Parece muito especial.”

“Incomoda você?”

“É, me incomoda. Me incomoda que eu fui tão boba!”

Nós fomos em direção ao sol – que cegou a nós duas.

“É muito claro depois de ficar sentada no escuro,” Becky comentou enquanto colocava os óculos de sol. Ela olhou para mim aliviada. “Eu não acho que você seja uma vampira.”

“O que eu estava pensando? Alexander é tão especial. Por que eu estou agindo como o Trevor?”

Nós duas encaramos o céu.

“Eu fui totalmente contaminada pelos rumores. Igual a todos os Dullsvilians. Eu não sou melhor que eles, sou? Nós usamos roupas diferentes, mas eu sou tão superficial quanto eles,” eu disse desapontada comigo mesma.

“Mas você queria que ele fosse um vampiro porque você gosta de vampiros!”

“Obrigada. Talvez eu deva esperar 24 horas,” Eu disse conforme começamos a caminhar para casa.

Eu acordei para outro dia ensolarado. Não apenas o sol não queimou minha pele, mas o calor era realmente agradável. Não apenas os espelhos não estilhaçaram como fizeram para Gary Oldman no *Drácula de Bram Stoker*, como meu reflexo parecia como sempre – uma garota pálida em preto. E a única coisa que eu estava com sede por era um milkshake de chocolate da padaria da Shirley.

Ainda, meu coração acelerou quando minha mãe serviu linguini com alho para o jantar aquela noite. Todos me encararam enquanto eu brincava com a comida, cheirando e respirando fundo.

“O que você tem?” Billy Boy perguntou. “Você está agindo estranho, até pra você.”

Eu enrolei um pouco do macarrão no meu garfo e ergui vagarosamente em direção a minha boca. “Aí vai,” eu disse.

Meus pais olharam para mim como se eu fosse uma alienígena. O macarrão tocou minha língua e eu mastiguei, mastiguei e engoli.

“Aí vai o que?” minha mãe perguntou.

Eu respirei fundo. Eu esperava que minha gargante queimasse e minha pele se espalhasse. Eu esperei engasgar ao primeiro gosto do alho. E então aconteceu. Nada. Nada é o que aconteceu.

“Aí vai o que?” minha mãe repetiu.

“Aí vai... Aí vai outro jantar gourmet de Sarah Madison!”

Apesar de não estar derretendo no sol, estilhaçando espelhos, ou me contorcendo ao cheiro de alho, eu estava sentindo o poder de Alexander de outras formas. Eu estava andando no ar, com se eu pudesse voar como um morcego.

Eu não podia dormir a noite, minha mente estava acelerada, sonhando sobre ele, repetindo seus beijos de novo e de novo na minha mente. Eu escrevi nossos nomes cercados de corações em todo o meu caderno durante a aula. Eu queria estar com ele a cada momento, porque o que quer que ele fosse, ele era o meu Alexander. Meu engraçado, inteligente, carinhoso, solitário, maravilhoso, como um sonho, Alexander. Ele era mais incrível e excepcional do que eu jamais havia imaginado.

E eu estava feliz por estar mudando, e não do jeito que eu havia fantasiado por durante anos. Eu estava feliz que espelhos não estilhaçassem, porque agora eu via o reflexo de uma garota apaixonada, brilhando de alegria. Porque eu iria querer viver no cemitério por toda a eternidade, quando é possível viver no sótão do Alexander? Eu não queria me contorcer a luz do sol, mas ver por do sol havaianos com ele. Eu não queria beber sangue, mas beber refrigerante do copo verde néon do Alexander. Eu queria aproveitar as coisas que eu sempre aproveitei – sorvetes, filmes de terros, balanços a noite – mas agora eu queria compartilhar com ele.

“Eu ouvi dizer que você está saindo com o vampiro,” Trevor disse um dia antes do Baile do Inverno enquanto Becky e eu andávamos no corredor para o almoço. Placas para o baile estavam penduradas no teto e havia panfletos nas paredes. “Não é suficiente que você é estranha e Becky é um trol? Agora você tem que sair com um lunático? Você não sabe que a Mansão é mal-assombrada?”

“Você não sabe de nada! Você nem conhece o Alexander.”

“Oh, Alexander. O monstro tem um nome. Eu pensei que você o chamasse de Frankenstein. Se eu chegar a conhecer ele, eu vou chutar ele da cidade. Nós precisamos saber que podemos andar seguros nas ruas durante a noite!”

“Eu chuto você se você chegar perto dele. Se você sequer olhar para ele.”

“Se ele for parecido com você, eu vou precisar de um óculos de sol para me proteger da sua feiúra.” O diretor Smith passou por ali. “Espero que esteja tudo bem com vocês dois. Nós recebemos orçamento dos novos armários.” Então ele colocou seu braço ao redor do canalha e disse, “Eu fiquei sabendo que você chutou o gol da vitória ontem no jogo, Trevor.”

Eles saíram, o diretor fazendo Trevor começar a conversar sobre futebol.

“Como ele sabia que eu estava saindo com o Alexander?” Eu pedi a Becky, confusa.

“Uh, eu acho que as pessoas... ah você sabe como as pessoas falam nessa cidade.”

“Bom, as pessoas nessa cidade são estúpidas.”

“Olha Raven, eu tenho que te contar uma coisa,” ela começou com uma voz nervosa que era mais nervosa que a voz nervosa normal dela.

Mas eu estava distraída procurando por placas do baile, INGRESSOS A VENDA AGORA. ECONOMIZE 5 DÓLARES SE VOCÊ COMPRAR ANTECIPADO.

“Ingressos? Merda! Eu não sabia que precisava de ingressos! Eu consigo eles no TicketMaster? Por telefone?” eu ri. “Isso é o que acontece quando você é excluída, sabe?”

“Eu totalmente sei. Ser excluído fica pior e pior a cada dia.”

“Talvez todos tenham sido vendidos e teremos que dançar no gramado da escola,” eu brinquei.

Mas Bekcy não estava rindo.

“Talvez seja melhor se você e o Alexander tivessem um baile particular na Mansão.”

“E perder a cara do Trevor quando eu chegar com o Alexander?”

“Trevor sabe de várias coisas Raven,” ela disse estranhamento.

“Bom, então ele entrará numa boa faculdade. O que me importa?”

“Eu tenho medo do Trevor. O pai dele é dono de metade da nossa fazenda.”

“O milho ou o açúcar?”

“Eu tenho uma confissão –.”

“Guarde para domingo. Esqueça o Trevor. Ele é um babaca.”

“Eu não sou forte como você. Eu nunca fui. Você é minha melhor amiga, mas Trevor tem um jeito de fazer as pessoas falarem as coisas que elas não querem. Mas por favor – não vá ao baile,” ela disse, pegando meu braço.

De repente o sinal tocou. “Eu tenho que ir. Eu não posso pegar outra detenção ou eu vou ser banida do Baile.”

“Mas Raven--.”

“Não se preocupe menina, eu protejo você dos monstros.”

Capítulo 19 - O Baile de Inverno

Eu não podia ficar sentada quieta no resto das aulas. Nem na de álgebra, história, geografia, ou Inglês, que eu passei embaixo das arquibancadas de futebol compondo poemas de amor para Alexander. Eu corri para casa e dancei no meu quarto. Eu tentei todas as peças de roupa que eu tinha em um milhão de combinações até achar a perfeita.

“Você está bem?” Billy Boy perguntou, espreitando na porta.

“Apenas pulando e dançando, meu irmãozinho precioso,” eu brilhei, dando um grande abraço e um beijo na cabeça.

“Você está louca?”

Eu suspirei longamente. “Você vai entender um dia. Você vai conhecer alguém que está conectada com você na sua alma. E então tudo vai ser excitante e calmo ao mesmo tempo.”

“Você diz a Pamela Anderson?”

“Não, como uma garota nerd.”

Billy Boy observou à distancia. “Eu suponho que não seja tão ruim, desde que ela se pareça com a Pamela!”

“Ela será ainda melhor!” Eu disse, bagunçando o cabelo dele. “Agora sai. Eu tenho um baile para ir.”

“Você vai no baile?”

“Sim.”

“Bom...” eu podia ver que ele estava pensando em algo que fosse meio humilhante para ele. “Bom... você vai ser a mais bonita lá.”

“Tem certeza que você não está usando drogas?”

“Você vai ser a mais bonita de lá... com batom preto.”

“Agora sim parece você.”

Eu finalmente desfilei para dentro da cozinha, usando uma bota de vinil de salto alto até os joelhos, uma meia arrastão, uma mini-saia preta, um tope de renda preto, e braceletes pretos metálico. Um cachecol de casimira escondia a minha mordida do amor, uma luva preta de couro sem dedos revelavam meu esmalte – brilhando como gelo preto, para ir com o tema do baile.

“Onde você acha que você vi vestida assim?” minha mãe perguntou.

“Eu vou ao baile.”

“Com a Becky?”

“Não, com o Alexander.”

“Quem é Alexander?”

“O amor da minha vida!”

“O que é que eu ouço sobre amor?” meu pai perguntou, entrando na cozinha. “Raven, onde você vai vestida assim?”

“Ela diz que vai no baile com o amor da vida dela,” minha mãe disse.

“Você não vai a lugar nenhum assim! E quem é o amor da sua vida? Um menino da escola?”

“Alexander Sterling,” eu proclamei.

“Sterling como os que vivem na Mansão, Sterling?” meu pai perguntou.

“O um e único!”

“Não o menino Sterling!” minha mãe disse, em choque. “Eu ouvi histórias horrorosas sobre ele! Ele sai nos cemitérios e nunca foi visto na luz do dia, como um vampiro.”

“Você acha que eu iria ao baile com um vampiro?”

Eles me encararam estranhamente e não disseram nada.

“Não sejam como todos nessa cidade!” eu gritei.

“Querida, nós ouvimos histórias da cidade inteira!” minha mãe fofocou. “Ontem mesmo, Natalie Mitchell estava dizendo --,”

“Mãe, em quem você vai confiar, em mim ou em Natalie Mitchell? Essa noite é muito importante. É o primeiro baile do Alexander também. Ele é tão perfeito e inteligente. Ele sabe sobre arte, e cultura e --,”

“Cemitérios?” meu pai perguntou.

“Ele não é o que as pessoas dizem! Ele é o cara mais fantabuloso no sistema solar— depois de você pai.”

“Ah, bom, nesse caso, se divirta.”

“Paul!”

“Mas não com essa roupa,” meu pai rapidamente exigiu. “Sarah, eu estou feliz que ela vá ao Baile. Raven realmente está indo para escola sem precisarmos forçá-la. Essa é a coisa mais normal que ela fez ultimamente.”

Minha mãe encarou ele.

“Mas não nessa roupa,” ele repetiu.

“Pai, isso é a última moda na Europa!”

“Mas nós não estamos na Europa. Nós estamos numa pequena e calma cidadezinha aonde gola rulê são a última moda. Colarinhos fechados até o último botão, mangas longas e saias longas.”

“Não mesmo!” eu declarei.

“Esse menino não saiu do quarto em anos, e você vai deixá-lo levar sua filha vestida assim?” minha mãe pediu. “Paul, faça alguma coisa.”

Meu pai foi até o armário. “Aqui, use isto,” ele disse, me entregando um dos seus casacos esportivos.

“É preto.”

Eu olhei pra ele em descrença.

“É isso ou o meu roupão de banho preto,” ele disse.

Eu peguei o casaco relutantemente.

“E nós vamos conhecer o cara mais fantabuloso do sistema solar quando ele vier te bucar?” minha mãe adicionou.

“Você tá brincando?” Eu estava surpresa. “É claro que não!”

“É apenas justo, nós nem sabíamos que você estava vendo ele. Nós não fazíamos idéia de que você estava indo ao Baile.

“Você quer interrogá-lo e envergonhá-lo. Sem mencionar eu.”

“É isso que são namoros. Se seu par consegue agüentar as perguntas e o embaraço familiar, então ele é todo seu,” meu pai provocou.

“Não é justo! Vocês querem vir com a gente, também?”

“Sim,” os dois replicaram.

“Isso é detestável! É a maior noite da minha vida e vocês estão arruinando!”

Eu ouvi um carro estacionando na garagem. “Ele está aqui!” Eu gritei, espreitando na janela. “Vocês tem que ficar de boa!” Eu disse, correndo freneticamente. “Sintonizem os seus dias hippies para mim, por favor! Pensem em amor e Joni Mitchel. Pensem em piercings de umbigo e incenso, não calças de golfo e China,” eu implorei. “E nada de cemitérios!”

Eu queria que essa noite fosse perfeita, como se fosse meu casamento. Mas eu senti como uma noiva que de repente desejava ter fugido.

Agora que meus pais iriam conhecer meu namorado, minhas mãos começaram a tremer. Eu estava esperando que ele não surtasse com os móveis cor de pastel.

Quando a campainha tocou eu saltei para cumprimentá-lo. Alexander estava incrível. Ele estava usando um terno de três peças e uma gravata vermelha. Ele parecia um daqueles jogadores de basquete que valiam bilhões de dólares que eu via na TV dando entrevistas. Ele segurava uma caixa embrulhada em papel florido.

“Uau!” ele disse, me olhando. Meu pai acenou para eu colocar o casaco, com um olhar escaldante. Ao invés, eu dobrei e coloquei em cima da cadeira.

“Eu deveria ter colocado um gorro, ou botas de novo,” ele disse estranhamente. “Eu acho que não mantive o tema.”

“Esqueça! Você vai ser o cara mais lindo lá,” eu elogiei, puxando ele para a sala de estar. “Esses são meus pais, Sarah e Paul Madison.”

“É ótimo conhecer v ocês dois,” Alexander falou nervoso, estendendo a mão.

“Nós ouvimos tanto de você.” Minha mãe se animou, pegando na mão dele.

Eu encarei ela com um olhar gelado.

“Por favor sente-se,” ela prosseguiu. “Você gostaria de algo para beber?”

“Não, obrigada.”

“Sinta-se a vontade,” meu pai disse, sinalizando o sofá, e sentando-se na sua poltrona reclinável.

Uh-oh. Eu nunca tinha trazido um menino aqui antes. Eu podia sentir meu pai tomando vantagem. A inquisição. Eu rezei para ser breve.

“Então Alexander, como você está gostando da cidade?”

“Está sendo ótima desde que eu conheci a Raven,” ele respondeu polidamente e sorriu pra mim.

“Então, como vocês se conheceram já que você não vai a escola? Raven não quis nos contar essa parte. Oh não! Eu comecei a me contorcer na minha cadeira.

“Bom, eu acho que apenas acabamos nos encontrando. Quero dizer, é uma dessas coisas, lugar e hora certo. Como eles dizem, tudo é sobre sorte e timing. E eu devo dizer que fui muito sortudo desde que conheci sua filha.”

Meu pai encarou ele.

“Oh, não, não foi o que eu quis dizer,” Alexander adicionou.

Ele virou para mim, sua face pálida vermelha. Eu tentei não rir.

“O que seus pais fazem exatamente? Eles não ficam muito na cidade, ficam?”

“Meu pai é um negociador de arte. Ele tem galerias na Romênia, Londres, e Nova Iorque.

“Isso parece ser muito empolgante.”

“É ótimo, mas ele nunca estão em casa,” Alexander disse. “Ele está sempre voando para algum lugar. Minha mãe e meu pai olharam-se.

“Hora de ir ou nos atrasaremos!” eu interfeiri rapidamente.

“Eu quase esqueci,” Alexander disse, ficando de pé estranhamente. “Raven, isto é para você.”

Ele me entregou a caixinha.

“Obrigada!” eu sorri ansiosamente e rasguei o papel para abrir, revelando um lindo corsage***** de rosa vermelha. “É linda!” eu olhei para meus pais com um olhar que dizia “Viu, eu falei.”

***** corsage é aquela pulseira de flor que aparece em todos os filmes americanos que tem algum baile

“Que adorável!” minha mãe se emocionou.

Eu segurei o corsage sobre meu coração enquanto Alexander tentava colocá-lo. Ele errou o alvo por nervosismo.

“Ai!”

“Eu furei você?”

“Meu dedo, mas está tudo bem.”

Ele encarou intensamente a gota de sangue na ponta do meu dedo.

Minha mãe entrou entre nós com um lenço que ela pegou da mesinha de café.

“Não é nada mãe, só um pouco de sangue. Eu estou bem.” Eu rapidamente coloquei o dedo na boca.

“É melhor irmos,” eu disse.

“Paul!” minha mãe implorou.

Mas meu pai já sabia. Não havia nada que ele pudesse fazer. “Não esqueça o casaco.” Foi tudo que ele disse.

Eu peguei o casaco e a mão de Alexander e arrastei ele porta a fora, com medo que minha mãe fosse tentar protegê-lo fazendo o sinal da cruz.

Nós podíamos ouvir a música do estacionamento. Nenhum Camaro vermelho em lugar nenhum. Nós estávamos seguros – por hora.

“Não esqueça sua jaqueta,” Alexander me lembrou quando eu saía do carro.

“Você vai ter que me manter aquecida.” Eu pisquei, deixando a jaqueta do banco de trás.

Duas líderes de torcida vestidas para temperaturas árticas nos olhavam com horror.

Eu guiei Alexander e nós paramos na frente da entrada principal. Alexander parecia uma criança, curioso e nervoso. Ele olhou para o prédio com interesse, como se ele nunca tivesse visto uma escola antes.

“Nós não precisamos entrar,” eu ofereci.

“Não, tudo bem,” ele disse apertando meus dedos.

Dois atletas no corredor pararam de falar no instante que nos viram e ficaram encarando.

“Você pode pegar seus olhos do chão agora,” Eu disse enquanto eu e Alexander passamos pelos babacas.

Alexander examinou tudo: as placas do Baile de Inverno, o mural de anúncios, a estante de troféus. Ele passou seus dedos pelos armários, tocando o metal frio. “É como na TV!”

“Você nunca esteve numa escola?” eu perguntei.

“Não.”

“Deus! Você é o cara mais sortudo do mundo. Você nunca teve que comer almoço da escola. Seu intestino deve estar em ótima forma!”

“Mas se eu viesse, nós teríamos nos conhecido antes.”

Eu abracei ele embaixo do mesmo banner do Baile que Trevor e eu discutimos no dia anterior.

Mônica Harvers e Jodie Carter passaram por nós e olharam duas vezes. Eu pensei que os olhos delas iriam inchar mais que as suas cabeças de pom-pom.

Eu estava pronta para brigar se elas dissessem qualquer coisa. Mas eu podia sentir, pela pressão no meu pulso, que Alexander queria que eu permanecesse calma. As meninas cochicharam e riram entre elas, e continuaram cochichando todo o caminho até o ginásio.

“Aqui é onde eu não aprendo química,” eu disse, abrindo a porta destrancada para o meu laboratório de química. “Eu geralmente tenho que invadir os lugares. Isso é moleza.”

“Aliás, eu sempre quis saber porque você invadiu –“

“Olhe isso!” Eu interrompi, apontando os béqueres na mesa do laboratório. “Muitas poções misteriosas e explosões, mas você não quer saber, quer?”

“Eu adoro isso!” Ele estava segurando um béquer como se fosse um vinho fino.

Eu empurrei ele para uma carteira, e então escrevi o nome dele no quadro.

“Alguém sabe o símbolo do potássio? Erga a mão.”

Ele levantou a mão em direção ao teto. “Eu sei!”

“Sim, Alexander?”

“K.”

“Correto, você passou de ano!”

“Senhorita Madison?” ele disse, erguendo a mão de novo.

“Sim?”

“Você pode vir aqui por um momento? Eu acho que preciso de um auxílio. Você pode me ajudar?”

“Mas eu acabei de lhe dar um 10!”

“É mais sobre o assunto de anatomia.”

Eu fui para perto. Ele me puxou no seu colo e me beijou suavemente nos lábios. Nós ouvimos algumas garotas rindo, passando pela porta.

“É melhor irmos,” ele sugeriu.

“Não, tudo bem.”

“Eu não quero que você seja expulsa. Além do que, nós temos um baile para ir,” ele disse levantando a mim e a ele junto.

Eu andei de mãos dadas com o cara que eu tive mais aprendi química, o nome dele ainda escrito no quadro negro.

Nós nos aproximamos do ginásio, eu já podia sentir os olhares gelados. Todos estavam olhando para Alexander como se ele fosse de outro planeta e para mim como eles sempre olharam.

A Senhorita Fay, minha professora de álgebra intrometida, estava recolhendo os ingressos na porta.

“Eu vejo que você chegou na hora, Raven. Uma pena que você não possa fazer o mesmo pela Álgebra.

Eu nunca vi esse rapaz na escola,” ela adicionou examinando Alexander.

“É porque ele não estuda aqui.” Apenas pegue os ingressos moça! Eu pulei as introduções e puxei Alexander para dentro.

Nós entramos no Baile de Inverno. Eu não sabia se era porque eu estava com o Alexander, ou porque era meu primeiro baile, mas branco nunca pareceu tão bonito. Gotas de gelo de plástico e flocos de neve pendurados no teto, e o chão estava coberto de neve falsa. A neve artificial chovia do teto. Todo mundo estava vestido com cintilantes vestidos de inverno, ou veludo com suéteres, luvas, cachecóis e chapéis. O ar condicionado mandava arrepios pelo meu corpo.

Até mesmo a banda de rock, The Push-Ups, encaixaram-se no tema, com suas capas e botas de inverno. Refrescos estavam arrumados embaixo do placar – cones de gelo*****, cidra e chocolate quente.

***** curiosidade: não são tipo cones DE gelo. são cones com sorvete de gelo. sabe, tipo, daqueles sorvetes que tem uma bola de gelo e daí você coloca uma cobertura com gostinho

Eu podia ouvir sussurros, risadas e arfadas enquanto passávamos pelos estudantes. A banda também estava nos olhando.

“Você quer pegar um pouco de chocolate antes que os veteranos coloquem álcool?” Eu pedi, tentando distrair Alexander de toda a atenção.

“Eu não estou com sede,” ele falou olhando os casais que dançavam.

“Eu achei que você sempre estivesse com sede.”

A banda começou a tocar uma versão animada de “Winter Wonderland”.

“Posso ter essa dança?” Eu pedi, oferecendo minha mão.

Eu sorri em deleite enquanto passávamos pela neve para a pista de dança.

Eu estava no paraíso. Eu tinha o melhor par no Baile de Inverno – não tinha ninguém mais lindo que Alexander, e ele dançava como um sonho. Nós esquecemos que éramos excluídos e nos movemos como se fossemos regulares num clube moderno. Nós dançamos uma canção atrás da outra sem parar –

“Cold As Ice”, “Ice Cream”, “Frosty the Snowman.”

A banda começou a cantar “I melt with you”. O ginásio estava girando enquanto pequenos flocos de neve caíam gentilmente em nós. Alexander e eu rimos quando tropeçamos num jogador de futebol metido bêbado que estava fazendo anjo de neve no chão. Quando a música parou eu apertei Alexander como louca, como se fosse o nosso Baile particular. Mas é claro, nós não estávamos sozinhos, como uma voz familiar me lembrou.

“O asilo sabe que você fugiu?” Trevor perguntou, aparecendo do lado do Alexander.

Eu guiei Alexander para a mesa de refrescos e peguei dois cones sabor cereja.

“O carcereiro sabe que vocês estão aqui?” Trevor perguntou, nos perseguindo.

“Trevor, vá embora!” Eu falei, protegendo Alexander com o meu corpo.

“Oh, a noiva do Frankenstein está de TPM?”

“Trevor, chega!” Eu não podia ver a reação do Alexander, mas eu podia sentir as mãos dele no meu ombro, me puxando para trás.

“Mas esse é apenas o começo, Raven, apenas o começo! Eles não tem a dança na masmorra? Você tem que vir a escola para vir a bailes,” ele disse para o Alexander. “Mas eu acho que no inferno não há regras.”

“Calaboca!” eu disse. “Você não tem um par? Ou é o Matt?” eu perguntei sarcásticamente.

“Muito bom. Ela é esperta,” ele disse para o Alexander. “Mas não muito esperta. Não, meu encontro está lá,” ele adicionou apontando para a entrada.

Eu olhei e vi Becky parada nervosa na porta, vestida numa longa saia de pregas, um suéter rosa, longas meias brancas e sapatos de pala.

Meu coração afundou até o chão. Eu me senti enjoada.

“Eu fiz uma pequena transformação,” Trevor vangloriou-se. “E isso não é tudo, baby.”

“Se você encostar nela, eu mato você!” Eu gritei, empurrando ele.

“Eu não toquei nela, ainda. Mas tem tempo. O baile apenas começou.”

“Raven, o que está acontecendo?” Alexander exigiu, me virando para ele.

Trevor fez um sinal para Becky se aproximar. Ela nem olhou para mim enquanto se aproximava.

Trevor pegou na mão dela e beijou-a levemente na bochecha. Eu me encolhi e me senti nauseada.

“Sai de perto dela!” Eu peguei na mão dela e tentei puxá-la.

“Raven, é esse o cara que está te brigando contigo?” Alexander perguntou.

“Quer dizer que ele não sabe quem eu sou? Ele não sabe sobre nós?” Trevor perguntou orgulhosamente.

“Não há ‘nós’” Eu tentei explicar. “Eu irritei ele porque eu sou a única menina na escola que não acha ele gostoso! Então agora ele não me deixa em paz. Mas Trevor, como você se atreve a envolver Becky e Alexander!”

Becky permanecia parada com os olhos no chão.

“Eu acho que é hora de deixar a Raven em paz, cara,” Alexander disse.

“Cara? Eu sou amigo do Frankenstein agora? Nós podemos sair e jogar futebol? Desculpa mas tem uma ética de vestuário. Sem presas nem capas. Volte para o cemitério.”

“Trevor, chega! Eu vou chutar você agora!” Eu ameacei.

“Tudo bem Raven,” Alexander disse. “Vamos dançar.”

“Becky, sai de perto dele!” Eu gritei, sem me mexer. “Becky, diga alguma coisa! Diga alguma coisa!”

“Ela já disse alguma coisa.” Trevor anunciou. “Ela disse bastante. É engraçado como as pessoas nessa cidade não param de falar quando a safra de seus pais pode de repente pegar fogo a partir de um cigarro que caiu,” Trevor disse, olhando diretamente para mim.

Ele virou para o Alexander. “Você vai aprender quem são os viciados em rumores antes que você pense!”

Eu olhei para Becky que estava encarando para seus sapatos. “Eu sinto muito Raven. Eu tentei te avisar para não vir aqui hoje.”

“Do que ele está falando?” Alexander perguntou.

“Vamos embora.” Eu disse.

“Eu estou falando de vampiros!” Trevor declarou.

“Vampiros!” Alexander exclamou.

“Cale a boca Trevor!”

“Eu estou falando de fofoca!”

“Que fofoca?” Alexander perguntou. “Eu vim aqui para estar com a minha namorada.”

“Namorada?” Trevor perguntou, surpreso. “Então é oficial. Vocês dois vão passar toda a eternidade juntos?”

“Fique quieto!” eu ordenei.

“Conte para ele porque você invadiu a casa dele! Conte a ele o que você viu.”

“Nós vamos embora!” eu disse e comecei a ir. Mas Alexander não se moveu.

“Conte para ele porque você se atirou para ele,” Trevor continuou.

“Não diga outra palavra, Trevor!”

“Conte para ele porque você foi no cemitério!”

“Eu disse, ‘CALE A BOCA!’”.

“E porque você desmaiou.”

“Cale a boca!”

“E porque você se olha no espelho a cada hora!”

“Do que ele está falando?” Alexander exigiu.

“E conte para ele sobre isso,” ele disse, jogando as polaroids da minha marca de mordida no Alexander.

Alexander pegou as fotos e examinou. “O que é isso?”

“Ela usou você,” Trevor disse. “Eu comecei um rumor que se tornou uma grande bola de neve. Eu fiz todos na cidade acreditarem que você era um vampiro. A parte engraçada é que a sua querida, doce Raven acreditou nos rumores mais que qualquer um!”

“Cala a boca!” Eu gritei e joguei meu cone na cara de Trevor.

Trevor ria enquanto o gelo escorria pelas suas bochechas. Alexander olhava a foto.

“O que está acontecendo?” Sr. Harris perguntou, correndo até nós.

Alexander olhou para mim em descrença e confusão. Ele olhou para os lados, desamparado, enquanto a multidão esperava pela reação dele. Então ele furiosamente pegou minha mão e me puxou para fora.

Nós deixamos a neve e entramos na chva.

“Espere!” Becky gritou, correndo atrás de nós.

“O que está havendo, Raven?” Alexander exigiu, ignorando ela. “Como você invadiu minha casa? Como ele sabe do cemitério? Como ele sabe que você desmaiou? E o que é isso?” ele perguntou, socando a foto na minha cara.

“Alexander, você não está entendendo.

“Você nunca me disse porque você invadiu minha casa,” ele falou.

Eu encarei os olhos profundos e solitários dele. A inocência dele. O sentimento de não pertencer. O que eu podia dizer? Eu não podia mentir. Então eu não disse nada e apenas abracei ele com toda a minha força.

A foto caiu da mão dele. E ele me empurrou.

“Eu quero ouvir de você,” ele exigiu.

Lágrimas começaram a surgir. “Eu fui lá para desacreditar dos rumores. Eu queria por um fim neles! Para que sua família pudesse viver em paz.”

“Então eu sou apenas uma história de fantasma para você, que você tinha que checar?”

“Não! Não! Becky, conte a ele que não era assim!”

“Não era!” Becky exclamou. “Ela fala de você o tempo todo!”

“Eu achei que você fosse diferente, Raven. Mas você me usou. Você é igual a todo mundo.

Alexander virou e eu peguei no braço dele.

“Não vá! Alexander!” eu implorei. “É verdade, eu fiquei presa nos rumores, mas quando eu vi você pela primeira vez eu sabia. Eu nunca senti isso por ninguém antes. É por isso que eu fiz todo o resto!”

“Eu achei que você gostasse de mim por quem eu era – não porque eu você pensava que eu fosse. Ou por alguma coisa que você queria que eu fosse.”

Ele foi embora.

“Não vá!” eu chorei. “Alexander --.”

Mas ele me ignorou. Ele tinha ido, de volta para a solidão do seu quarto no sótão.

Eu entrei abruptamente no ginásio. A banda estava na pausa e todo mundo olhou para mim em silêncio enquanto eu atravessava o salão.

“O fim,” Trevor anunciou e começou a bater palmas. “O Fim! E que produção maravilhosa foi, se eu devo dizer.”

“Você!” Eu gritei. O Sr. Harris podia ver que eu estava querendo sangue e me segurou por trás. “Você é o mal encarnado, Trevor!” Eu gritei, meus braços se debatendo enquanto eu tentava inutilmente me desprender do agarro do treinador de futebol. “Trevor Mitchel você é o monstro!” Eu olhei para os rostos ao meu redor. “Vocês não vêem isso? Vocês todos afastaram a pessoa mais inteligente, generosa, gentil, amável pessoa nessa cidade, enquanto aceitavam a que destruía vidas! E vocês apenas assistem ele jogar futebol, e festam com ele, enquanto expulsam um anjo porque ele usa preto e teve aulas em casa!”

Lágrimas corriam pelo meu rosto, e eu corri para fora.

Becky correu atrás de mim. “Eu sinto muito Raven. Eu sinto muito!” ela gritou.

Eu ignorei ela e corri todo o caminho até a Mansão, lutando contra o portão liso. Traças enormes saíram da luz da varanda enquanto eu batia na maçaneta de serpente. “Alexander, Abra a porta! Alexander, abra!”

Eventualmente a luz apagou e as traças voaram para longe. Eu senti no degrau da porta, chorando.

Pela primeira vez na minha vida. Eu não achei conforto na escuridão.

Capítulo 20 - Fim De Jogo

Eu chorei a noite toda e não fui na aula no dia seguinte. À tarde eu corri para a Mansão. Balancei o portão até quase parecer que ele ia cair. Finalmente eu pulei por cima deste e bati na maçaneta de serpente. As cortinas do sótão balançavam, mas ninguém respondeu.

De volta para casa, eu liguei para a Mansão e falei com Jameson, que disse que Alexander estava dormindo.

“Eu direi para ele que você ligou,” ele disse.

“Por favor, diga para ele que eu sinto muito!”

Eu temia que Jameson me odiasse tanto quanto Alexander.

Eu ligava de hora em hora; toda vez, Jameson e eu tínhamos a mesma conversa.

“Eu vou estudar em casa, a partir de agora!” Eu gritei quando minha mãe tentou me tirar da cama no dia seguinte. Alexander não estava atendendo minhas ligações e eu não estava atendendo as da Becky.

“Eu nunca vou voltar para a escola!”

“Você vai superar isso, querida.”

“Você superaria o papai? Alexander é a única pessoa no universo que me entende! E eu estraguei tudo!”

“Não, **Trevor Mitchell** estragou tudo. Você foi gentil para o rapaz. Ele tem sorte de tê-la.”

“Você acha?” Eu comecei a chorar lágrimas do tamanho da mansão. “Eu acho que arruinei a vida dele. Minha mãe sentou na ponta da cama. “Ele adora você, querida,” ela me confortou, me abraçando como se eu fosse o choroso Billy Boy.

Eu podia sentir o cheiro de damasco no cabelo castanho aveludado dela e o seu perfume suave. Eu precisava da minha mãe neste momento. Eu queria precisava que ela me dissesse que tudo ia ficar bem.

“Eu pude ver o quanto ele adorava você, quando ele veio aqui em casa,” ela continuou. “É uma pena que as pessoas falem dele do jeito que falam.”

“Você era uma dessas pessoas,” eu suspirei. “E eu acho que eu era também.”

“Não, você não era. Você gostava dele por quem ele era.”

“Sim – quero dizer, não. Eu realmente gosto. Mas é tarde demais agora.”

“Nunca é tarde demais. Mas, falando de tarde, eu estou atrasada! Eu tenho que levar seu pai ao aeroporto.”

“Ligue para a escola,” eu falei quando ela estava na porta. “Diga a eles que estou doente de amor.”

Eu puxei as cobertas sobre minha cabeça. Eu não me moveria até ser noite. Eu tinha que ver Alexander, colocar um pouco de razão no seu corpo pálido. Implorar por perdão. Eu não podia ir à Mansão, e eu não podia invadir – ele podia chamar os policiais desta vez. Tinha apenas um lugar para ir – um outro lugar onde ele pudesse estar.

Eu entrei no cemitério de Dullsville com um buquê de narcisos na minha mochila. Eu andei rapidamente entre as lápides, tentando refazer os paços que uma vez fizemos juntos. Eu estava tão excitada quando nervosa. Eu imaginei ele esperando por mim, correndo em minha direção e me dando um abraço e enchendo-me de beijos.

Mas daí eu pensei, “Ele vai me perdoar? A nossa primeira briga seria também a última?”

Eventualmente eu achei o monumento da avó dele, mas Alexander não estava lá.

Eu coloquei as flores na sepultura. Minha barriga doía, como se eu estivesse desmoronando de dentro para fora.

Lágrimas começaram a encher meus olhos.

“Vovó,” eu disse em voz alta, olhando em volta. Mas quem poderia me ouvir? Eu poderia ter gritado se eu quisesse. “Vovó, eu estraguei tudo. Estraguei tudo mesmo. Não há ninguém no mundo que goste mais do seu neto do que eu. Você pode por favor me ajudar? Eu sinto tanta falta dele. Alexander acredita que ele é diferente, e eu acredito que ele seja realmente diferente – mas das outras pessoas não de mim. Eu amo ele. Você pode me ajudar?”

Eu esperei, procurando por um sinal, alguma coisa mágica, um milagre – morcegos voando sobre minha cabeça, ou então um trovão. Nada. Havia apenas o som de grilos. Talvez demorasse mais para milagres e sinais. Eu apenas podia ter esperança.

Um dia de “doente de amor” acabou virando dois, que viraram três e quatro.

“Você não pode me obrigar a ir para a escola!” Eu gritava toda a manhã e virava para o lado e voltava a dormir.

Jameson continuava a me dizer que Alexander não podia vir ao telefone. “Ele precisa de tempo,” Jameson ofereceu. “Por favor seja paciente.”

Paciente? Como eu podia ser paciente quando cada segundo da nossa separação parece uma eternidade?

Segunda de manhã eu tive um visitante mal-vindo. “Eu desafio você para um duelo!” meu pai disse, jogando a raquete dele na minha cama. Ele abriu as cortinas e permitiu que o sol me cegasse. “Vá embora!”

“Você precisa de exercício.” Ele me jogou uma camiseta e uma saia branca. “São da mamãe! Eu não achei que acharia nada branco no seu guarda-roupa. Agora vamos nos apressar! O meu horário na quadra é em meia hora.”

“Mas eu não jogo em anos!”

“Eu sei. É por isso que estou te levando. Eu quero ganhar hoje,” ele disse e fechou a porta atrás dele. “Você que pensa que vai ganhar!” Eu gritei através da porta fechada.

O country clube de Dullsville estava igual eu recordava de anos atrás – esnobe e chato. As lojas estavam repletas de roupas feitas por designers e raquetes caras. Havia um restaurante quatro estrelas que cobrava cinco dólares por um copo de água. Eu quase me encaixava, com a roupa da mamãe, exceto pelo batom preto. Mas meu pai deixou passar. Eu acho que ele estava feliz que eu estava de pé para variar.

Eu rebati as jogadas de papai com vingança. Cada bola tendo a cara do Trevor Mitchell. Eu batia nas bolas o mais forte que podia, e naturalmente todas batiam na rede ou na cerca.

“Você costumava me deixar ganhar,” eu disse depois que pedimos o almoço.

“Como eu posso deixar você ganhar quando você está rebatendo todas as bolas na rede? Balance devagar e deixe fluir.”

“Eu acho que andei rebatendo na direção errada demais ultimamente. Eu nunca deveria ter deixado Trevor tirar o melhor de mim. Eu nunca deveria ter acreditado nos rumos, ou queria ter acreditado neles. Eu sinto tanta falta do Alexander.”

No almoço o garçom me trouxe uma salada e sanduíche de atum para o meu pai. Eu encarei os tomates, ovos e o alface. “Pai, você acha que eu vou conhecer alguém como o Alexander de novo?”

“O que você acha?” ele pediu, mordendo um pedaço do sanduíche.

“Eu não acho que vou. Eu acho que era ele. Ele é a pessoa especial que a gente só acha nos filmes e nos romances. Tipo Heathcliff ou Romeo.”

Meus olhos começaram a se encher de lágrimas.

“Está tudo bem querida,” ele disse me entregando um guardanapo. “Quando eu conheci sua mãe eu usava óculos iguais os do John Lennon e tinha cabelo na altura do meio das costas. Eu não sabia o que um par de tesouras ou uma lâmina de barbear se pareciam! O pai dela não gostava de mim por causa de como eu parecia e dos meus ideais políticos. Mas ela e eu víamos o mundo do mesmo jeito. E era tudo que importava. Era numa quarta-feira quando a primeira vez que eu vi sua mãe, no gramado da universidade. Ela estava com uma calça pantalone (boca de sino) marrom e um colete branco, enrolando o seu longo cabelo castanho, olhando para cima. Eu andei até ela e perguntei o que ela estava olhando. ‘Aquela mamãe pássaro está alimentando seus filhotes. Não é lindo?’ ela disse. ‘É um corvo!’ E ela citou algumas linhas de Edgar Allan Poe. Eu ri. ‘Do que você está rindo?’ ela me pediu. E eu contei para ela que era uma gralha, não um corvo. ‘Oh, é isso que eu ganho por ter me esbaldado na festa ontem a noite,’ ela disse, rindo comigo. ‘Mas eles não são lindos mesmo assim?’ E eu contei a ela, ali mesmo, que sim, eles eram. Mas que ela era mais linda.”

“Você disse isso?”

“Eu não devia estar contando isso para você. Especialmente a parte da festa!”

“Mamãe me disse que foi por isso que eu ganhei meu nome, mas ela nunca mencionou a parte da festa.”

Eu agradei o universo pelo fato de meus pais estarem olhando para um corvo aquele dia e não um esquilo. Os resultados seriam desastrosos.

“Pai, o que eu faço?”

“Você tem que descobrir essa sozinha. Mas se a bola aterrissar na sua quadra de novo, não jogue ela contra a cerca. Apenas abra os olhos e balance ela para o outro lado.”

Nós embrulhamos minha salada para levar, porque eu não conseguiria processar a salada e as metáforas de tênis ao mesmo tempo.

Eu estava muito confusa. Eu não sabia o que fazer. Bater na bola, ou esperar ela chegar até mim? Meu pai estava conversando a toa com um amigo quando eu ouvi uma voz dizer, “Você joga feroz, Raven!” Eu me virei e vi Matt escorado contra o placar.

“Eu não sei jogar!” eu repliquei surpresa. Eu procurei pelo Trevor.

“Eu não estou falando de tênis.”

“Eu não entendo.”

“Eu estou falando da escola, do Trevor. Não se preocupe, ele não está aqui.”

“Então você está tentando começar algo comigo?” Eu perguntei, agarrando minha raquete. “Aqui no clube?”

“Não, eu estou tentando terminar. Eu quero dizer, todo mundo sabe o que ele faz para você e para Becky e com todo mundo. Até comigo. E eu sou o melhor amigo dele. Mas você defendeu todo mundo. E você nem gosta de nós.” Ele riu. “Nós somos cruéis com você e você ainda nos defendeu do Trevor.”

“Nós estamos numa *pegadinha de TV*?” Eu perguntei, procurando as câmeras.

“Você traz tempero pra essa cidade, com suas roupas e a sua atitude. Você não se importa com o que as pessoas pensam, e essa cidade gira em torno do que as pessoas pensam.”

“O Trevor está escondido na loja de presentes?” Eu perguntei, espreitando.

“O Baile de Inverno realmente mudou a linha de pensamento de muitas pessoas. Trevor usou a escola inteira, e no fim ele fez todo mundo de palhaço. Eu acho que foi a nossa chamada para acordar.”

Eu me toquei que não havia câmeras escondidas ou Trevor escondido. Matt não estava brincando.

“Eu queria que o Alexander pudesse ouvir você dizer isso,” eu finalmente falei. “Eu não tenho visto ele e tenho medo de nunca mais vê-lo. Trevor arruinou tudo,” Eu falei, meus olhos começando a encher de lágrimas de novo.

“Foda-se o Trevor!”

Muitas pessoas olharam, não era educado falar palavrão no clube, mesmo que eles mesmo falassem em quadra, quando perdiam uma jogada.

“Tenho que ir, Raven – te vejo por aí,” Matt falou enquanto ia.

“Eu queria que você conhecesse um antigo conhecido, Raven,” meu pai falou, se aproximando com um homem de terno depois que Matt saiu.

“É legal ver você, Raven,” ele disse. “Já faz um tempo. Você está crescida agora. Eu não a reconheceria sem o batom. Você se lembra de mim?”

Como eu podia esquecê-lo? A primeira vez que eu entrei na Mansão, a janela do porão, o boné vermelho. O beijo quente na minha bochecha do lindo garoto novo que estava tentando se encaixar.

“Jack Patterson! É claro que eu lembro de você, mas eu não posso acreditar que você se lembra de mim.”

“Eu sempre lembro de você!”

“Como vocês dois se conhecem?” meu pai perguntou.

“Da escola,” Jack respondeu, com um brilho no olhar.

“Então, o que você está aprontando ultimamente?” Jack me perguntou. “Dizem por aí que você está entrando na Mansão pela porta da frente esses dias.”

“Bom, eu estava, mas...”

“Jack se mudou de novo para cidade recentemente e assumiu a loja de departamento do pai dele,” meu pai disse.

“É, passe lá qualquer hora,” Jack disse. “Eu te dou um desconto.”

“Você vende botas de combate e maquiagem preta?”

Jack riu. “Eu acho que algumas coisas não mudaram!”

Matt reapareceu de repente. “Pronto pra ir Matt?” Jack perguntou.

“Você conhece o Matt?” Eu perguntei, surpresa.

“Nós somos primos. Eu estou feliz de ter voltado – eu tenho algumas restrições sobre a turma com quem ele anda.”

Capítulo 20 - Escuridão e Luz

Era noite de sábado. Eu estava vestida com minha camiseta do Cure e shorts preto, assistindo *Dracula* em slow motion. Parei na parte onde Bela se debruçou sobre uma Helen Chandler adormecida e me lembrei de quando Alexander me beijou em seu sofá de couro preto. Fitei longamente a cena e avancei mais alguns quadros.

A campainha me tirou de meu transe de auto-piedade. “Atende você!” Eu gritei, mas me lembrei que minha família tinha ido ao cinema.

Eu olhei através do olho-mágico mas não vi nada. Então eu olhei novamente e descobri uma Becky pequenininha parada na soleira.

“Que é que você quer?” Perguntei abrindo a porta.

“Se vista!”

“Achei que você viria aqui para se desculpar.”

“Me desculpa, mas você tem que acreditar em mim! Você tem que ir até a Mansão-agora!”

“Vai pra casa!”

“Raven, agora!”

“O que está acontecendo?”

“Por favor, Raven, depressa!”

Eu corri escada acima e vesti uma camiseta preta e um jeans.

“Rápido!”

Eu a bombardeei com perguntas assim que entramos na caminhonete do pai dela, mas ela se recusou a me contar qualquer coisa.

Eu imaginava a Mansão coberta de grafite, suas janelas violadas, Trevor e sua trupe de jogadores esnobes saindo pela colina com um Alexander ensangüentado. E depois uma outra horrível imagem, silenciosa. Um A VENDA no jardim e nenhuma cortina negra pendurada na janela do sótão de Alexander.

Becky não estacionou na Mansão, mas uma quadra antes.

“O que foi?” Perguntei. “Por que você não estaciona mais perto?”

Mas assim que saímos, eu vi vários carros estacionados ao longo do meio-fio pelo caminho até a Mansão, fora do comum para uma rua deserta.

Na distância eu avistei dois homens vestidos de preto como se fossem a um funeral. Mas eles estavam andando rápido, segurando tochas acesas.

Meu coração afundou. “Nós nunca vamos conseguir!” Eu gritei.

Pior foi ver outro homem, também vestido de negro e carregando uma tocha. Eu pirei. Tudo parou dentro de mim. Era igualzinho ao final de *Frankenstein* – onde as pessoas da cidade foram queimar o castelo e expulsar o pobre Frank de sua casa. Essa era apenas uma pequena turba. Eu não podia acreditar que eu tinha vindo pra isso. Eu já podia sentir o cheiro da fumaça.

“Não, não!” Eu gritei, mas o homem já havia dobrado a esquina em direção ao portão.

Minha imaginação sombria poderia não estar preparada para o que eu veria: Uma pequena multidão de Dullsvilianos nas dependências da Mansão. Pessoas conservadoras vestidas de vampiro? Todo mundo estava tão sombrio que eu pensei que estava usando óculos escuros, mas uma Becky candente me convenceu de eu estava vendo tudo direito. Havia uma monte de gente vivida pela frente daquela Mansão solitária - e eles estavam se divertindo!

Eu não entendi nada daquilo. Aquela aglomeração mais parecia uma festa, mas não fazia nenhum sentido! Será que era apenas outra piada doentia? E então eu vi o cartaz no portão que fazia tudo perfeitamente claro: BENVINDOS A VIZINHANÇA.

“Antes tarde do que nunca.” Becky disse.

Fitas vermelhas também estavam penduradas no portão, e as tochas iluminavam a colina.

“Ei menina, não nos ignore!” alguém chamou enquanto Becky e eu entrávamos pelo portão.

Eu me virei. Era a Ruby! Ela estava vestida com um vestido de vinil preto justinho e botas de salto baixinho, também preta-vinil.

“Eu já consegui um encontro com essa roupa, Raven. Você nunca vai acreditar – foi o mordomo!” Ela riu como uma garota do colegial, e afofou seu cabelo, recém tingindo de preto, enquanto se olhava no seu espelhinho compacto. “Ele é mais velho, mas é meio que legal!”

Pela aparência da Ruby, parecia que ela tinha sido tirada diretamente de uma passarela em Paris. Até mesmo seu poodle branco estava usando uma coleira preta e um suéter para cachorros preto.

“Está me reconhecendo?” Era Janice com um mini-vestido preto e botas de combate. “Acha que é a minha cor?” ela falou, revelando o esmalte preto.

“Qualquer tom de preto serve!” Eu disse.

“Eu tentei te avisar para você não ir ao Baile de Inverno,” Becky começou rapidamente enquanto subíamos o caminho da garagem. “Mas Trevor me chantageou. Você sempre esteve lá para mim quando eu precisei de você, e eu não estava aqui para você. Você pode me perdoar?”

“Eu estava tão envolvida que não escutei os avisos. E você está aqui para mim agora.” Eu peguei a mão dela. “Eu estou feliz que você não está mais sob o feitiço do Trevor.”

Enquanto Becky e eu continuamos a andar morro acima, nós encontramos Jack Patterson, usando uma blusa de gola role preta e jeans.

“Eu estive esperando todos esses anos para o momento certo de retribuir o que você fez,” ele confessou. “Eu forneci as roupas para a festa. Não há nada preto sobrando na loja!”

Agora, depois de todos esses anos, era a minha vez de dar um beijo agradecido na sua bochecha. “Isso é inacreditável!”

“Não foi minha idéia de todos usarem preto,” Jack disse, apontando para um rapaz que usava botas Doc Martens, camiseta preta e cabelo puxado para trás, preto.

“E aí garota!” Era Matt. “Eu estava com medo que você não viesse. Nós tivemos que mandar Becky atrás de ti. Nós não poderíamos dar as boas vindas ao Alexander depois de todo esse tempo sem você!” Meu olhos se iluminaram. “Alexander perguntou de você a noite inteira.”

Eu olhei ao redor, sem palavras. Eu queria abraçar todo mundo. Mas aonde estava Alexander?

“Eu acho que você vai achá-lo lá dentro,” Matt deu a dica.

“Eu não posso acreditar que você fez isso!” O pensamento de ver Alexander novamente me animou. Eu abracei Matt com um abraço estilo Ruby. Eu acho que ele estava tão surpreso com a minha afeição quanto eu.

“É melhor você ir lá – antes que o sol nasça,” ele disse.

Eu parei, lembrando de um Dullsviliano que eu não tinha visto. “Ele não vai estar se escondendo nas sombras, certo?”

“Quem?”

“Você sabe quem!”

“Trevor? Ele não foi convidado.”

“Obrigada Matt. Obrigada mesmo!” Eu disse, fazendo um sinal de positivo com a mão.

“Você fez isso, realmente. Está sendo bom para nós, dar uma volta no lado selvagem.”

Becky agarrou meu braço e me guiou em direção a Mansão. Uma mesa de refrescos foi arrumada perto da porta. Sucos e refrigerantes, salgadinhos e SnoCaps, Sprees, Good&Plenty e Dots. Tudo que o Alexander tinha na noite que nós assistimos TV na sua casa.

“Não mesmo!” eu exclamei. Eu encarei Becky. “Eu contei para você sobre os SnoCaps?” eu percebi.

“Se eu mantesse isso em segredo também, nós não teríamos refrescos,” Becky adicionou.

Ela se preparou para meu ataque de fúria, mas ao invés eu sorri e disse, “Eu fico feliz que você tenha uma memória tão boa. De quem foi a idéia da festa de boas vindas?” Eu imaginei.

Becky olhou para além da soleira da porta.

Pelo canto do meu olho eu notei dois apaixonados moderninhos de mãos dadas.

“Oh, aí está ela,” Eu ouvi o homem moderninho dizer.

Eram meus pais! Minha mãe estava em calças boca de sino pretas, sandálias de plataformas preta e uma blusa de seda também preta, com um colar de contas vermelho ao redor do pescoço. Meu pai estava usando óculos de John Lennon pretos, e havia espremido seu corpo num jeans Levi’s preto com uma camisa de seda preta, desabotoada até a metade.

“Você está drogado?” Eu imaginei alto, estupefata.

“Oi querida,” minha mãe disse. “Nós tínhamos que fazer algo para tirar você da cama.

Meu pai riu e duas crianças vestidas de Drácula apareceram zunindo. Um deles estendeu a capa com as mãos e fingiu voar em minha direção.

“Eu vim para sugar seu sangue,” era Billy Boy.

“Você está divino! Você é o vampiro mais fofo que eu já vi,” eu disse.

“Sério? Então eu vou usar isso na escola, na segunda.”

“Oh, não você não vai,” meu pai censurou. “Um radical na família é mais do que podemos lidar.”

Meu pai olhou para minha mãe em busca de auxílio. Billy piscou para mim e voou para longe.

Jameson apareceu segurando uma jaqueta preta.

“Aqui está sua jaqueta, Sr. Madison,” ele disse, estendendo a jaqueta para meu pai. “O rapaz não queria soltar. Algo sobre o perfume da sua filha.”

Eu estava embaraçada, mas eu derreti por dentro.

“É bom ver você, senhorita Raven.”

Eu queria ver Alexander. Eu queria ver ele agora. Eu queria ver o seu rosto, seu cabelo, seus olhos. Eu queria ver se ele ainda parecia o mesmo, se ele ainda sentia a nossa conexão amorosa. Ou se ele pensava que tudo era uma mentira.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Jameson disse, “Não quer entrar?”

Eu entrei, agradecida pelo fato de que nosso encontro – ou o fora – seria particular. Estava quieto ali dentro, sem música pulsando do sótão, e escuro, com apenas algumas velas iluminando o caminho. Eu chequei a sala de estar, a de jantar, a cozinha e o corredor. Eu subi na escadaria.

“Alexander?” Eu sussurrei. “Alexander?”

Meu coração estava batendo forte e minha mente estava frenética. Eu espiei nos banheiros, na biblioteca e no quarto de casal.

Eu ouvi vozes na sala de TV.

Renfield estava contando ao doutor sobre o Conde Drácula. Era durante essa cena que Alexander tinha me beijando e eu tinha desmaiado. Eu sentei no sofá e assisti impaciente por um minuto, esperando ele retornar. Mas eu fiquei ansiosa demais e voltei para o corredor.

“Alexander?”

Eu olhei para o carpete vermelho da escada que levava para o sótão. A sua escadaria!

A porta no topo da sua escadaria estava fechada. Sua porta. Seu quarto. O quarto que ele não me deixava ver. Eu gentilmente bati na porta.

Não houve resposta.

“Alexander?” eu bati de novo. “Sou eu, Raven. Alexander?”

Atrás daquela porta estava o mundo dele. O mundo que eu nunca tinha visto. O mundo que tinha todas as respostas para todos os mistérios dele – como ele passava os dias, como ele passava as noites. Eu girei a maçaneta, e a porta rangeu levemente aberta. Não estava trancada. Eu queria mais que tudo

empurrar e abrir. Para fuçar. Mas então eu pensei. Foi assim que os problemas começaram: comigo fuçando. Eu não havia aprendido nada? Então eu respirei fundo e agi contra o meu impulse. Eu fechei a porta e me apressei para descer a escadaria rangente do sótão e a escadaria principal com uma confiança nova. Eu parei na porta da frente e sentindo uma presença familiar novamente, eu me virei. Ali estava ele, como o Cavaleiro da Noite, olhando diretamente para mim com aqueles olhos escuros, profundos, amáveis, calmos, solitários, adoradores, inteligentes, sonhadores.

“Eu nunca quis machucar você,” eu soltei. “Eu não sou o que o Trevor disse. Eu sempre gostei de você, por quem você é!”

Alexander não falou nada.

“Eu fui tão estúpida. Você é a coisa mais interessante que já aconteceu em Dullsville. Você deve pensar que eu sou tão pirralha.”

Ele ainda não falou uma palavra.

“Diga alguma coisa. Diga que eu agi como uma criança da terceira série. Diga que você me odeia.”

“Eu sei que somos mais parecidos do que somos diferentes.”

“Você sabe?” eu pdei, surpresa.

“Minha avó me contou.”

“Ela fala com você?” Eu falei, sentindo um arrepio.

“Não, ela está morta bobinha! Eu vi as flores.”

Ele esticou a mão dele em busca da minha.

“Há algo que eu quero mostrar para você,” ele disse misteriosamente.

“Seu quarto?” eu perguntei, segurando a mão dele.

“Sim, e alguma coisa no meu quarto. Está finalmente pronto.”

“Está?” Minha imaginação correu solta. O que o Alexander fez no quarto dele? O que quer que fosse estava morto ou vivo?

Ele me guiou através da escadaria principal e da escadaria do sótão. A sua escadaria.

“Está na hora de você conhecer meus segredos,” ele disse, abrindo a porta. “Ou pelo menos a maioria deles.”

Estava escuro, exceto pelo luar que iluminava através da pequena janela do sótão. Uma cadeira velha e confortável e um colchão de casal no chão. Uma manta preta esticada revelava lençóis marrons. Uma cama como a de qualquer outro adolescente. Não um caixão. E então eu notei as pinturas. Big Ben com morcegos voando ao redor do relógio, um castelo em cima de um morro, a torre Eiffel de cabeça para

baixo. Havia uma pintura escura de um casal mais velho em roupas góticas, com um enorme coração vermelho ao redor deles. O cemitério de Dullsville, a avó dele sorrindo sobre seu túmulo. Uma pintura feita do seu sótão com pessoas pedindo doce-ou-travessuras em todo o lugar.

“Essas são do meu período negro,” ele brincou.

“São espetaculares,” eu falei, chegando mais perto.

Tinta estava por tudo, até mesmo no chão.

“Você é totalmente incrível!”

“Eu não tinha certeza se você gostaria delas.”

“São incríveis!”

Eu notei o quadro coberto com um lençol num cavalete no canto.

“Não se preocupe, não vai morder.”

Eu parei antes de puxar, pensando o que tinha ali em baixo. E pela primeira vez minha imaginação faltou comigo. Eu peguei a ponta do lençol e lentamente puxei, igual quando eu havia descoberto o espelho de Alexander no porão. Eu estava encantada.

Eu estava encarando a mim mesma, vestida para o Baile de Inverno, um corsage vermelho na minha roupa. Mas eu carregava uma cesta de abóbora no meu braço e segurava um Snickers em uma das mãos enquanto na outra eu usava o Anel Aranha. Estrelas brilhavam acima da minha cabeça e neve caía levemente ao redor de mim. Eu ria maravilhada com dentes de vampiro falsos.

“É exatamente como eu! Eu nunca imaginei que você fosse um artista! Eu quero dizer, eu sabia que você fez os desenhos no porão e a pintura na estrada... Eu não fazia idéia.”

“Aquela era você?” ele pediu, refletindo.

“Por que você estava parado no meio da rua?”

“Eu estava indo para o cemitério para fazer o quadro do monumento da minha avó.”

“Os pintores não usam pequenos tubos de tinta?”

“Eu misturo a minha própria tinta.”

“Eu não fazia idéia. Você é um artista. Agora tudo faz sentido.”

“Eu fico feliz que você tenha gostado,” ele disse com alívio. “É melhor voltarmos para festa antes de darmos a alguém munição para fofocas.”

“Eu suponho que você esteja certo. Você sabe como os rumores se espalham nessa cidade.”

“Não é estranho?” ele perguntou, me entregando uma soda, de volta ao gramado depois de termos nos misturado com enegrecidos Dullsvillians. “Nós não somos excluídos hoje.”

“Vamos aproveitar. Tudo estará de volta ao normal amanhã.”

Os festeiros estavam rindo e se divertindo.

Mas então eu notei uma figura distante, lentamente subindo o até o gramado.

“Trevor!” eu falei com uma arfada. “O que ele está fazendo aqui?”

“Ele é um monstro!” ele gritou, chegando na festa. “A família inteira dele.”

“De novo isso não!” eu disse.

Todos os olhares estavam em Trevor.

“Alexander, vá para dentro,” eu falei. Mas ele não se moveu.

“Ele sai no cemitério pelo amor de Deus!” Trevor disse, apontando para o meu Companheiro Gótico.

“E não havia morcegos nessa cidade antes de ele aparecer!” ele gritou.

“E não havia otários nessa cidade antes de você aparecer!” eu disse.

“Raven, acalme-se,” meu pai falou sereno.

“Chega disso!” Matt falou, com Jack Patterson logo atrás dele.

“Olhem isso! Eu fui atacado!” Trevor exclamou, apontando para um arranhão no pescoço dele. “Por um morcego! Eu vou ter que tomar uma vacina contra raiva!”

“Esqueça isso, Trevor,” Matt falou, exausto.

“Aconteceu quando eu vinha para cá. Eu liguei para sua casa e sua mãe falou que você estava numa festa na Mansão! O que é que está havendo? Era para você estar saindo comigo!”

“Você fez isso sozinho,” Matt respondeu. “Eu estou cansado de ser seu chofer, e te levar ao redor da cidade para você poder espalhar seus rumores estúpidos. Você me manipulou tempo o bastante Trev.”

“Mas eu estava certo! Eles são vampiros!” Trevor griou.

“E eu estava certo em não convidar você,” Matt falou.

“Vocês são malucos. Festando com malucos!” Trevor discutiu, encarando a todos nós.

“Ok Trevor, já chega,” meu pai falou, andando na direção dele.

“Eu não tive nada a ver com isso,” Alexander disse, confuso.

“Eu acho que sabemos disso,” eu confirmei.

“Mas –,” Trevor começou, seus olhos furiosos querendo sangue.

“Eu preferia não ter que ligar para seu pai,” meu pai finalmente disse, colocando sua mão no ombro de Trevor.

Trevor estava espumando de raiva, mas ele estava ficando sem munição. Não havia ninguém aqui que cairia nas brincadeiras dele, apoiá-lo, pensar que ele era maravilhoso por ter marcado o gol da vitória. Nenhuma garota risonha queria namorar um jogador esnobe ou sair com ele porque ele era popular. Não havia nada para ele, a não ser ir embora.

“Você apenas espere – meu pai é dono dessa cidade!” ele disse, enquanto saía furioso. Era a única coisa que ele podia dizer.

“Não esqueça de colocar gelo no pescoço,” minha mãe aconselhou como se fosse Florence Nightingale.*****

***** Florence foi uma enfermeira britânica que ficou famosa por ser pioneira no tratamento a feridos na guerra.

“Ele precisa de um dardo tranquilizador, não gelo, mãe.”

Nós todos assistimos enquanto Trevor saía pelo portão, e então ele finalmente tinha ido.

“Bom, nós havíamos planejado um telegrama cantado, mas eles devem ter colocado as instruções erradas,” meu pai brincou. A multidão riu em alívio.

Alexander e eu nos abraçamos buscando conforto. As crianças começaram a correr, fingindo serem vampiras.

Mais tarde, depois que Alexander disse tchau para seus vizinhos, Becky me encontrou limpando a mesa de refrescos.

“Eu sinto muito,” ela disse.

“Você vai se desculpar pelo resto da sua vida?”

Eu abracei ela um abraço de Ruby.

“Vejo você amanhã,” Becky falou com olhos cansados.

“Eu achei que seus pais já tinham ido.”

“Eles mantêm o horário de fazendo, você sabe. Dormir cedo e acordar cedo.”

“Então com quem vamos?” eu perguntei, confusa.

“Matt.”

“Matt!”

Ela sorriu com um sorriso que dizia: eu-estou-caidinha-por-ele.

“Ele não é tão esnobe quanto parece.”

“Eu sei. Quem imaginaria?!”

“Ele nunca andou num trator antes,” Becky disse. “Você acha que ele diz isso para todas as garotas?”

“Não Becky, eu acho que ele falou sério!”

“Vamos Becky,” Matt chamou, como ele chamava Trevor.

“Eu alcanço você em um minuto,” eu disse.

Eu estava ajudando Jameson com o último saco de lixo quando Alexander desceu as escadas, usando uma capa, cabelo puxado para trás e dentes de vampiro falsos.

“Meu vampiro dos sonhos,” eu disse.

Ele me puxou para perto, no corredor.

“Você tentou me salvar essa noite,” ele disse. “Eu vou ser eternamente grato.”

“Eternamente,” eu disse com um sorriso.

“Espero poder devolver o favor algum dia.”

Eu ri enquanto ele mordiscava meu pescoço.

“Eu não quero ir,” eu choraminguei. “Mas Becky está me esperando. Vejo você amanhã?” Eu perguntei. “Mesmo bat-horário? Mesmo bat-canal?”

Ele me levou até a porta e me mordeu de mentirinha no pescoço com seus dentes de vampiro.

Eu ri e tentei puxar os dentes falsos da boca dele.

“Ai!,” ele exclamou.

“Não é pra você passar super-cola neles!”

“Raven, você ainda não acredita em vampiros, acredita?” ele perguntou.

“Eu acho que você me curou disso,” eu respondi. “Mas eu vou manter o batom preto.

Ele me deu um longo e apaixonado beijo de boa noite.

Enquanto eu me virava para sair, eu notei o espelhinho compacto com um monograma da Ruby na soleira da porta e peguei. Eu abri para arrumar o meu batom. Eu vi a porta aberta da Mansão refletida no seu espelho.

“Bons sonhos,” eu ouvi Alexander dizer.

Mas ele não apareceu no espelho.

Eu me virei. Alexander estava claramente parado na soleira da porta. Mas quando eu chequei o espelho de novo, ele tinha sumido!

Quando eu virei de novo, eu encontrei a maçaneta de serpente me encarando. Eu bati desesperadamente.

“Alexander! Alexander!”

Eu me afastei da porta desacreditada. Eu dei alguns passos para trás e olhei para cima para o sótão. A luz acendeu.

“Alexander!” eu chamei.

Ele espiou por detrás das cortinas. Meu cara gótico, meu parceiro gótico, meu príncipe gótico, meu cavaleiro da noite. Olhando para mim, distante. Ele tocou a janela com a palma da sua mão. Eu permaneci imóvel. Conforme eu comecei a fazer menção de ir até ele, ele se afastou da cortina e a luz sumiu.

Capítulo 22 - Fim da Linha

Meu sonho de criança tinha se realizado, mas era mais um pesadelo do que eu podia ter imaginado. Eu fiquei acordada a noite inteira, tentando absorver tudo.

O cara por quem eu estava apaixonada era realmente um vampiro? Eu iria passar a eternidade como um ghoul?

Eu não reagi a isso do jeito que eu sempre sonhei. Eu não peguei o telefone para ligar para a CNN. Na verdade, o caminho inteiro da carona com a Becky eu não disse uma palavra, apenas encarei pela janela, desacreditada, enquanto ela flertava com o Matt.

Em casa eu me tranquei no meu quarto. Eu procurei meus livros de vampiro por respostas, mas não achei nenhuma. Eu re-ensaiei dizer para ele que eu ama ele, não importava quem ou o que ele era. Que o segredo dele estava seguro comigo. Mas eu estava preparada para largar tudo que eu conhecia? Trocar meu mundo pelo dele? Deixar meus pais? Becky? Até mesmo Billy Boy? Eu encarei o meu reflexo no espelho, como se fosse a última vez.

Eu passei o outro dia no cemitério, passando na frente do monumento da baronesa. Tão cedo o sol despontasse atrás das árvores, eu iria para a Mansão.

Quando eu cheguei na colina, eu notei o portão trancado. Eu escalei a grade para encontrar a Mansão ainda mais misteriosa e vazia que o normal. A Mercedes não estava ali e as luzes estavam apagadas. Eu toquei a campainha. Repetidamente. Eu bati com a maçaneta de serpente. Ninguém respondeu. Eu espiei através da janela da ala. Lençóis brancos estava em cima dos móveis. Eu corri para a parte de trás e pressionei meu nariz na janela do porão. As cestas de terra não estavam mais lá!

Meu coração afundou. Eu não podia engolir.

Eu alcancei o tijolo solto que eu havia usado formalmente para invadir antes. Mas quando eu puxei, um envelope com o meu nome escrito caiu.

Eu corri para o portão da frente e segurei a carta embaixo da luz. Eu vi meu nome claramente.

Eu puxei um cartão preto. Em letras vermelho sangue quatro simples palavras: PORQUE EU AMO VOCÊ.

Eu acaricieei as palavras com a ponta dos dedos e segurei a carta no meu coração. Lágrimas caíam do meu rosto enquanto eu escapava pelo portão da Mansão.

Era como se uma estaca tivesse sido enfiada no meu coração.

Passarinhos cantaram acima da minha cabeça e eu olhei para cima para vê-los pairando sobre as árvores. Um deles deu um mergulho e pousou no portão de ferro.

Era um morcego.

As asas permaneciam solenemente paradas, enquanto fixava seu olhar em mim. A sua sombra proeminente no chão, a sua respiração junto com a minha. Morcegos são cegos, mas este parecia estar encarando diretamente a minha alma.

Eu alcancei devagar. “Alexander?”

E então, ele saiu voando.

FIM!!!!

Créditos: Comunidade Traduções de Livros

(<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=25399156>)

Tradutoras: Gabriela Oliveira (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=7385215443624742818>), Patrícia Costa,

(<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=18439340580223690197>)

Raíssa Sampaio (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=15300688209392728422>), Isadora (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=9934827095267648227>), Karen (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>), Daniela (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>),

Raíssa Sampaio (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=15300688209392728422>), Isadora (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=9934827095267648227>), Karen (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>), Daniela (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>),

Raíssa Sampaio (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=15300688209392728422>), Isadora (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=9934827095267648227>), Karen (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>), Daniela (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>),

Raíssa Sampaio (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=15300688209392728422>), Isadora (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=9934827095267648227>), Karen (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>), Daniela (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>),

Raíssa Sampaio (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=15300688209392728422>), Isadora (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=9934827095267648227>), Karen (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>), Daniela (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=6646496464279064244>),

uid=2396949496761333004), Babi (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=13198215992748096444>), Babi Fas (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=3827461730037308404>), Desi Raven (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=2438692633390149694>), Débora M. (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=10516963217382300283>).